

S T E P H A N M . N A R D I

E V E L Y N T O R R E

Ossos Cruzados



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ossos Cruzados

Stefan M. Nardi

Traduzido por Evelyn Torre

“Ossos Cruzados”

Escrito por Stefan M. Nardi

Copyright © 2017 Stefan M. Nardi

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Evelyn Torre

Design da capa © 2017 Keira Nagali

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Para minha querida Kat e meus incríveis irmãos Jacob & Aaron.](#)

[Sem seu apoio e feedback, eu provavelmente ainda estaria no capítulo um. | E para meus maravilhosos pais que liam para mim todas as noites e me deram o amor pelas histórias.](#)

[Nós precisamos nos aventurar para saber a que lugar de fato pertencemos.](#)

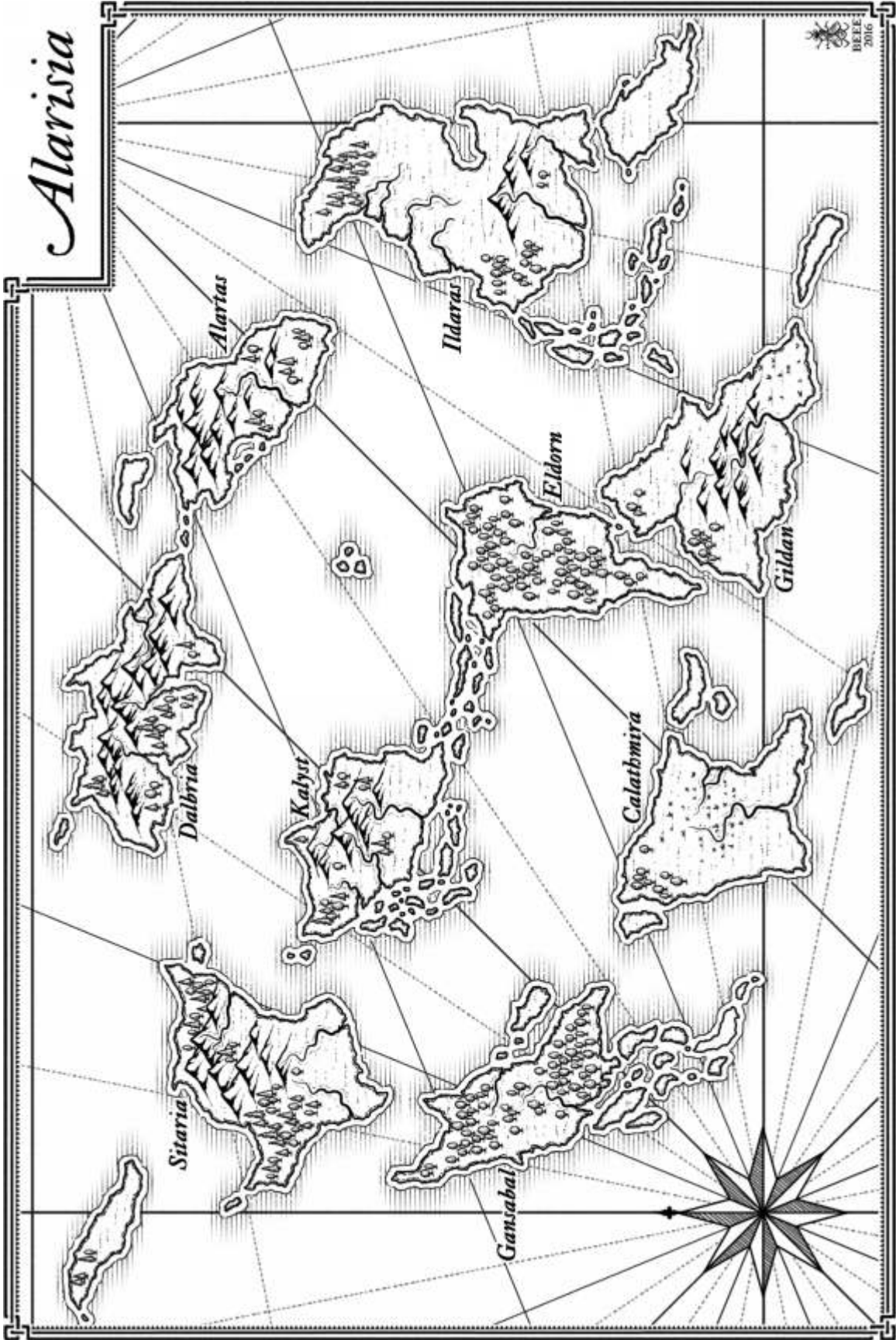
[PARTE UM](#)

**Para minha querida Kat e meus
incríveis irmãos Jacob & Aaron. Sem
seu apoio e feedback, eu
provavelmente ainda estaria no
capítulo um.**

**E para meus maravilhosos pais que
liam para mim todas as noites e me
deram o amor pelas histórias.**

**Nós precisamos nos aventurar para
saber a que lugar de fato
pertencemos.**

Alarisia



PARTE UM

Capítulo Um

Um começo difícil

Raios atravessavam do céu, iluminando o oceano abaixo. A chuva caía como uma cortina sobre o barquinho, martelando o convés de madeira. O mar subia, com grandes ondas, vindo de suas profundezas, ameaçando destruir o barco. O Fênix Negra pulava no mar, lançado de uma onda a outra.

Eldric Whittaker estava empoleirado no topo do navio, tentando arrumar as velas para recuperar um pouco do controle. Ele estava encharcado da cabeça aos pés, os longos cabelos negros enrolados em tufo em volta da cabeça, pingando água em seu peito desnudo. A calça molhada o forçava para baixo, tornando ainda mais difícil de manter o equilíbrio. Eldric amarrou a última vela e suspirou de alívio.

Avisou ao irmão que precisavam de uma tripulação desde o início, e avisou que algo assim poderia acontecer. Mas Dean insistiu que podiam fazer sozinhos e encontrar uma tripulação na viagem. Má ideia.

Ele segurou firme no mastro ao descer. Um movimento errado o faria derrapar pelo navio, talvez até para a morte. Ficou no convés, segurando o mastro para ter apoio enquanto vento e chuva dilaceravam sua pele e suas roupas. Na popa, ele conseguia ver o irmão lutando com o leme. Não dava para ter certeza pela chuva, mas poderia jurar que o idiota estava sorrindo. Sim, ele iria matá-lo por isso.

De repente, o navio tombou para um lado, Eldric agarrou com mais força o mastro, como se sua vida dependesse disso. Dean saiu voando pelo convés, detido momentos depois pela corda amarrada na cintura. Eldric assistiu sem fôlego seu irmão ser arremessado ao redor do convés. Dean conseguiu rolar e voltar para o leme.

Ambos haviam sobrevivido até agora, mas precisavam sair dali antes que um deles fosse morto. Ele verificou que sua corda estava firme e depois soltou o mastro. Ele cambaleou, indo em direção a seu irmão. Derrapou algumas vezes, mas conseguiu chegar até onde Dean esperava.

Eldric olhou para seu irmão através da cortina formada pela chuva.

— Eu disse que precisávamos de uma tripulação! — gritou Eldric — Mas não... "*Podemos fazer isso sem ajuda*" você disse. "*Vamos encontrar tripulação ao longo do caminho*" você insistiu. Claro Dean, ótima ideia. Agora veja onde estamos!

Dean voltou-se para Eldric e lançou um sorriso breve, mas gigantesco. O cabelo castanho curto de Dean espichava para baixo como um esfregão molhado, logo acima de seus olhos. Um fluxo contínuo de água havia se formado na parte de baixo de seu cavanhaque, pingando em sua camisa. Se a situação não tivesse sido tão séria, Eldric teria explodido de rir com a imagem.

— Onde está o seu senso de aventura, irmãozinho?

Eldric olhou para ele por um momento mais, perguntando-se se ele poderia socá-lo sem cair. Ele decidiu deixar passar.

— Ele caiu ao mar, pouco antes de eu quase fazer o mesmo. Agora, apresse-se e amarre o leme, precisamos ir para debaixo do convés antes que um de nós caia de verdade.

O queixo de Dean caiu.

— Estraga-prazeres. — murmurou ele.

Dean agarrou uma corda da amurada ao lado dele e fixou o leme no lugar.

— Isso deve dar. — gritou Dean.

— Bom, vamos sair daqui então.

Não havia nada para eles se segurarem entre o leme e a escada que dava nas cabines, então tiveram que agachar e rastejar para evitar serem jogados ao mar. O navio chacoalhava com violência enquanto os garotos, devagar, seguiam através do convés. Eles deslizavam e deslizavam enquanto se moviam. Eldric rezou para que o navio não revirasse de novo e os enviasse para o mar.

Eldric estava um pouco à frente de Dean quando ouviu seu irmão soltar uma série de palavrões. Ele se virou e lançou um olhar questionador ao irmão.

— O que foi? — ele gritou.

— Minha corda não vai ser suficiente, me esqueci de trocar.

A mente de Eldric acelerou, eles precisavam pensar em algo logo. Com certeza não poderiam ficar ali. Não havia nada para servir de apoio por perto. De repente, o rosto de Dean se iluminou.

— Você ainda está com sua faca?

Eldric ficou intrigado.

— Tenho, por quê?

— Volte aqui. Tenho uma ideia.

Eldric fez o que o irmão mandou e os dois se afastaram da linha que vinham traçando. Depois de alguns metros, Dean parou, Eldric deslizou ao lado dele e puxou a faca de sua banda.

— Tá, isso deve funcionar, agora me passe a faca e se agarre à corda em torno da minha cintura. Aconteça o que acontecer, não solte.

Eldric fez como ordenado entregou a faca. Dean uniu depressa as cordas e depois as cortou.

— Agora se vire para que eu possa amarrar essa na sua. Eldric se virou e Dean amarrou as duas cordas.

— Bom, agora vamos. Rápido antes que a tempestade fique pior.

Minutos depois, eles passaram pela porta que levava às cabines. Eldric cortou as cordas, jogou de volta no convés e fechou a porta com força, bloqueando a forte tempestade. Os irmãos caíram no chão um ao lado do outro. Eldric virou-se para encarar o irmão.

— Assim que tiver forças para sair do chão, vou matar você.

Dean vestiu sua expressão mais inocente:

— Ei, não me culpe, você concordou que seria uma boa ideia também.

— Erro meu. — respondeu Eldric sem rodeios.

Os irmãos se entreolharam por um minuto, e então Dean soltou uma gargalhada. Era apenas o segundo dia de sua viagem e já estavam em apuros. Ambos sentaram-se no chão. Eles estavam completamente encharcados, e o navio estava sendo revirado na tempestade como um brinquedo. Era a aventura com que haviam sonhado, e quando Eldric deitou-se de frente para o irmão, não pode evitar, eles pareciam ridículos, e também começou a rir.

Ficaram ali alguns segundos mais, rindo. Dean sentou-se e levantou-se. Cambaleou um pouco até ganhar equilíbrio e estendeu

a mão para Eldric.

— Vamos, irmãozinho. Ainda temos o que fazer. Vamos vestir roupas secas.

Eldric agarrou a mão de Dean e se ergueu. Eles cambalearam pelo corredor em direção a seus quartos.

Em seu quarto, Eldric olhou pela pequena janela, a tempestade estava piorando. Piorando muito. Uma série de relâmpagos iluminou a noite.

— Que droga, isso não é bom. Dean...

Isso foi o máximo que conseguiu enunciar antes de sair voando pelo quarto e tudo ficar preto.

Capítulo Dois

Despertar Rude

A primeira coisa que Dean percebeu quando acordou foi um latejar na cabeça no ponto onde havia batido na quina do beliche. A segunda coisa que ele notou foi um tanto mais preocupante. Ele não estava sozinho no lugar. Abriu os olhos devagar e olhou para cima.

— Bom dia, flor do dia! — falou a figura peluda acima dele.

A última coisa que viu foi um punho voando na direção dele. Houve uma explosão de dor e depois escuridão outra vez.

Capítulo Três

Ferro Gelado

Dean estava cercado pela escuridão. Ele estava certo de que seus olhos estavam abertos, mas não conseguia enxergar nada. Dois pequenos reflexos apareceram na frente dele. Aos poucos, eles cresceram e tornaram-se pequenas bolas de fogo, a da esquerda possuía um brilho azul, enquanto a da direita era laranja. Dean estendeu a mão para a bola azul e recuou em instantes quando as chamas aumentaram e pegaram as pontas dos seus dedos. Esperava que fosse quente, mas, em vez disso, as chamas eram geladas como gelo.

Uma longa risada ecoou no vazio. O som envolveu Dean, fazendo-o tremer enquanto enchia a escuridão.

— Pobres meninos tolos. Se soubessem quem eram seus pais. O que fariam então?

Uma segunda voz cortou a primeira. Esta era estridente, feminina, mas ainda tão sinistra quanto a primeira.

— Sim, pequeno Dean, o que você faria?

Dean começou a tremer ainda mais, quando o riso da segunda voz se juntou ao primeiro. Seus olhos se abriram. Ele olhou para cima e encontrou Eldric inclinando-se sobre ele, sacudindo seus ombros.

— Bem-vindo de volta.

Sua cabeça latejava, e o nariz parecia como se tivesse sido atingido por uma marreta.

Dean olhou em volta, o quarto em que estavam era pequeno e úmido. Tinha teto de madeira e paredes curvas. Eles estavam no porão de um navio, e não estavam sozinhos. Estavam rodeados por uma massa de rostos. Muitos deles sujos e desgrehados como se não vissem água limpa há semanas e suas roupas pareciam quase tão rasgadas e esfarrapadas quanto seus espíritos. Ele percebeu que eram escravos e ficou, de repente, grato por não poder cheirar nada por conta do sangue no nariz.

— O qu...? Onde estamos?

Eldric ergueu os braços e mostrou a Dean as correntes que os prendiam.

— Navio de escravos. — murmurou ele, sombrio.

Dean olhou para os braços e percebeu que estavam igualmente presos.

— Como? — perguntou.

— Não sei. Fui nocauteado durante a tempestade e acordei com a encantadora visão de uma pistola apontada para a minha cabeça. A julgar pelo galo na sua cabeça eu diria que você também foi nocauteado e, pelo resto do seu rosto, diria que não o acordaram com uma pistola?

Dean fez uma careta

— Não, não exatamente.

Só então uma cabeça surgiu atrás de Eldric. O recém-chegado olhou de forma estranha para Dean.

— Como ele está? — perguntou o estranho.

— Ele está bem. — respondeu Eldric. — Dean, este é Erasmus Santiago. Ele é um mago.

O homem saiu de detrás de Eldric. Dean olhou para ele de cima a baixo. Erasmus era um homem gigante. Ele precisava se agachar para não bater a cabeça no teto. Tinha uma barbicha preta e desgrenhada e usava um lenço sujo na cabeça, alguns cachos de cabelos pretos crespos escapavam por debaixo do lenço. Ele estava vestido com calças e uma camisa larga. Embora estivessem sujas e arruinadas, era perceptível que as roupas eram de alguém da alta sociedade.

— Aqui, coma isso.

Erasmus tirou um maço de folhas do bolso e entregou a Dean. Dean cheirou antes de lembrar que ainda não conseguia cheirar nada.

— Coloque na boca e mastigue, vão ajudar com a dor. — Erasmus instruiu.

Dean fez o que Erasmus pediu, não tinha um gosto muito ruim. Depois de alguns momentos, começou a sentir a dor em sua cabeça diminuir. Sorriu para Erasmus com apreço.

— Então, você é um feiticeiro? — perguntou Dean com a boca ainda cheia de folhas.

— Sim. Elemental para ser exato. — respondeu Erasmus.

Os irmãos trocaram um olhar. Magos elementais eram raros e ocupavam posições de grande importância. Isso explicava as roupas.

— Como um Elemental como você conseguiu acabar num navio como este? — questionou Dean.

— Estava a bordo de um navio diplomático. Ficamos presos em uma tempestade feroz, e nosso navio foi destruído. Consegui me agarrar a um pedaço dos escombros e acabei em uma praia. Cometi o erro de fazer sinal para este navio, e estou aqui desde então.

O rosto de Dean se iluminou com as palavras. Em sua cabeça, o começo de uma ideia se formava.

— Ah, então você viu o navio quando foi trazido a bordo? — ele disse com um sorriso.

Um olhar intrigado percorreu o rosto de Erasmus.

— Bem, uma parte dele.

— Excelente, então precisamos de detalhes. Qual é o tamanho? Quantos homens? Que tipo de armas os homens carregavam?

A mente de Dean começou a fervilhar conforme refletia, ele precisaria de todas as informações que conseguisse para que sua ideia funcionasse. Alguns dos outros escravos lançaram olhares estranhos quando um sorriso dominou seu rosto. Como poderia qualquer homem que acabara de acorrentado no porão de um navio escravo, ter tal expressão no rosto? A mesma expressão de confusão se espalhou pelo rosto de Erasmus também.

— É... Bem, era um navio grande, eu vi talvez uns cinquenta homens no convés, mas acredito que possa haver mais. As únicas armas que vi foram pistolas e espadas e talvez alguns mosquetes.

— Excelente. — Dean falou resplandecente.

— Dean... O que está planejando?

Eldric conhecia seu irmão o suficiente para adivinhar que tudo o que saísse daquela cabeça seria incrivelmente espetacular e incrivelmente estúpido ao mesmo tempo. Existia a possibilidade de que fosse muito divertido também. Dean virou o sorriso maníaco para o irmão. Ele estava quase que pulando de excitação.

— Ora, nossa fuga é claro.

— Ah, por favor, continue então. — disse Eldric cheio de ironia.

Erasmus olhou de um para o outro, perplexidade em seu rosto.

— Você me ouviu direito quando eu falei cinquenta homens, não ouviu? Como vocês dois vão lutar com cinquenta homens e depois escapar? Estamos no meio do maldito oceano.

O sorriso de Dean cresceu ainda mais.

— Ah, eu não planejo escapar... Eu pretendo tomar o navio.

Eldric soltou uma gargalhada. Erasmus ficou sentado lá atordoado, sem palavras.

— Feche a boca Erasmus, os ratos vão entrar se você deixar assim aberta. — brincou Dean, sua voz recheada de sarcasmo. — E não vamos lutar contra cinquenta homens sozinhos. Os outros escravos vão nos ajudar. Além disso, temos um feiticeiro.

Erasmus ergueu as mãos em protesto.

— Em primeiro lugar, eu não posso fazer magia sem meu cajado para me concentrar, se eu tentar, provavelmente vou matar todos aqui. Em segundo lugar, digamos que tomemos o navio, e depois?

— Bem, o navio precisa estar em curso para algum lugar, continuamos até esse destino, libertamos os outros escravos e velejamos em direção pôr do sol. Quanto ao seu cajado, estava com você quando o trouxeram a bordo?

— Sim, estava, mas o pegaram, e não tenho ideia do que fizeram com ele depois disso.

Eldric continuou a observar a conversa com diversão.

Dean sorriu.

— Fantástico. Está resolvido então, nós pegamos o cajado do feiticeiro, acabamos com os senhores de escravos e pronto. Alto-mar e felicidade.

— Ótimo plano. — Erasmus disse com sarcasmo. — Não está se esquecendo de uma coisa?

Ele ergueu as mãos e sacudiu as correntes que pendiam ali.

— Ah, claro. Um momento.

Dean se pôs de pé e agarrou as correntes das suas mãos. As correntes eram feitas de ferro. Não parecem ser muito fortes, mas o suficiente para que um homem não fosse capaz de parti-las sozinho.

Consistiam em dois grilhões e uma longa corrente que ia de um prisioneiro ao outro, unindo-os. Dean pigarreou e olhou para a multidão de rostos sem esperança diante dele. Todos os escravos se viraram para encará-lo, muitos deles o olharam com cautela. Uma mãe puxou seus filhos para mais perto dela.

— Senhoras e senhores, meu nome é Dean Whittaker. Sou Capitão de um navio pirata, o Fênix Negra. Eu também sou o homem que está prestes a libertá-los. Podem sentir um ligeiro frio em suas correntes, mas se suportarem comigo, os soltarei em um momento.

Uma onda de olhares e murmúrios perplexos varreu o porão. Erasmus inclinou-se para Eldric.

— Ele é louco?

Eldric sorriu.

— Provavelmente, sim. Apenas olhe.

Dean fechou os olhos, as mãos ainda segurando a corrente. Erasmus sentiu as correntes resfriarem, olhou para baixo e viu geada se formando sobre elas. Seus olhos esbugalharam como pires. Um suspiro de espanto encheu a sala.

Dean as soltou e, em seguida, balançou-as contra a parede, as correntes quebraram e caíram em uma pilha de cacos minúsculos a seus pés. Ele se virou para Erasmus e estendeu as mãos.

— Viu? Sem problemas.

Erasmus apenas o encarou.

— Isso... Isso foi... Foi magia Fae. Isso é impossível.

Eldric sorriu para Erasmus. Ele estalou os dedos e chamas brotaram em sua mão, dançando em sua palma. Dean riu da expressão de descrença no rosto de Erasmus.

— Certo. Agora quantos conveses você falou que este navio possuía?

Capítulo Quatro

Toc Toc

Janos Salt inclinou-se contra o batente da porta. Ele odiava ficar de guarda. Era chato, e não era como se os escravos planejassem ir para qualquer lugar. Estavam acorrentados e, além disso, estavam no meio do oceano. Eles não tinham para onde fugir.

Soltou um suspiro. Ele teria preferido muito mais estar no navio que haviam acabado de capturar daqueles dois idiotas. Parecia muito mais agradável, e não havia quase ninguém lá para irritá-lo. Além do mais, não havia escravos para vigiar. Pelo menos era uma noite quente e agradável, mesmo que o céu estivesse nublado. Uma lua cheia se pendurava no céu noturno, lançando sua luz através de todo o navio enquanto brincava de se esconder e aparecer por detrás das nuvens.

Ele acabara de fechar os olhos quando ouviu um estranho som de pancada. Saltou de pé, de repente alerta. Olhou ao redor do convés do navio. Ninguém mais parecia ter ouvido. Ou pelo menos não davam qualquer indicação que ouviram algo.

Toc Toc.

Lá estava mais uma vez. Ele se virou quando percebeu que estava vindo da porta do porão de escravos. Ele se aproximou da porta. Nada. Ele decidiu que chamar era a opção mais segura.

— Olá? Tem alguém batendo?

Houve silêncio por um momento e depois uma voz gritou de volta:

— Sim, precisamos de ajuda, o navio está se enchendo de água.

Janos começou a entrar em pânico. Ele não sabia o que fazer. Não queria avisar aos outros, e se fosse apenas um alarme falso? Pensariam que ele era um idiota. Mas e se o navio estivesse mesmo afundando? Então poderiam se afogar por causa dele. Ele decidiu que iria descer e dar uma olhada e então, chamar por ajuda se necessário. Ele tirou a espada e andou até a porta.

— Certo, fique de costas contra a parede, vou entrar.

Ele se atrapalhou com as chaves e conseguiu colocá-las na fechadura. Quando abriu a porta, a última coisa que Janos Salt viu foi uma coluna de chamas correndo em sua direção. As chamas envolveram o marinheiro desavisado e o queimaram. E assim, a vida de Janos Salt terminou. Marinheiro, guarda e imbecil.

Capítulo Cinco

Fuga

Eldric atravessou as chamas e passou sobre o cadáver carbonizado do guarda morto. Dean e Erasmus seguiram a alguns passos de distância. Ao passar, Dean cutucou o corpo do guarda com o dedo.

— Não era o tipo mais brilhante, não era? É um pouco difícil que entre água no convés de um navio três níveis acima do nível do mar.

Erasmus grunhiu seu acordo.

Ao ouvir a comoção criada pela morte do guarda, o resto da tripulação correu em direção a eles. Dean, Eldric e Erasmus estavam de pé, rodeados pelos escravos com as costas voltadas para a porta da qual haviam acabado de emergir. O som de dezenas de espadas sendo desenhadas preenchia o ar quente da noite. Dean deu um passo à frente.

— Cavalheiros, meu nome é Dean Whittaker, Capitão... — Eldric pigarreou alto por detrás de Dean. Dean revirou os olhos. — Desculpe, co-capitão do Fênix Negra. Agora, vendo como tão grosseiramente embarcaram em nosso navio e nos acorrentaram, pegaremos emprestado este navio. Se baixarem suas armas, os deixaremos vivos.

Houve um silêncio atônito por um momento e, em seguida, um riso estridente encheu a noite quando o que Dean havia acabado de dizer foi assimilado. Um dos marinheiros deu um passo à frente. Ele era um sujeito grande e musculoso e trazia um sorriso confiante no rosto. Ele segurou sua espada sem muita força na mão direita, e a esquerda descansava no gatilho de uma pistola que estava enfiada na faixa em sua cintura.

— Meu nome é Domenico Carbara, Primeira Companhia a bordo deste navio, e se você acha que irá tomar este navio, então está muito enganado.

Dean sorriu.

— Então, isso é um não, não é?

Antes que as palavras saíssem de sua boca, Domenico se virou para ele. A lâmina da espada brilhou no luar enquanto rasgava pelo ar. Dean saltou para trás, os pés pousando com agilidade no convés de madeira. A espada voou por ele, o perdendo por milímetros. Ele riu enquanto uma lâmina de gelo brilhante se formava em sua mão. Domenico hesitou, os olhos se arregalaram diante da visão mística diante dele.

Dean aproveitou a oportunidade. Empurrou a lâmina agora completamente formada através do peito de Domenico. A lâmina desapareceu na frente do homem, reaparecendo em suas costas. Um olhar de confusão se espalhou por seu rosto enquanto olhava para a crescente flor de sangue que se espalhava por sua camisa. Dean puxou a lâmina de volta, e o homem caiu no chão, uma piscina de sangue se formava depressa ao redor do cadáver.

Foi nesse ponto que tudo enlouqueceu. Os marinheiros ficaram atônitos com o que acabava de acontecer para notar que os outros escravos agora se reuniam na entrada. Os escravos, encorajados pela morte de um de seus captores pelas mãos de seu salvador, soltaram um grito poderoso e avançaram. Eles se lançaram sobre os marinheiros com a ferocidade de homens que não tinham mais nada a perder. As únicas armas que possuíam eram as correntes quebradas das quais haviam sido libertados.

Usaram as correntes para bater e espancar os escravizadores, os sons da batalha encheram o ar enquanto marinheiros lutavam de volta. O choque de metal contra metal, os gritos de moribundos. De algum lugar, um alarme começou a soar, e mais marinheiros subiram apressados vindos das plataformas inferiores. Uma névoa sangrenta encheu o ar, e o convés ficou manchado de sangue e tripas conforme escravos e escravizadores, lutavam por suas vidas.

No centro de tudo, Dean girava e torcia sua lâmina que cintilava e cortava homem após homem. De sua mão livre voavam bolas azuis de magia, pedaços de gelo se formavam onde elas atingiam. Eldric agarrou a espada que Domenico havia deixado cair no convés. Ele balançou a espada para o marinheiro mais próximo, fazendo um grande arco no ar. Quando o fez, uma faísca ardente explodiu ao longo do arco, atingindo qualquer um em seu caminho. Tanto amigo

como o inimigo. Eldric ficou em estado de choque com o que acabara de acontecer. Erasmus arrancou a espada de sua mãos.

— Me dê isso, isso não é uma espada, garoto. É meu cajado. Tem sorte de não ter matado a todos nós.

Eldric agarrou outra espada no chão e se lançou de volta à briga. Haveria muito tempo mais tarde para que as perguntas fossem respondidas. Na confusão da batalha, Eldric viu outro navio, menor, deslizando ao lado deles. Som de tiros disparando soava através do barulho da batalha enquanto a tripulação do segundo navio atirava com seus mosquetes na direção da briga.

Eldric sorriu.

Reconheceria aquele belo barco em qualquer lugar. Era o Fênix Negra. Uma explosão de luz iluminou a noite quando Erasmus disparou uma coluna de chamas flamejantes.

— Ei, olhe, é o meu navio que você está queimando, faça seus próprios truques. Fogo é a minha praia.

Erasmus fez uma careta para ele.

— Faça isso desde que você usava fraldas.

Eldric sorriu e saiu em direção à amurada. Erasmus correu atrás dele. Eldric correu para a amurada e sem pestanejar, saltou para o navio. Ele usou o impulso para lançar-se novamente. Ele saltou pelo espaço entre os dois navios e caiu no convés do navio menor. Quando ele desceu, continuou a rotação e saltou ao lado do grupo de pistoleiros que tentavam recarregar seus mosquetes de forma rápida.

Agarrou o punhal do mais próximo deles e o passou pelo pescoço do marinheiro. Sangue brotou da garganta do homem, que caiu no chão com um grito estrangulado. Eldric torceu e empurrou a adaga no pescoço do homem seguinte, e usou a mão livre para agarrar a pistola da cintura dele. O marinheiro agarrou a adaga em seu pescoço enquanto o sangue jorrava da ferida, e logo seguiu o outro homem para o convés. Eldric mal notou enquanto se virava e apontava a pistola para o próximo marinheiro, rezando para que estivesse carregada. Um som agudo de algo se rachando cortou o ar da noite, seguido de um jato de sangue enquanto a bala atingia o

crânio do homem como um martelo. Sangue e tripas esguicharam no chão atrás dele.

O último marinheiro já havia desistido de seu mosquete e havia desembainhado a espada. Ele correu para Eldric. Eldric se virou e abaixou-se sob o homem desesperado, levantando a mão até o peito do homem. Usando sua magia, lançou o marinheiro voando para trás em uma explosão de fogo, seu corpo carbonizado, caiu no convés com um baque.

Eldric se pôs de pé a tempo de ver Erasmus aterrissando atrás dele em um rolamento desajeitado. Ele ofereceu a mão e ajudou o mago a se levantar. Erasmus olhou em volta para os corpos dos marinheiros caídos.

— Você poderia ter deixado pelo menos um para mim.

Eldric sorriu para ele.

— Da próxima vez vou pedir para esperarem até que você chegue, talvez tomemos um ou dois copos de rum enquanto o esperamos.

Erasmus riu.

— Viu Dean no caminho?

— Não exatamente, a última vez que o vi, ele estava retalhando escravizadores. O homem é imparável com aquela lâmina.

Capítulo Seis

O Capitão

Dean forçou o caminho através dos escravizadores. Arremessava sua espada para trás e para frente, cortando e esfaqueando, a lâmina gelada revestida com sangue. Os pés dele moviam-se com a graça e a destreza de um dançarino conforme girava e se virava, batendo de leve no convés em um ritmo quase hipnótico. Despachou seu último adversário com um movimento de pulso, a espada cortou a garganta do homem derramando mais sangue no convés. E, de repente, pelo que pareceu ser a primeira vez em horas, tudo ficou em silêncio. Dean parou e olhou ao redor do navio.

O convés estava coberto de sangue e vários outros líquidos. Estava cheio de cadáveres de escravos e escravizadores mortos. Alguns homens ainda lutavam, mas, na maior parte, os antes escravos haviam prevalecido. De repente, um grito ecoou atrás dele e ele girou para encontrar um dos escravos em pé a alguns metros atrás dele.

Do meio do peito do homem, a lâmina de uma espada sobressaía, cercada por um crescente círculo de sangue. Enquanto Dean observava, a lâmina retraiu e ele caiu no convés. Onde o homem antes estava, agora se via um dos escravizadores. O homem era alto e trazia um ar de confiança que nenhum dos outros possuía. Dean soube de imediato quem ele era.

— Presumo que seja o capitão deste navio? — falou com acidez.

O homem tirou os olhos do corpo do escravo morto e olhou para Dean. Um olhar estranho apareceu em seus olhos. Dean poderia jurar que era medo. Ele supôs que deveria estar com uma aparência muito assustadora agora. Estava salpicado com o sangue dos homens que matou, e sua lâmina maligna brilhava sob o luar. O homem ficou encarando Dean.

— Não pode ser você — o homem suspirou —, você está morto. Eu matei você há anos.

Dean lançou ao homem um olhar intrigado.

— Bem, da última vez que chequei eu ainda estava vivo, pode tentar de novo, se quiser.

O homem saiu de seu devaneio e avançou em Dean. Foi um movimento imprudente e Dean o evitou sem problemas, girando sua espada mais uma vez. A espada cortou o ar fresco da noite, acelerando em direção ao pescoço do capitão. Apesar de sua imprudência inicial, o homem era bom. No último segundo, ele se virou e girou a espada, parando o movimento de Dean. O som do gelo golpeando o metal cantou através do convés. Os dois homens se olharam nos olhos enquanto travavam espadas, ambos avaliando o oponente a sua frente. Dean sorriu e saltou para trás, aterrissando a alguns metros de distância.

Em sua mão esquerda, Dean usou seus poderes para formar uma adaga. O capitão sorriu e puxou a sua própria. Os dois homens se rodearam esperando que o outro se movesse. Dean cansou-se de esperar e saltou para frente empurrando a espada para o peito do homem. O capitão bateu na espada de Dean jogando-a para o lado. Os dois quase se chocaram, as armas como um borrão pelos movimentos.

Mais uma vez o ruído do metal com gelo encheu o ar.

As lâminas brilhavam ao luar, giravam, retorciam e giravam enquanto os dois lutavam, tentando encontrar um buraco na defesa do outro. O borrão do movimento parou quando os dois homens travaram espadas de novo. O capitão era bom. Dean era melhor. Dean afastou-se dele, e cortou sua perna com a adaga. O capitão gritou de dor e cambaleou. Balançou de forma cega para a esquerda. Dean pegou a lâmina.

O capitão recuperou o equilíbrio. Virou-se para encarar Dean. Empurrou a adaga para cima e sob a espada de Dean que o empurrou para trás. A lâmina perdeu seu destino, mas ainda conseguiu raspar em seu flanco. Dean rugiu de dor. Ele saltou para frente mais uma vez, fechando depressa a lacuna entre eles. Dean estava furioso. Ele se lançou no capitão com ferocidade renovada, investindo dezenas de golpes sobre ele. O homem recuava com cada golpe. O medo de volta em seus olhos.

Com um rugido, Dean investiu a lâmina para baixo. O capitão pegou a lâmina de Dean entre seu punhal e sua espada. Teve dificuldades sob o peso do golpe, as lâminas avançando aos poucos rumo ao seu corpo. De repente, ele se dobrou e caiu de joelhos. Olhou para baixo e encontrou o punhal de Dean saltando de seu estômago. Sua espada caiu de sua mão e bateu no convés. Dean ficou de pé em frente a ele. A espada descansava em sua mão. O capitão fez uma tentativa débil de cortar Dean com o punhal mas este esbofeteou o punhal que escorregou através do convés.

O capitão levantou a cabeça para olhar para Dean. O medo de volta em seus olhos. Dean olhou para ele

— Me diga seu nome.

O capitão olhou para ele com uma expressão confusa no rosto. Tossiu quando linhas de sangue escorriam das pontas de seus lábios.

— Como pode estar aqui? — sussurrou fracamente — Eu matei você. Há 12 anos, atingi seu coração e o joguei no mar.

— Acredito que está me confundindo com outra pessoa. Há 12 anos, eu era uma criança. Meu nome é Dean Whittaker e eu nunca o vi antes na minha vida.

Os olhos do Capitão se arregalaram pelo entendimento.

— Você é filho dele!

Ele começou a rir, mas em vez disso, saiu um horrível som borbulhante quando ele se engasgou com o próprio sangue. Caiu de costas, lutando por ar. Dean congelou com as palavras. Este homem conhecia o pai dele. A lembrança de seu sonho ressurgiu. Dean caiu de joelhos ao lado do homem e o colocou de lado.

— Não, você não pode morrer ainda, me diga com quem você está me confundindo? O que você sabe de meu pai?

O homem ficou deitado ali, ofegante. Ele proferiu apenas uma única palavra engasgada:

— Hibernis.

E com isso, seu corpo ficou mole.

Dean ficou onde estava, de repente coberto de exaustão. Passou um tempo antes que ele se movesse de novo. Ao levantar a cabeça percebeu que havia começado a chover. Alguém chegou e o pôs de

pé. Ele se virou para encarar o rosto de um jovem. Ele o reconheceu como um dos escravos que estava acorrentado perto dele. O homem não falou nada. Apenas sorriu para ele. Dean olhou em volta. A batalha havia terminado. Eles haviam vencido. O chão estava escorregadio pelo sangue, que já começava a se diluir sob a fria chuva.

Dean percebeu que estava se movendo, mantinha um braço em torno do outro homem e caminhavam em direção à parte de trás do navio. Não tinha certeza de onde o estavam levando. E na realidade, ele não se importava. A última coisa que lembra foi de cair em uma cama macia e então ser levado pelo sono. Pelo menos não foi nocauteado desta vez.

Capítulo Sete

Planos

Dean acordou e percebeu estar em uma cabine pequena. Estava esparramado sobre uma cama grande e confortável, seus ferimentos pareciam ter sido tratados, e a luz do sol entrava no cômodo pelas bordas das cortinas que cobriam a grande janela. Ele gemeu e sentou-se, o corte em seu flanco não era tão doloroso como pensou que seria. Ele jogou os cobertores de lado e ficou surpreso ao descobrir que estava nu. Rubor tomou conta de seu rosto quando percebeu que outra pessoa o havia despido.

Ele olhou ao redor e agarrou um par de calças e uma camisa que foram colocadas em uma cadeira no canto e logo os vestiu. Agora vestido, ele caminhou até a porta e a abriu. Viu-se olhando para um escritório grande e ornamentado. Uma parede era tomada, por completo, por uma grande janela que ia do chão ao teto, inundando luz do sol na sala. Diante da janela havia uma escrivaninha esculpida, na qual Erasmus e Eldric estavam sentados, mastigando sobre uma tigela de frutas enquanto estudavam papéis que cobriam a mesa. Eldric olhou para cima e sorriu ao ver Dean.

— Como é que eu sempre pareço acordar bem antes de você, querido irmão?

Dean retornou o sorriso de seu irmão.

— Dado o número de vezes que eu fui atingido no rosto nos últimos dias, o sono de beleza era necessário.

Eldric olhou para ele com conhecimento.

— Bem, não foi isso o que as garotas que fizeram seus curativos pensaram.

O rosto de Dean ficou de um vermelho brilhante. Eldric e Erasmus riram dele. Dean caminhou até a escrivaninha e puxou uma cadeira. Agarrou uma maçã da tigela enquanto se sentava. Não havia percebido o tamanho de sua fome até que começou a comer. Ele olhou pela janela para a vastidão do oceano atrás deles.

— Então, quem está cuidando do navio se vocês dois estão aqui?

— questionou Dean.

— Havia alguns marinheiros entre os escravos, eles estão cuidando disso. Alguns deles também estão no seu navio. — Erasmus respondeu.

— Alguma ideia de para onde estamos indo?

Eldric empurrou um dos papéis para ele, um mapa da costa de Sitaria.

— Achamos que estavam indo para cá. — comentou ele, apontando um ponto no mapa com o dedo. — Aldan, a capital de Sitaria e uma das poucas cidades civilizadas que ainda permite o tráfico de escravos.

Dean estudou o mapa, olhando para toda a extensão da costa.

— Se essa cidade não proibiu a escravidão, não podemos parar lá. Vão colocar todos de volta em correntes.

Ele olhou para Eldric e Erasmus. Eldric trazia uma expressão sombria no rosto.

É necessário ir até lá. Você se lembra de ouvir sobre a Guerra Civil em Sitaria há cerca de sete anos? O rei Raldar foi assassinado por seu irmão, Kaldorn, que então tomou a coroa para si. Bem, Kaldorn é um dos homens de confiança de Darius Shaide.

A expressão do Dean endureceu, Darius Shaide foi um dos sete Lordes Piratas, e parte da razão daquela viagem. Dean virou-se para olhar pela janela outra vez, pensando.

— Certo. Eldric, você e eu pegamos o Fênix Negra e vamos para Aldan. Erasmus, pode pegar este navio e seguir com os outros para Alartas. Estará seguro lá. O tráfico de escravos foi proibido anos atrás.

Eldric e Erasmus trocaram um olhar. Dean olhou de um para o outro.

— Por que eu tenho a sensação de que vocês dois já discutiram isso e criaram um plano diferente?

— Provavelmente porque é verdade. — Erasmus disse com um sorriso. — Você tem razão, aqueles que eram escravos não podem ir até Aldan. Assim que suas marcas forem vistas, acabariam acorrentados. No entanto, alguns dos últimos a serem capturados como nós, ainda não haviam sido marcados. Portanto, vou com

ocê. Um dos outros ex-escravos era capitão de navio mercantil antes de ser capturado. Ele levará o navio e os outros para Alartas.

— Você vem com a gente? — Dean parecia intrigado.

— Sim, tenho negócios a tratar em Aldan. Além disso, vocês dois têm poderes muito únicos, que humanos não deveriam ter. Quero ficar de olho em vocês e ensiná-los a usar sua magia.

Os irmãos se entreolharam, conversando sem sequer dizer uma palavra.

— Certo. — Dean concordou — Mas primeiro, diga, quando você me viu usar meus poderes pela primeira vez, você disse que era magia Fae. O que quis dizer?

Erasmus, endireitou-se em seu lugar.

— O que vocês dois sabem sobre seus pais?

Dean pareceu desconfortável com a pergunta. Ele olhou para Eldric, que parecia estar estudando o chão com intenso interesse.

— Eldric nunca os conheceu. Mal sabia andar quando nossa mãe foi morta, era muito novo para lembrar. Eu tinha cinco anos quando nossa aldeia foi atacada por piratas, mataram nossa mãe no ataque. Consegui tirar Eldric e eu da aldeia. Escapamos para algumas cavernas próximas em que as outras crianças e eu costumávamos brincar. Fomos os únicos que sobreviveram. No fim, fomos resgatados quando um navio da Marinha chegou, mas era tarde demais para salvar os outros. Nossos pais nunca soubemos, tudo o que sei é que temos pais diferentes.

— Lamento muito saber disso. — Erasmus recostou-se, ponderando o que acabava de ouvir. — Mas explica muito. Já ouviu falar das Cortes Fae?

Eldric sacudiu a cabeça.

Dean, contudo, assentiu.

— São apenas uma lenda, histórias para assustar crianças malcriadas.

— Não exatamente. Os Fae são reais, apenas preferem se esconder de nós. No entanto, a parte importante é que existem realmente quatro cortes Fae, uma para cada um dos elementos. Gelo, terra, fogo e ar. Para que possuam as habilidades que têm, seus pais devem ter sido Fae da Corte do Gelo e do Fogo.

Dean e Eldric ouviam atentamente as palavras de Erasmus. Eldric recuou em seu assento.

— Bem, isso não soa tão mal. — afirmou despreocupado — Então, nós somos apenas meio-humanos, grande coisa. Ainda somos as mesmas pessoas que éramos antes de nos contar isso.

— Isso é verdade. — Erasmus respondeu.

— Por que eu sinto um "mas" vindo? — Dean perguntou com uma careta.

— Bem ... De fato há milhares de crianças mestiças Fae no mundo, mas não muitas delas têm poderes como os seus. Para uma criança mestiça manifestar poderes, um dos pais tem que ser um Fae muito poderoso, mas mesmo assim os poderes geralmente são muito fracos. Para uma criança ter habilidades às que ambos exibiram, precisam ser filhos de alguém muito mais que poderoso, na verdade...

Os pensamentos de Dean voltaram-se para os acontecimentos da noite anterior e as últimas palavras do capitão do navio.

— Tudo bem, então temos pais que são criaturas poderosas e místicas. Repito, grande coisa. — Dean insistiu.

Erasmus suspirou.

— Você ainda não entende, não é? Há apenas quatro Fae poderosos o suficiente para ter filhos mestiços tão poderosos quanto vocês dois. Os reis de cada uma das Cortes.

Dean perdeu as palavras, tudo o que conseguiu falar foi um simples "Ah".

Capítulo Oito

A princesa

Aldan era uma cidade movimentada, edifícios de pedra altos se alinhavam nas ruas, alcançando o céu. As pessoas enchiam as ruas enquanto comerciantes permutavam suas mercadorias e artesãos demonstravam seus vários ofícios. O porto estava cheio de navios de todos os tamanhos, navios da Marinha, navios mercantes, galés de carga e navios de escravos. Essa última parte era o que Eldric odiava mais. Ninguém merecia isso. Ser preso por correntes e ser obrigado a servir outro homem para sempre, marcado como propriedade. Era nojento. Eldric forçou o pensamento para fora de sua mente por enquanto.

Foram três dias navegando até Aldan depois de se separarem dos escravos. Eles ancoraram o navio no porto e deixaram sob a vigia do Capitão de porto. Agora estavam sentados numa pequena e confortável estalagem, bebendo copos de hidromel frio e devorando tigelas de guisado quente com pão.

A estalagem era um local movimentado, conseguiram uma pequena mesa no canto, o restante estava cheias de marinheiros, soldados e homens de várias outras ocupações. No canto, um trovador sentava tocando uma lira e cantando uma canção sobre um marinheiro que fugiu com a esposa de seu capitão. Eldric tomou um gole de hidromel e lançou um olhar para um grupo de soldados arruaceiros na mesa ao lado.

— Algumas pessoas não têm consideração alguma pelos outros.
— murmurou.

Dean seguiu seu olhar.

— Apenas ignore, eles não valem a pena.

Erasmus grunhiu de acordo, a boca cheia de pão. Eldric soltou um suspiro de frustração.

— Certo.

Dean sorriu.

— Além disso, temos coisas mais importantes para focar. Agora que estamos aqui, talvez devêssemos descobrir o que vamos de fato

fazer. Não podemos simplesmente matar Shaide. Se quisermos derrubar os Lordes Piratas, então temos que destruir a eles e sua organização por completo.

— Ótimo plano. Agora como exatamente vamos fazer isso? — Eldric disse com sarcasmo.

— Ainda estou trabalhando nesse detalhe... — Dean murmurou.

Erasmus pigarreou, os irmãos olharam para ele.

— Posso ajudar. Você se lembra de quando falávamos de vir para Sitaria, e falamos da Guerra Civil? Bem, essa guerra nunca terminou de verdade, os legalistas foram derrotados, mas ainda há uma rebelião clandestina que permanece leal aos descendentes do rei Raldar. Se conseguirmos encontrá-los, podem ser de grande ajuda, já que de qualquer maneira, Kaldorn é um dos homens de Shaide.

— Bem, isso é um começo. — Dean comentou — Agora, alguma ideia de como encontrá-los?

Em seguida houve um estrondo. Os três homens olharam para ver o grupo de soldados rindo enquanto uma das garçonetes se levantava do chão. Eldric levantou-se da mesa. Ele se aproximou da mulher e ajudou-a a se levantar, sussurrou algo para ela que acenou com a cabeça e então correu de volta para a cozinha. Eldric desembainhou a espada e caminhou até a mesa de soldados.

— Eldric! — Erasmus chamou.

Eldric ou não ouviu ou não se importou.

— Você deve desculpas à senhora. — disse ao se aproximar.

Os guardas riram dele. Um deles se levantou e o encarou, pegando sua própria espada.

— E se eu não o fizer, o que vai fazer homenzinho?

Dean suspirou.

— Ah, bem, se estamos procurando rebeldes, acho que a prisão é um bom lugar para começar.

A esta altura o lugar inteiro se silenciou, várias pessoas saíram de suas mesas e correram porta afora. Dean levantou-se e puxou a própria espada. Erasmus inclinou as costas contra a parede e continuou a sorver o hidromel, eles poderiam lidar com isso.

Dean caminhou até o homem e bateu em seu ombro, e ele virou a tempo de ver o punho de Dean encontrar seu rosto. Erasmus

olhou, bebendo seu hidromel com casualidade enquanto o caos irrompia no salão. Cadeiras, copos, chapéus e homens voavam enquanto a estalagem se enchia com o som de metal se chocando e gritos de homens.

Dean e Eldric estavam no meio de tudo, cruzando lâminas com qualquer guarda que pudessem ver. A briga logo se estendeu para a rua quando Dean jogou um deles pela porta. Erasmus se levantou e os seguiu para o lado de fora. Ele abriu a porta e parou em seco.

Os dois irmãos estavam parados em frente à porta, com as mãos levantadas. Eles estavam rodeados por um regimento de guardas que apontavam suas pistolas para eles. Era evidente que alguém havia ido buscar a guarda da cidade e eles chegaram mais depressa do que em sua última visita. Erasmus levantou as mãos também. Isso não iria acabar bem. Ele olhou ao redor, havia muitos deles. Mesmo com seus poderes, estariam mortos antes que pudessem fazer algo. Enquanto olhava o entorno, um flash de luz do sol do telhado de um edifício próximo chamou sua atenção. Ele sorriu para si mesmo.

— Não mexam um músculo. — Sibilou para os irmãos.

Um dos guardas deu um passo à frente.

— Ora ora, se não é Erasmus Santiago. — Agarrou Erasmus e o puxou para frente. — Achávamos que estava morto.

— Olá, Roland. — Erasmus sorriu — Desculpe decepcioná-lo.

O homem riu

— Me decepcionar? Ah não, isso é fantástico. Agora posso eu mesmo matá-lo.

Os irmãos trocaram um olhar confuso, mas permaneceram em silêncio. Agora foi a vez de Erasmus rir.

— Talvez algum dia, Roland. Mas não hoje.

Nesse momento houve um barulho agudo de algo rachando e Roland caiu no chão com um grito, segurando a perna enquanto suas calças se encharcavam de sangue. Vários sons similares se seguiram de forma rápida, e mais guardas caíram no chão. O resto dos guardas olhou em volta, confusos e com medo. De repente, a rua estava repleta de homens, e os guardas cercados. Dean e Eldric olharam para Erasmus procurando orientação, ele sorriu para eles.

— Tudo bem, são amigos.

Dean e Eldric baixaram as mãos. Erasmus ajoelhou-se ao lado de Roland.

— Você fez a escolha errada naquela noite, Roland, você escolheu ouro a lealdade.

Roland gemeu de dor.

Erasmus se levantou de novo e olhou para os guardas restantes, todos deixaram cair as armas e agora estavam de pé juntos, com medo escrito nos rostos.

— Corram de volta para o castelo e digam a Kaldorn que é melhor ele fechar bem os portões, porque vamos atrás dele. — olhou para Roland novamente. — E levem esse lixo com vocês.

Os guardas se olharam, inquietos, sem saber o que fazer.

Erasmus suspirou.

— Vão agora! — gritou para eles — Caso contrário, eu os deixarei matá-los.

Com isso, os guardas correram para buscar os feridos, um deles passou um braço no ombro de Roland e o ajudou a caminhar. Os homens que os cercavam riram e se separaram para deixá-los passar. Uma vez que se foram, Erasmus voltou-se para os homens que vieram em seu socorro.

— Portas! — ele gritou — Onde está você? Pensei ter visto sua cara feia na estalagem. Acredito que era você e Eros naquele telhado, com os rifles?

Dois homens forçaram a passagem no meio da multidão, eram grandes e fortes como Erasmus, eram muito parecidos também. Erasmus riu-se e correu para abraçá-los. Dean e Eldric olharam atônitos. Dean pigarreou alto, e Erasmus olhou de volta.

— Ah, claro. Dean, Eldric, estes são meus irmãos, Portas e Eros e estes... — disse enquanto acenava para o grupo em volta — são os rebeldes de quem eu estava falando.

Eldric olhou de esquelha para Erasmus.

— Você poderia ter contado isso antes de eu começar uma briga que quase nos fez ser presos.

Dean desatou a gargalhar.

— Ah, por favor, você teria começado a briga mesmo assim.

Eldric deu um meio sorriso.

— Sim, provavelmente.

O grupo de homens riam enquanto trocaram apertos de mão.

— Você não vai se esquecer de mim, não é? — disse uma voz atrás deles.

Erasmus e os irmãos se viraram para ver uma mulher andando em sua direção, um rifle na mão. Ela era uma das mulheres mais lindas que Dean já vira. Ela era pequena e delgada, cabelo vermelho escuro e profundos olhos azuis. Ela estava vestida da mesma forma que muitos dos homens do grupo, calças compridas e uma camisa, e uma jaqueta de couro marrom por cima. Dean não conseguia tirar os olhos dela.

Erasmus fez uma reverência ampla.

— Minhas desculpas, minha senhora. Dean, Eldric me permitam apresentar Kayleigh Vestar. Líder da rebelião e legítima princesa de Sitaria.

PARTE DOIS

Capítulo Nove

O Mercado de Escravos

O mercado de escravos de Aldan era um lugar fétido. Escravos ficavam amontoados em gaiolas como gado, a espera de seu destino horrível. Seus espíritos já haviam sido partidos há muito, seus olhos sem vida e vazios. Os guardas andavam de um lado para o outro, em torno das jaulas, chicotes na mão prontos para atacar qualquer um que ousasse mostrar uma faísca de rebelião que fosse. O leiloeiro estava na frente da multidão reunida, chamando os leilões a cada escravo que fosse trazido a frente dos compradores.

Kayleigh observou a miséria de onde estava em um telhado nas proximidades, olhava pelo cano de seu mosquete, avaliando a triste cena abaixo. Ela encontrou sua posição e colocou o barril em linha com a boca dele. Ela se concentrou na própria respiração. *Inspira, expira. Inspira, expira.* E esperou, concentrando-se, mantendo o controle, seu dedo a distância de um fio de cabelo do gatilho.

O sol inundava a cidade abaixo, aquecendo-a, felizmente uma brisa fresca flutuava pelas docas próximas. Kayleigh olhou para o oceano reluzente e observou enquanto os navios subiam e desciam no mar. Era um belo local. Ela absorveu tudo, ouvindo a agitação da cidade misturada com a calma do oceano. Era por isso que ela lutava. Paz e serenidade para o seu povo. Todos eles, mesmo os que se amontoavam em gaiolas como animais.

Uma campainha soou pela cidade, cortando seu devaneio. Meio-dia.

Kayleigh retornou seu foco para seu alvo. Ela respirou fundo, realinhando a mira no peito do homem e, quando soltou a respiração, apertou a mão ao redor do gatilho do mosquete. Com um som agudo, o guarda em sua mira foi ao chão esguichando sangue. Em poucos instantes, vários dos outros guardas também morreram de forma semelhante, enquanto tiros disparavam pela praça. Ela sorriu para si mesma e pulou para fora do telhado. Deixou o mosquete e puxou as duas facas que ela havia amarrado em suas coxas.

Desenvolveu a habilidade de amarrar facas em qualquer parte de seu corpo que elas coubessem. Para o que estava prestes a fazer, ela provavelmente precisaria de todas elas.

Correu para a borda e pulou para a varanda abaixo. Passou por cima de mais um corrimão e ela aterrissou de forma ágil na rua com um baque surdo. As pessoas começaram a correr aterrorizadas na direção contrária do mercado de escravos quando o som de tiroteio encheu o ar. Kayleigh forçou sua passagem através da multidão que gritava. Ela virou a esquina do edifício seguinte e saiu ao lado das gaiolas de escravos. Dois guardas estavam a frente dela, olhando em volta com medo, tentando discernir de onde os tiros estavam vindo. Quando viram Kayleigh, levantaram suas armas para atirar nela. Kayleigh foi mais rápida. Sem perder tempo, ela sacudiu os pulsos e duas facas voaram pelo ar. Os guardas caíram no chão, as armas soltando de seus dedos sem vida. Kayleigh puxou outra faca das amarras em seu corpo e uma pistola do coldre em sua cintura.

Os escravos ainda estavam amontoados em suas gaiolas, olhando com medo, sem saber o que estava acontecendo. Kayleigh correu para as gaiolas.

— Está tudo bem! — ela tranquilizou os escravos — Estou aqui para salvar vocês.

Alívio se espalhou por seus rostos.

— Alguém sabe qual dos guardas mantinha as chaves? — perguntou.

Os escravos se entreolharam, inseguros.

— Droga. Teremos que fazer do jeito mais difícil, então.

Apontou a pistola para a fechadura no portão e cobriu os olhos com o outro braço. Disparou contra a fechadura. Com o tiro deflagrado e o anel de metal quebrado, a porta se abriu. Os escravos saíram correndo, olhares de pura alegria em seus rostos enquanto aplaudiam.

— Sigam para as docas. Kayleigh gritou por cima do barulho. — Meus amigos irão ajudá-los. Rápido! Antes que mais guardas cheguem.

As palavras mal saíram de sua boca e um regimento de guardas dobrou a esquina. Kayleigh soltou uma série de palavrões e deixou a

pistola vazia cair, puxando outra faca. Novamente facas reluziram pelo ar. Gritos encheram a área quando dois dos guardas caíram, facas se projetando em seus pescoços.

— Mexam-se! — Kayleigh gritou para os escravos em fuga enquanto corria atrás deles. As balas passaram ligeiras por ela e atingiam os prédios, liberando pequenas poças de poeira. Eles correram, passaram pelas gaiolas vazias. Por sorte os guardas haviam sido preguiçosos naquele dia e enfurnaram todos os escravos em uma gaiola só. Eles passaram pelas últimas casas e tendas do mercado, tecendo seu caminho através da cidade. As pessoas gritavam enquanto se apressavam a sair do caminho do grupo em retirada. Eles corriam, indo para as docas.

Os guardas pareciam ter parado de atirar, ou os havia despistado, ou eles haviam parado para recarregar. Ela olhou para cima quando algo passou pelo canto do olho. Uma figura encoberta de preto estava correndo ao longo dos telhados logo acima dela, ela sorriu e tirou outra faca. Ela parou e virou esperando os guardas enquanto a figura caía ao lado dela.

— Que bondade da sua parte se juntar a mim.

— Você parecia ter tudo sob controle. Dean riu e jogou o capuz para trás.

Kayleigh sorriu com malícia.

— E tinha. Sabe dos guardas?

— Sim, pararam para recarregar. Eu daria cerca de dez segundos antes que venham por esse canto.

Bem na hora, os guardas vieram correndo, dobrando esquina, pistolas na mão e espadas desembainhadas. Kayleigh jogou suas facas girando na direção deles, acertando os dois primeiros guardas no peito. Dean puxou sua espada e punhal de debaixo de sua capa e encontrou o próximo guarda. Ele mirou o peito do homem. O guarda bloqueou a investida. Dean se deslocou para a direita e depois se virou para a esquerda, mergulhando a adaga no pescoço do homem. Ele puxou a adaga e um jorro de sangue seguiu o movimento. Chutou o corpo do homem para cima do próximo guarda, fazendo-o caindo.

— Vá! — Dean gritou para Kayleigh — Eldric está aguardando com o navio, leve-os para lá. Já deixei o caminho livre.

Kayleigh se mandou atrás dos escravos, puxando duas facas da cartucheira em seu peito só para garantir.

Capítulo Dez

Rorschach

O Fênix Negra balançava para cima e para baixo em sua doca. Eldric estava de pé no convés do navio, olhando para a cidade. Afastou os cabelos dos olhos enquanto estudava a paisagem, procurando qualquer sinal de Portas e Eros. O plano era Kayleigh libertar os escravos e levá-los até a metade caminho e, em seguida, ela e Dean cobrirem a fuga, enquanto Portas e Eros guiava os escravos para o navio. Deveria funcionar, em teoria, de qualquer forma.

Duas semanas se passaram desde que chegaram a Aldan e depois de longas discussões com Erasmus, os irmãos concordaram em ficar e trabalhar com os rebeldes para derrubar Kaldorn e restaurar o trono de Kayleigh. Embora que partindo do que ele havia visto, Kayleigh não parecesse querer o trono de verdade, ela gostava da vida despreocupada que liderava como rebelde. Mas ela sabia que era seu dever para com seu povo como último membro sobrevivente de sua família.

Eldric sorriu quando ouviu tiros vindos da cidade. Ele entrou em ação, preparando o navio para zarpar. Em sua cabeça acertou um timer silencioso.

Três minutos.

— Erasmus, hora de partir!

Erasmus emergiu da cabine da tripulação que ficava na popa. Ele parecia calmo e composto, e observou enquanto Eldric corria pelo navio.

— Tem certeza de que está pronto para isso? — ele perguntou — Você se lembra de tudo que ensinei?

Eldric estava agora no cordame desdobrando as velas, a contagem regressiva ainda correndo em sua cabeça.

Dois minutos.

Ele terminou com as velas e logo pegou uma das cordas e arremessou até o convés, ela caiu na frente de Erasmus. Ele parou e olhou Erasmus nos olhos.

— Ficarei bem. Só se preocupe em nos tirar daqui, eu cuidarei de qualquer coisa que atrapalhe.

Erasmus assentiu e se dirigiu para a popa. Eldric pulou para cima do mastro e se empoleirou entre as velas, ouvia o som de várias explosões ao redor da cidade. Isso seria alguns dos truques baratos de Erasmus.

Um minuto.

Os sons de tiros e explosões foram agitando marinheiros e estivadores que olhavam para a cidade, se perguntando o que estava acontecendo.

Trinta segundos.

O som dos guardas e pessoas gritando começou a emergir da brisa.

10 segundos.

Caos irrompeu quando Portas e Eros chegaram correndo ao porto, a multidão de escravos bem atrás deles. Eldric sorriu, bem na hora. Eles correram para o Fênix Negra. Eldric agarrou a corda mais próxima e saltou para o convés. Portas conduziu os escravos pela rampa e para o navio. Na parte de trás da multidão vinha Kayleigh, um olhar assassino enquanto arremessava explosivos nos guardas que os perseguiam.

Explosões abalaram o porto e os marinheiros correram para se esconder, mas não estavam em perigo, Kayleigh sabia o que estava fazendo e jamais faria mal a um inocente. Eldric seguiu para o leme, examinando o porto para qualquer sinal de Dean, ele era o único ainda desaparecido.

De repente, uma parede de gelo surgiu do chão na frente de Kayleigh, alguns dos guardas que se aproximavam dela deram meia-volta com um grito. Dean riu quando deslizou por baixo da parede de gelo e parou ao lado de Kayleigh, a capa preta ondulando atrás pelo vento. Eles seguiram Portas a bordo do navio e Dean se apressou para puxar a rampa para dentro logo depois. Os escravos abriam caminho abaixo do convés com Portas e Eros. Dean correu para se juntar a Eldric no timão enquanto Kayleigh seguia os libertos.

— Vamos relaxar um pouco no navio, não vamos? — Dean cutucou.

Eldric revirou os olhos.

— Bom ver que você não está morto.

Dean riu

— Há tempo para isso ainda. Nós temos que sair da baía, e não tenho certeza se posso segurar a parede do gelo por muito mais tempo.

Assim que falou, houve uma série de pancadas abafadas e, com um grande baque, a parede de gelo se estilhaçou. Eldric olhou de soslaio para Dean, um olhar confuso em seu rosto.

— Jura?

Dean fez uma careta enquanto empurrava Eldric de lado.

— Eu cuido do leme. Vá se certificar de que o caminho está livre.

Eldric saiu correndo sem dizer mais nada.

Dean girou o leme para o porto enquanto olhava por cima do ombro para onde Erasmus estava.

— Erasmus! Agora seria um bom momento para nos tirar daqui...

Erasmus não respondeu, permaneceu na popa com os braços a frente dele, a espada apontando para o céu enquanto seus lábios se moviam sem proferir um único som. A brisa que soprava pelo porto começou a mudar de direção e a se mover atrás deles. As velas começaram a se agitar assim que o vento surgiu. A velocidade do vento aumentou, e as velas giraram e inflaram ao se encherem de ar. Dean riu enquanto o navio avançava.

— Lá vamos nós! — gritou ele.

A proa virou para o porto, e o navio se dirigiu para a baía. Sob a orientação de Erasmus, o vento os seguiu e logo aceleraram. Dean endireitou-se enquanto a proa apontava para o oceano aberto.

— Lá vêm eles! — exaltou-se Eldric.

Dean olhou por cima do ombro para ver um navio da Marinha saindo de sua doca atrás deles. Houve um som abafado e um assovio quando o navio da Marinha abriu fogo. A água a estibordo do navio explodiu quando a bala de um canhão não acertou o alvo. Dean olhou para Eldric.

— Pegou?

Eldric olhou de volta e assentiu. Dean respondeu com um sorriso.
— Você consegue, apenas se concentre.

Eldric fechou os olhos e esvaziou a mente até que só restou escuridão. Ele se concentrou na respiração e procurou dentro de si mesmo, procurou o fogo que o esperava lá. Ele seguiu até que sua consciência esbarrou em um inferno feroz. Isso era tudo o que precisava. Sentiu o fogo correr por ele, sentiu o poder. Seus olhos se abriram num estalo.

Juntou as mãos, concentrando-se nas chamas, usando sua força para guiá-lo, desejando que o fogo fosse para onde ele queria. Com um poderoso rugido, o fogo saiu de suas mãos, uma grande coluna dançando sobre os topos das ondas. O fogo atingiu o casco do navio da Marinha, fazendo um buraco no navio. Os gritos dos marinheiros podiam ser ouvidos através da baía enquanto se apressavam a abandonar o navio que afundava.

Eldric desabou no convés, exausto. Ele havia conseguido. O treinamento com Erasmus havia valido a pena. Atrás dele, pôde ouvir Dean rindo. Alguém chegou e o abraçou por trás, ele se virou para ver o rosto sorridente de Kayleigh sobre seu ombro. Ele sorriu também. Ela apontou para o porto.

— Parece que não terá que fazer isso de novo, também.

Eldric olhou para onde ela apontava e viu que um segundo navio da Marinha seguiu o primeiro e estaria em alcance de canhão em breve. No entanto, agora desviava em direção ao outro navio para resgatar os sobreviventes. Eldric soltou um suspiro de alívio. Ele não tinha certeza se conseguiria de novo.

Kayleigh puxou-o de pé, e eles se dirigiram ao leme, juntando-se a Dean.

— Bom trabalho. Sabia que conseguiria.

Dean sorriu para seu irmão mais novo. Eldric sorriu enquanto Dean despenteava seu cabelo como costumava fazer quando eram crianças. Portas saiu do porão e veio se juntar a eles também.

— Muito bem, jovem Eldric. Não há muitos homens capazes de realizar façanha tão poderosa, ainda mais sendo tão novo.

— Sim, bom trabalho mesmo, se continuar a treinar, Dean e você poderão superar os meus poderes um dia. — comentou Erasmus ao

chegar — O vento deve se manter agora, estaremos em mar aberto logo.

— Excelente. — Dean expressou com contentamento — Então pode trazer todos para cima, Portas. Deixe que peguem ar fresco e aproveitem o oceano.

Portas assentiu e voltou ao porão. Ele parou na metade do caminho e se voltou para Dean e Eldric.

— Quase me esqueci. Há um homem entre eles que diz conhecer vocês e que gostaria de conversar com os dois.

Os irmãos trocaram um olhar intrigado.

— Claro. Traga-o para cá então. — Dean respondeu.

Portas desapareceu e ressurgiu momentos depois trazendo outro homem. O homem era alto, tinha longo cabelo grisalho, que estava preso em um rabo de cavalo, e uma barba desgrenhada. Era forte e musculoso e possuía olhos castanhos profundos. Uma longa cicatriz atravessa do meio de sua testa até abaixo de seu olho direito. Os olhos de Dean e Eldric se arregalaram em reconhecimento. Eles avançaram no homem e o abraçaram. Erasmus agarrou o leme tão logo Dean o largou.

O homem deixou escapar uma risada explosiva ao mesmo tempo em que uma lágrima se formava no canto do olho.

— Cresceu bastante desde que colocava fogo no rabo do meu pobre gato, Eldric.

Os três homens permaneceram abraçados por um longo tempo, rindo com alegria. Quando enfim os soltou, o homem virou para os demais presentes no timão.

— Bem, vão me apresentar para seus amigos ou vão ficar aí parados como um par de jarras?

Dean pareceu envergonhado quando se virou para os outros.

— Erasmus, Kayleigh, Portas. Este é Rorschach, o homem que nos criou depois da morte de nossa mãe.

Capítulo Onze

Revelações

Estava entardecendo quando a tripulação enfim voltou para casa. Os últimos raios de luz do sol atingiam o interior de Sitar enquanto eles atravessavam os portões da mansão que servia de base de operações. A mansão havia pertencido a um tio de Erasmus que havia morrido há muito tempo e tornou o local perfeito para eles. Era na costa de Aldan e bem perto da baía escondida, onde seus navios estavam amarrados e de lá poderiam chegar a qualquer parte da costa Sitarian em poucas horas por mar.

O estômago de Dean roncou quando terminou de acomodar os cavalos. Ele começou a salivar quando o cheiro delicioso de ensopado saiu da casa. Entrou na cozinha para encontrar Erasmus no fogão e Rorschach sentado à mesa.

Dean agarrou um pedaço de pão ao se sentar. Rorschach havia trocado de roupas, esta possuía muito menos buracos do que sua predecessora. Também havia se banhado e barbeado. Agora tinha uma aparência melhor e mais saudável. Ele sorriu para Dean quando ele se sentou na pequena mesa de madeira.

Depois de escapar da Marinha no porto, eles seguiram para o norte ao longo da costa de Sitaria até uma pequena baía onde outra embarcação os esperava. Os escravos deixaram o Fênix Negra e embarcaram no outro navio que os levaria para Alartas onde poderiam começar novas vidas como pessoas livres.

Quando Dean se sentou, Eldric e Kayleigh se juntaram a eles. Eldric puxou uma cadeira e sentou-se no lado oposto de Rorschach.

— É tão bom ver vocês dois. — Rorschach sorriu — Eu mal pude acreditar quando senti a essência da Magia de Dean durante a fuga. Quando fui levado, nunca pensei que os veria outra vez.

Quando Dean estava prestes a colocar o pedaço de pão, que agora estava coberto de manteiga, na boca, Eldric o agarrou e jogou na própria boca. Dean lançou um olhar feio a Eldric e pegou uma faca para cortar outra fatia. Rorschach suspirou.

— É bom ver nenhum de vocês mudou.

Dean colocou a mão sobre a do homem mais velho e sorriu para ele.

— Nós por certo não esperávamos que seria você a aparecer quando Portas nos disse que havia alguém querendo conversar conosco.

Eldric grunhiu em acordo com a boca cheia de pão, engolindo de maneira ruidosa logo em seguida.

— Como exatamente acabou escravo? — ele perguntou.

Rorschach recostou-se na cadeira com um suspiro. Um olhar triste surgiu em seu rosto.

— Aconteceu pouco depois de terem partido. A cidade foi atacada por piratas. Queimaram a cidade e aqueles deixados vivos foram levados como escravos. Eu estava na floresta na época, e enquanto voltava me pegaram de surpresa. Fui acorrentado antes mesmo de ter a chance de fazer algo.

Dean e Eldric se entreolharam, culpa e tristeza dominando seus rostos. Dean olhou para o chão, um toque de raiva na voz.

— Sua mágica é mais forte que a de nós dois juntos, Rorschach. Mesmo acorrentado, você poderia ter vencido os piratas. Por que não fez nada? Poderia ter salvado todas aquelas pessoas.

A raiva nublou o rosto de Rorschach.

— Sabe muito bem por que não, menino! Mesmo tão poderoso como sou, magia como a minha e a de seu jovem amigo Erasmus aqui, só pode ser controlada com o foco correto.

Ele se deixou cair na cadeira.

— Eu pensei que seria capaz de fazer algo quando saíssemos dos confins do navio, mas eles me separaram dos outros antes que eu pudesse.

O rosto de Dean suavizou quando ele olhou para Rorschach.

— Sinto muito, sei que teria feito tudo o que você pudesse. É que, se não tivéssemos partido, se estivéssemos lá, então talvez poderíamos ter evitado.

— Não há por que pensar no que poderia ou não ter se passado, o que importa é o que de fato ocorreu.

— E o que faremos agora. — Dean terminou com um sorriso. — Eu sei, eu me lembro.

Eldric riu.

— Como poderíamos esquecer, deve ter nos contado um milhão de vezes quando éramos crianças.

— É bom ver que você se lembra, meu rapaz. Rorschach comentou com uma risada.

— O que aconteceu então? Depois que se separaram, quero dizer. — indagou Dean.

— Ah, bem, fui levado para o Praesidium. Colocaram-me numa cela com um jovem adorável, chamado Kalan. Depois disso, fui levado para o mercado de escravos e o resto já sabem.

Kayleigh se levantou da cadeira, voando para trás e batendo na parede atrás dela. Houve um estrondo atrás deles, Erasmus deixou cair os pratos que levava e parou atônito.

— O que acabou de dizer? — Kayleigh exalou, sua voz quase um sussurro.

Os três homens pareciam assustados com a repentina reação de Kayleigh e Erasmus.

— Fui detido no Praesidium — disse Rorschach num tom confuso.

— Não. — insistiu Kayleigh. — O pedaço depois disso. O nome do homem com quem ficou preso.

— Kalan. — Rorschach repetiu ainda confuso.

— Como ele era? — O rosto de Kayleigh ficou branco como um lençol, sua voz pouco mais que um sussurro.

— É... Bem parecido como você na realidade. Exceto que o cabelo era mais claro.

— Kayleigh — Dean interferiu com cautela —, o que está acontecendo?

Kayleigh caiu pesadamente em sua cadeira, choque escrito em seus traços.

— Não pode ser — ela sussurrou e olhou para Erasmus — Pode?

Erasmus agora estava encostado no balcão ao lado do fogão, suas feições refletindo o choque de Kayleigh.

— É possível — disse em voz baixa. — Nunca vimos o corpo, afinal.

— É... Gente, alguém vai nos dizer o que está acontecendo?

Kayleigh olhou para os três homens como se acabasse de lembrar que estavam lá. Ela olhou para Erasmus, que acenou para ela e depois para os três homens sentados à mesa.

— Se o que Rorschach diz é verdade, então meu irmão está vivo. Kalan Vestar, o príncipe herdeiro de Sitaria, está vivo.

Capítulo Doze

O Praesidium

O Praesidium ficava nas margens de Aldan, uma fortaleza inexpugnável que permaneceu intacta durante séculos e permaneceria durante séculos mais. Empoleirava-se sobre colinas distantes, as paredes de pedra imponentes eram um símbolo da proteção e da paz ao povo de Aldan. Seus longos e sinuosos corredores cheios da escória de Sitaria. Os piores criminosos escondidos dentro de suas entranhas.

Do seu quarto na torre sul, Kalan olhou com saudade para a cidade abaixo. Há sete longos anos, ele era mantido aqui. Ainda se lembrava da noite em que aconteceu, as imagens vívidas dos corpos de seus pais, deitados em poças de seu próprio sangue, queimavam em sua mente enquanto os sons de luta ressoavam pelo palácio. Ainda não sabia ao certo por que seu tio o deixara viver, a única coisa que sabia era que um dia faria com que se arrependesse.

Ele ouviu o barulho de chave e a porta atrás dele abriu. Ele se virou para encontrar seu tio parado na porta, como fazia todos os dias. Seu tio vinha visitá-lo uma vez por dia. Levava-o para o pátio onde o treinava na arte de lutar com espadas. Kaldorn parecia acreditar que Kalan acabaria por se juntar a ele e lideraria seus exércitos, como seu general. Kalan entrava na dança, mas não parecia conseguir enganar o tio. Caso contrário, ele não estaria mais trancado nesta torre amaldiçoada.

— Bom dia, Kalan. Está pronto para as aulas de hoje? — A voz de Kaldorn era o que perturbava Kalan, sempre que a ouvia.

— Sim, tio. — respondeu obediente. Kalan seguiu seu tio pelo corredor, ao longo do Praesidium até chegar aos pátios.

— Você gostou de seu visitante? — seu tio perguntou, referindo-se ao idoso que havia sido lançado em sua cela ontem.

Kalan gostou, o homem era gentil, e parecia sábio. Além disso, foi bom ter alguém para conversar, além de Kaldorn e os guardas.

— Sim, mas por que ele foi colocado lá? — Kalan questionou. Foi estranho, já que ele nunca viu nenhum dos outros prisioneiros até o

dia anterior. Geralmente, eram mantidos bem longe dele.

— O velho foi capturado por um dos homens de Darius Shaide, e Shaide queria que ficasse em um lugar seguro até que pudesse ser enviado para ele, seu quarto era o local mais seguro disponível.

O nome do Lorde pirata que controlava Sitaria e as regiões vizinhas causava arrepios na espinha de Kalan. Ele sabia que fora por ordem de Shaide que Kaldorn matou seus pais e tomou o trono.

Chegaram ao pátio, já preparado para as aulas. Seu tio escolheu uma espada da mesa de armas que havia sido preparada para eles e entregou para Kalan.

— Espero que ele esteja de volta em breve, parece que algum idiota o transferiu para o mercado de escravos com um grupo de outros prisioneiros esta manhã. Ficará com você por mais alguns dias.

Kalan olhou desolado para o céu acima deles. Ele gostava de estar ao ar livre, mesmo se fosse com seu tio. Interrompeu a visão da imensidão azul e escolheu a própria arma da mesa. Ele saiu em direção à área em que iriam treinar. Enquanto caminhava, um grito penetrante cortou o ar. Ele olhou para cima a tempo de ver um falcão voando sobre eles, deslizando pelo ar. Ele fechou os olhos e imaginou como seria ser capaz de planar pelos céus, ir para onde desejasse, quando desejasse.

Depois de um instante, seus pensamentos retornaram para a realidade. Abriu os olhos, ergueu a espada e preparou-se para lutar. Eram sonhos, nada mais. Estava sozinho no mundo. Ninguém viria até ele. Ninguém ia salvá-lo. Ninguém sequer sabia que ele estava vivo.

Capítulo Treze

Sombra

Erasmus levantou o braço para o céu, Dean observou enquanto um ponto marrom mergulhava em direção a eles com um grito penetrante. No último segundo abriu as asas com um estalo, pairando em equilíbrio. O falcão pousou com suavidade no braço esticado de Erasmus e acariciou o ombro do homem com a cabeça. Erasmus acariciou o pescoço do pássaro sussurrando palavras tranquilizadoras ao mesmo tempo.

Dean e Erasmus haviam deixado a mansão nas primeiras horas da manhã para examinar o Praesidium e procurar qualquer pista sobre o rapaz que Rorschach havia visto, saber se era realmente Kalan Vestar. Estavam acampados às margens da floresta de Talern, cerca de 800m depois das colinas que rodeavam Aldan. Os muros cinzentos do Praesidium se erguiam acima deles.

Dean recostou-se em uma árvore, escondendo-se do sol abrasador de meio-dia em sua sombra. Ele lançou um olhar para o céu.

— Estamos aqui há horas, por favor, me diga que encontrou alguma coisa.

Erasmus suspirou.

— Sou um feiticeiro elementar — disse ele indignado. — Partilha de almas não é um dos meus pontos fortes. Mas sim, acho que consegui algo.

Dean se sentou e olhou para ele.

— Bem, o que é?

— Há pessoas no pátio, e uma delas é com certeza Kaldorn. — ele hesitou — Eu acho que a outra pessoa pode ser Kalan.

— Acha? — Dean perguntou.

— Sim, vou enviar Sombra para dar outra olhada.

Erasmus fechou os olhos. Em instantes, Sombra, o falcão, abriu as asas e deslizou do braço de Erasmus. Sombra bateu as asas, ganhando altura. Ele voou até uma corrente de ar quente e esticou suas asas, deixando o ar levá-lo para cima.

Erasmus enxergava através dos olhos do pássaro, daqui tudo parecia tão pequeno. Cutucou a mente de Sombra, guiando-o de volta para o Praesidium. O falcão inclinou para um lado, saindo do fluxo de ar e deslizando para baixo, em direção a fortaleza. Sombra flutuou de forma silenciosa pelo ar, como uma folha ao vento. Através dos olhos de Sombra, Erasmus estudou as figuras no pátio. O pássaro precipitou-se mais para baixo e pousou no batente de uma janela com vista para o pátio. Erasmus retomou o controle dos olhos de Sombra.

Havia dois homens duelando, um deles era Kaldorn, governante tirano de Sitaria. O outro era um rapaz, possuía cabelos ruivos e profundos olhos azuis. O suor escorria por seu rosto enquanto se concentrava na luta. O choque de espadas ressoava pelo ambiente enquanto os dois homens iam de um lado para o outro, os pés levantando pequenas nuvens de poeira ao fazê-lo.

Sombra soltou um grito agudo, o rapaz se virou para olhar para ele. Ao fazê-lo, tropeçou sobre seus próprios pés e caiu em um monte de terra.

— O que deu em você hoje, garoto? — Rosnou Kaldorn.

Ele se virou para ver para o que Kalan estava olhando, seus olhos fixos em Sombra. Ele olhou para o pássaro, inclinando a cabeça um pouco como ele. Kaldorn murmurou algo para si mesmo e agarrou uma besta da mesa de armas ali perto, e apontou para o pássaro.

Erasmus deu ao pássaro outro empurrão com sua mente e Sombra mergulhou a tempo de evitar a flecha que Kaldorn havia disparado. Ela bateu na pedra e caiu com um som agudo. Sombra crocitou novamente quando rodou pelo ar e flutuou para fora da fortaleza. Poucos minutos depois voltou para Erasmus.

Erasmus abriu os olhos, um pouco sem fôlego.

— Bem? — Dean indagou. — Era ele?

— Sim, era ele. — Erasmus disse enquanto tentava recuperar o fôlego. — Mas temos que sair daqui, acho que Kaldorn me sentiu.

— Sentiu você? Como assim ele "sentiu você"? — exigiu Dean.

— Ele é um feiticeiro, se um feiticeiro é poderoso o suficiente, às vezes pode sentir quando outros estão usando magia a sua volta. — Erasmus rapidamente colocou Sombra em uma gaiola na garupa de

seu cavalo e reuniu os itens que usou para o feitiço de compartilhamento de alma. — Geralmente, posso esconder minha magia, mas como disse, a partilha de almas não é um dos meus pontos fortes.

Dean pegou sua espada do chão e se lançou para cima de seu cavalo. O cavalo relinchou quando Dean pegou as rédeas.

— Ele é um feiticeiro? — Dean balbuciou.

Erasmus montou em seu cavalo também e virou em sua sela para olhar para Dean.

— Você não sabia?

— Bem, ninguém me contou, então não, eu não sabia.

— Ah. Bem, acho que agora é um bom momento para dizer que ele também foi meu aprendiz. Com isso, bateu os calcanhares no flanco do cavalo e galopou em direção à cidade.

Capítulo Quatorze

A Troca da Guarda

Elmar Drell tomou uma deliciosa colherada de sopa. Ele sentiu o líquido escoar em sua garganta e seu estômago, o calor irradiando para fora de seu corpo. Depois de um longo turno na guarda, a sopa, neste momento, era talvez a melhor coisa do mundo. Ele estava sentado em uma mesa pequena na sala da guarda. Acima do fogo, a panela de sopa borbulhava e fervia, seu delicioso aroma flutuando pelo cômodo. Ele tomou um gole de sua cerveja para tirar o gosto da sopa e bateu em seus lábios.

Três outros guardas sentavam à mesa com ele, cada um devorando de forma voraz a sopa. Ninguém falava, afinal, por que desperdiçar fôlego quando havia uma sopa quente e deliciosa a ser tomada?

Do final da mesa alguém limpou a garganta. Elmar virou a cabeça para ver quem ousou interromper este momento feliz e perfeito. No fim da mesa havia um jovem alto, de cabelos escuros, com um sorriso malicioso espreitando em meio ao seu cavanhaque. *Quem diabos era esse cara? E como diabos ele entrou aqui? Ele deve ter permissão para estar aqui. Caso contrário, não há como ele ter vindo até aqui, afinal, estavam no Praesidium.*

Elmar notou que os outros três guardas também pararam de comer.

— Posso me juntar a vocês? — perguntou o jovem estranho.

Os olhos dos quatro guardas o seguiram conforme ele se sentava ao lado de Elmar, sem esperar por resposta.

— Quem diabos é você? — Elmar rosnou.

O sorriso do homem tornou-se ainda mais amplo.

— Meu nome é Dean Whittaker.

Elmar nunca ouviu falar dele. Os outros guardas pareciam tão confusos quanto ele.

— Como entrou aqui, Dean?

O olhar de Dean correu pelo ambiente. Ele então se inclinou para o meio da mesa e acenou para que eles se aproximassem. Quando o

fizeram, ele sussurrou em um tom baixo, secreto.

— Entrei pela entrada secreta. — ele apontou por cima do ombro para um ponto atrás de algumas estantes de equipamento.

Elmar olhou em volta, confuso. Ele viu que os outros guardas carregavam a mesma expressão de confusão em seus rostos.

Elmar foi ficando cada vez mais irritado com esse cara. *Entrada secreta? Ele achava que eram tolos?* Não havia nenhuma entrada secreta, nem túneis, nem nada daquela merda no Praesidium, por isso era uma fortaleza impenetrável.

— Você não acredita em mim? — perguntou Dean, o olhar magoado espalhando por suas feições. — Bem, você pode sempre perguntar a ele. Já que veio comigo.

Quando Dean falou, se levantou e apontou na direção da outra extremidade da mesa. A cabeça do Elmar girou junto. Lá havia outro homem, parecido com Dean, mas com cabelos longos e sem cavanhaque. Antes que qualquer um dos guardas conseguisse a chance de se mover, o segundo homem virou a mesa para cima deles.

Sopa quente e cerveja gelada voaram, dando um banho nos guardas, Elmar soltou um grito quando a sopa queimou sua pele. Antes que ele pudesse fazer alguma coisa, seu rosto começou a queimar de dor como se algo estivesse grudado a ele, então a dor parou de repente e tudo ficou escuro.

Capítulo Quinze

Velhas memórias

Kayleigh encostou-se à parede do túnel e soltou um longo suspiro. O túnel antigo em que ela agora estava, tinha o cheiro úmido de mofo e ela estava certa de poder sentir o interior de seu nariz sendo forrado com uma nova camada de poeira após cada respiração.

Sentiu o cheiro familiar e fechou os olhos ao recostar a cabeça contra a pedra fria, lembrando-se de quando seu pai mostrou os túneis abaixo do Praesidium para ela. Ela tinha dez anos, eles haviam cavado para fora da antiga fortaleza e então, ele a levava até uma grande rocha dentro da floresta que cercava o lado norte da fortaleza. Ela olhou seu pai aproximar-se da rocha, se perguntando por que ele a traria aqui só para ver alguma pedra velha e idiota. Ela se lembrou do pai rindo do olhar de espanto em seu rosto quando rolou a pedra de lado para revelar um túnel por debaixo dela.

O túnel levava ao lugar onde ela agora estava, a sala da guarda comum do Praesidium. Ela piscou os olhos ao sentir lágrimas brotando nos cantos, provocadas pela memória de seu pai. Ela logo as secou antes que outros vissem. Atrás dela, Erasmus e Rorschach esperavam também.

O túnel estava escondido atrás de um portal que só podia ser aberto pelo lado de dentro, do lado de fora o portal fundia-se com perfeição às paredes da fortaleza, ficando como qualquer outra parte da parede.

Kayleigh pressionou sua orelha contra a pedra fria, escutando as vozes que chegavam à deriva. Ela precisou se esforçar para ouvir, mas as vozes estavam lá. De repente, houve um barulho que ela presumiu ser um estrondo, apesar de passar pela porta como um simples tinido.

Ela sentiu Erasmus se mexer atrás dela.

— O que está acontecendo? — ele sussurrou.

Ela se virou, o encarando de forma categórica. Seu olhar transmitia mais do que suas palavras jamais poderiam. Ele afastou-se do olhar dela.

— Ah, certo, entendido.

Ela pressionou sua orelha na porta de novo e esperou alguns segundos. Houve mais alguns ruídos. Então ela sentiu, em vez de ouvir, três batidas fortes na porta.

— Finalmente. — ela disse soltando a respiração.

Empurrou a pesada alavanca e a porta girou sem barulhos para fora, revelando Dean parado à porta.

— Precisa de ajuda, senhora? — perguntou com um sorriso diabólico.

Kayleigh golpeou sua mão estendida.

— Posso me virar sozinha, obrigada, e da próxima vez você não vai gostar do que farei com sua mão. — Kayleigh assegurou, indignada.

Ela passou por ele e entrou na sala da guarda, sua variedade de facas balançando contra seu pequeno corpo enquanto ela andava. Um olhar magoado percorreu o rosto de Dean enquanto Erasmus batia no ombro dele.

— Você, meu jovem amigo, tem muito a aprender sobre as mulheres. Cavalheirismo não vai adiantar com essa aí, ela precisou contar só consigo mesma e lutar para sobreviver por muito tempo.

Dean fez uma careta, não pensou que estava sendo tão óbvio. Rorschach subiu a retaguarda, rindo enquanto chegava.

Os três homens seguiram Kayleigh, atrás das prateleiras de armaduras e armas, para encontrar Eldric sentado na mesa agora no lugar, devorando uma tigela de sopa. Os quatro guardas inconscientes estavam amarrados junto a ele. Quando viu Eldric, Dean enterrou o rosto nas mãos enquanto Erasmus e Rorschach riam.

— O quê? — Eldric disse defensivamente. — Eu estava com fome.

Dean suspirou.

— Vamos repassar o plano mais uma vez, então, enquanto o saco sem fundo aqui termina sua sopa.

— Eu mal chamaria isso de plano. — comentou Rorschach. — Eu lidero o caminho, vocês batem, atiram, esfaqueiam ou lançam um feitiço em qualquer coisa que se mova. O que há para repassar?

— Certo, sessão de planejamento terminada. Então vamos. — Dean disse.

— Mas ainda não terminei minha sopa. — exclamou Eldric.

Dean olhou para ele.

Eldric apressou-se em engolir.

— Certo, vamos embora.

Capítulo Dezesseis

Kaldorn

Kaldorn estava encostado no trono. Para algo que representava riqueza e poder tão vastos, era muito desconfortável. Levantou-se da cadeira e começou a passear em volta da sala escurecida. Ele se sentia agitado.

Não conseguia tirar aquele maldito pássaro da cabeça, havia algo nele que não conseguia esquecer. Um sentimento de familiaridade, algo que aguçava seus sentidos internos e tocava sinos de alarme. Ele sabia que alguém estava partilhando almas com a coisa. Ele pode ver a aura ao redor, a sentiu, mas não sabia dizer quem. No entanto, ao mesmo tempo sentia que sabia, reconheceu ainda que não pudesse ligar pessoa e aura.

Saiu furiosamente da sala do trono, a luz do sol inundando o lugar quando ele avançou sobre as portas gigantes de carvalho. Talvez uma caminhada desanuviasse sua cabeça. No corredor, os guardas tornaram-se atentos quando ele passou por eles indo para o pátio. Pessoas apressavam-se para sair de seu caminho conforme ele marchava através dos salões do palácio, não querendo que sua ira fosse além.

Ele entrou no pátio e respirou o ar puro dos jardins. Olhou ao redor para as cores que explodiam por toda a vegetação. Não fez nada para acalmar seu humor. Ele continuou sua marcha pelos jardins, a mente acelerada, calculando, trabalhando as inúmeras possibilidades. Ele precisava saber quem era, quem estava usando o pássaro deve ter visto Kalan e enquanto a maioria das pessoas não saberia quem ele era por conta do quanto o garoto mudou desde a revolução, Mas se a irmã de Kalan e seus rebeldes descobrissem, nada os impediria de vir resgatá-lo.

Pelo canto do olho, viu o desgraçado inútil que era seu Capitão de Guarda, Roland, enquanto ele tentava se afastar do caminho dele. Kaldorn estacou em sua trilha. Ele sabia quem era, como poderia ter sido tão estúpido? Claro que reconheceu a aura, era a de quem o incentivou e o treinou por muitos anos. O único que havia

ensinado a praticar seus poderes. Ele havia esquecido que o fóssil estava vivo e que havia retornado a Aldan. Isso era pior do que ele poderia ter imaginado. Virou-se e correu para a entrada do pátio. Ele agarrou o guarda mais próximo.

— Corra o mais rápido que puder para o quartel. Preciso de um exército pronto para avançar até o Praesidium em trinta minutos. — Ele soltou o guarda e observou enquanto o rapaz corria em direção ao quartel. Ele virou para outro guarda, seu rosto uma máscara de raiva. — Você. — ordenou. — Mande um pássaro imediatamente ao Praesidium, diga que estão prestes a ser atacados.

Ele girou sobre o calcanhar e correu para a sala do trono, precisava de sua armadura. Era Erasmus. Ele foi tão estúpido, sua própria arrogância pode ter acabado de custar seu peão mais valioso. Se Erasmus soubesse, então Kayleigh também saberia, e ela não pararia por nada para recuperar o irmão.

Capítulo Dezessete

O Chamado

Erasmus passou por cima do corpo do guarda morto, tentando evitar a crescente poça de sangue criada pela faca de Kayleigh. Houve um som suave de sucção quando Kayleigh puxou a faca que havia jogado da garganta dos guardas.

Eles estavam no coração do Praesidium agora. Quase alcançando a torre onde Kalan era mantido. Erasmus podia sentir a crescente ansiedade de Kayleigh, praticamente zumbia com ela. Ele continuou, através dos corredores longos e sinuosos. Pelo menos se lembrava do caminho através do labirinto de corredores e portas, fazia tanto tempo desde que esteve ali.

Diante dele, Dean ergueu a mão, fazendo sinal para que todos parassem. Eles esperaram enquanto Dean espiava a esquina. Dean puxou a espada e desapareceu no corredor seguinte. Erasmus ouviu um breve confronto e então Dean estava de volta, limpando o sangue de sua espada.

— Certo, para que lado seguimos agora?

Rorschach, Kayleigh e Eldric se aproximaram para ouvir as instruções de Erasmus.

— Tomamos a próxima à esquerda e depois vamos até a escada da torre. De lá, deve ser logo acima das escadas.

Kayleigh sorriu, estavam tão perto agora.

— O que estamos esperando, então? — ela exclamou enquanto saía pela esquina.

— Kayleigh, espere...

Erasmus parou no meio da frase quando uma estranha sensação passou por ele. Havia algo aqui, bem abaixo deles, algo que o chamava. Ele olhou em volta e viu que Dean e Rorschach, ambos traziam um olhar estranho em seus rostos.

— Sentiram isso também?

Dean e Rorschach concordaram com a cabeça, Eldric só parecia confuso.

— Sentir o quê? — perguntou Eldric — O que foi?

— É como se algo estivesse me chamando. — Dean explicou — Algo lá embaixo, algo... Familiar.

— É magia. — Rorschach murmurou. — Seja o que for, não é malévolo. Talvez você, Erasmus, e eu devêssemos seguir o chamado e ver o que Kaldorn anda escondendo por aqui. Pode ser de grande benefício para nós.

Erasmus hesitou, não queria deixar os outros. Não quando estavam tão perto de Kalan.

— Você mesmo disse, estamos perto de Kalan agora, esses três podem lidar com isso daqui.

Dean assentiu.

— Vá, vamos seguir Kayleigh e assumimos daqui. Encontramos vocês na saída.

A contragosto, Erasmus concordou.

— Certo, nos encontraremos na sala da guarda. Com isso, ele e Rorschach desceram pelo corredor.

Dean virou-se para Eldric.

— Vamos encontrar sua alteza real então?

Eldric sorriu.

— Se ela souber que a chama assim, ela vai chutar sua bunda.

Quando eles estavam prestes a ir atrás dela, Kayleigh voltou correndo pelo corredor, as armas em mão, quase batendo neles quando virou a esquina.

— É, temos um problema. — Ela olhou em volta de Dean em busca de Rorschach e Erasmus. — Para onde foram os outros dois?

— Precisaram cuidar de uma coisa, se encontrarão conosco na saída. Longa história. — Dean respondeu. — Qual é o problema de que você estava falando?

Enquanto falava, o chão sob eles começou a tremer.

— Que diabos é isso?

— Esse seria o problema que mencionei.

Dean e Eldric colocaram a cabeça para espiar depois da esquina e olharam para o fim do corredor. Eldric engoliu em seco. O sorriso maníaco de Dean voltou.

— Que diabos é isso? — Dean disse cheio de alegria.

— Isso, querido irmão, seria um Minotauro.

Capítulo Dezoito

Hibernis

Rorschach sentiu algo chamá-lo, assim como Erasmus e Dean. Kaldorn escondia algo deveras poderoso nos confins do Praesidium, ou melhor, alguém. Ao contrário de Dean e Erasmus, Rorschach sabia exatamente o que, ou melhor, quem os estava chamando. Era uma presença que ele sentiu por muitas vezes no passado, mas o passado era um tempo muito longo para Rorschach, talvez mais longo do que para qualquer outra pessoa que ele já conheceria. Pensou que jamais voltaria a senti-lo, que seu dono estava morto fazia muito tempo, enterrado e alheio ao mundo para nunca mais voltar.

Erasmus o conduziu através dos fossos escuros e sinuosos do Praesidium. Este é o lugar onde o pior do pior acontecia, uma vez que chegasse aqui pode muito bem ser considerado morto pelo resto do mundo. Ele podia sentir a presença ficar mais forte, quanto mais adentravam o Praesidium. Eles estavam quase lá.

Depois de algumas centenas de metros, Erasmus parou em frente a uma gigantesca porta de carvalho. Ele segurou seu cajado perto da porta. Ouviu-se então um som estridente quando um raio de luz disparou da porta para a espada de Erasmus. Erasmus deu um passo para trás para desviar. Quase resvalou nele, o perdendo por milímetros.

— É aqui, mas o feitiço na porta é muito forte, não consigo quebrá-lo.

Rorschach enrolou as mangas e afastou Erasmus do caminho.

— Eu posso cuidar disso.

Erasmus pareceu surpreso.

— Como? Você não tem nada para concentrar sua magia.

— Eu menti.

— Mas como? Todo mago precisa de foco para realizar magia. Caso contrário, eles correm o risco de causar danos a si mesmos e aos outros.

— Há muitas coisas que você e o Conselho de Magos não sabem sobre magia. Coisas que levam séculos para se aprender e um milênio para dominar. A única razão pela qual fui preso pelo navio escravo e para eu estar aqui nesta fortaleza é porque eu escolhi ser preso. Eu sabia que precisava estar aqui.

O queixo de Erasmus caiu quando Rorschach juntou as mãos e empurrou as palmas para a porta. Suas palmas começaram a brilhar com uma estranha luz azul, a energia estalou quando suas palmas se encontraram com a barreira mágica. Houve um barulho alto e a barreira desapareceu. Rorschach acenou com a mão, e a porta destrancou e abriu para dentro. Rorschach entrou na sala, Erasmus em seus calcanhares.

O quarto estava mobiliado de forma simples, uma pequena cama e uma mesa com uma cadeira solitária. Deitado na cama via-se um homem grande. Embora fosse difícil dizer a partir de sua posição, o homem parecia ser alto e musculoso. Cabelos e barba cerrada, brancos como neve, cobriam sua mandíbula.

O homem olhou para os dois quando entravam.

— Bem, demorou, venho chamando há séculos.

Ele parou e olhou mais de perto para Rorschach, entrecerrando os olhos como se isso possibilitasse que enxergasse melhor. O homem levantou-se da cama como um sorriso familiar em seu rosto.

— Bem, por cargas d'água, você ainda está vivo. Eu sabia que sentia alguém poderoso, mas não tinha ideia de que era você, Ammon.

Rorschach envolveu o homem em um enorme abraço de urso. Uma vez liberado, voltou-se para Erasmus:

— Permita-me que o apresente, este é Hibernis. Rei da Corte Fae de Gelo e pai de Dean.

Erasmus olhou de um para o outro.

— Espere aí. Então o seu verdadeiro nome é Ammon? Como em Ammon Immenand, o feiticeiro lendário que lutou nas guerras Fae e é o mago mais poderoso já registrado na história? ESSE Ammon?

Rorschach assentiu.

— Sim, mas você não pode contar a ninguém. Se certas pessoas descobrirem, não iriam parar por nada até conseguir meu sangue.

Hibernis cortou:

— Ei, ei, volte um pouco. O que quer dizer com "Pai"?

Rorschach voltou-se para Hibernis.

— Ah, sim, precisamos ter uma conversinha.

Capítulo Dezenove

O Minotauro

O Minotauro trovejou pelo corredor, as pedras cinzentas do Praesidium tremendo sob sua forma esmagadora. Kayleigh entrou no corredor, com as facas prontas. Ela jogou. O Minotauro vacilou e rugiu quando as lâminas rasgaram sua pele. Dean aproveitou a oportunidade e correu para a besta. Os olhos vermelhos do Minotauro brilharam de raiva ao verem Dean se aproximando. O monstro levantou seu taco, preparando-se para atacar. Quando Dean chegou perto, o Minotauro balançou o taco para baixo.

No último momento, Dean se lançou sobre o adversário, o taco não o atingindo por milímetros enquanto girava no ar. Ao aterrissar, Dean girou e cortou as costas do Minotauro com a espada. O monstro soltou um grito cheio de raiva. Ele se virou para cima de Dean, o taco instável em sua mão. O taco atingiu Dean no flanco e o jogou voando. Ele bateu na parede de pedra e se encolheu, deslizando para o chão enquanto ofegava para respirar.

O Minotauro avançou em direção a Dean, sua respiração eram passadas curtas e pesadas, as narinas queimando. Dean observou enquanto a criatura avançava em direção a ele, arrastando o taco do seu lado de modo que parecia um presságio ecoando, raspando nas pedras. Ele tentou se mover, mas não conseguiu recuperar o fôlego. Ofegou outra vez quando uma dor aguda disparou através de seu tórax. A besta estava se aproximando. Dean fechou os olhos e esperou o golpe esmagador no crânio que sabia estar prestes a vir. Isso nunca aconteceu.

Dean sentiu uma onda de calor bufar em direção a ele. Ele abriu os olhos para encontrar o Minotauro engolido por uma bola de chama laranja, cortesia de Eldric. A besta, no entanto, parecia não ser ferida pelas chamas. Só parecia irritada. Parou seu avanço em direção a Dean e virou-se para enfrentar o novo atacante. As chamas de Eldric desapareceram. O Minotauro avançou sobre ele.

— Que merda. — Eldric engoliu em seco. — Esqueci que Minotauros são à prova de fogo. São filhos dos espíritos da água.

Kayleigh olhou para ele incrédula.

— Agora é que você se lembra? Depois de tentar fazer dele um assado?

— É. Hora de nos mexer.

Eldric empurrou Kayleigh para fora do caminho da besta enquanto mergulhava para o lado. O monstro passou, batendo na parede atrás deles. Logo se recuperou e virou-se para enfrentar Eldric que desembainhou a espada. O Minotauro levantou seu taco de novo. O garoto encontrou seu olhar, mirou fundo em seus olhos cheio de raiva. O Minotauro fez um movimento para baixo com o taco, Eldric se arremessou para o lado, evitando por pouco o golpe esmagador. Seus pés batiam de raspão nas pedras enquanto ele se movia com agilidade pelo chão.

O taco do Minotauro bateu contra as pedras, quebrando algumas delas. Eldric aproveitou a oportunidade e se aproximou da criatura, enfiando a espada em seu tronco. A besta sacudiu a cabeça para Eldric ao grunhir pela dor causada pelo pequeno corte. Eldric se afastou dele, evitando com facilidade seus chifres curvos. Ele era muito mais rápido que a criatura, no entanto, um passo errado e a coisa seria diferente.

O monstro arrancou o taco do chão e usou a mão esquerda para balançá-lo para trás, em direção a Eldric. Eldric girou ao redor do taco, ainda dentro do alcance da criatura. Ele balançou a espada para a coisa, desta vez fazendo um longo corte no braço dela. Um rugido ecoou pelo corredor enquanto a besta gritava de dor. Eldric sorriu para si mesmo enquanto saía do alcance.

Não o bastante.

Ele viu a mão direita do Minotauro vindo em sua direção cerca de três segundos tarde demais. O monstro o pegou nas costelas e o enviou voando da mesma maneira que fez com Dean.

Dean assistiu Eldric voar pelo corredor. Ele tentou levantar-se mais uma vez, agora conseguindo se colocar de joelhos. Mas caiu sobre as mãos, ofegante. Observou o monstro virar-se para encarar Kayleigh.

O Minotauro arfava pesadamente, os olhos vermelhos brilhando com raiva e dor. Seu pelo estava coberto do sangue que escorria

suas feridas. A fera virou-se para enfrentar seu último agressor. Quando se virou, Kayleigh sacudiu os pulsos. A cabeça da fera ricocheteou quando as lâminas encontraram seu alvo. Kayleigh puxou mais duas facas do seu cinto. Ela jogou novamente. As lâminas acertaram o Minotauro, já desequilibrado, no peito fazendo-o cambalear para trás gritando.

Ela retirou mais duas lâminas, estas maiores do que as anteriores. Ela jogou uma terceira vez. A besta tropeçou para trás indo de encontro à parede atrás dela. Quando a besta caiu no chão, Kayleigh pegou sua arma favorita, um dos pequenos explosivos roxos criados por Erasmus.

— Atenção!

Ela sorriu quando lançou o explosivo no Minotauro. A bomba atingiu a cabeça dele, explodindo com um pequeno baque e uma explosão de luz roxa. Os restos do Minotauro deslizaram para o chão. Um toco fumegante e pequeno respingo eram tudo que restou no lugar onde antes a cabeça do Minotauro estava.

Um pequeno pedaço do chifre do Minotauro rolou pelo chão e parou nos pés de Kayleigh. Ela se abaixou para pegá-lo com um pequeno suspiro.

— Estão vendo meninos, é assim que se faz.

Dean gemeu em resposta. Kayleigh se aproximou e o pôs de pé, Dean inclinou-se contra a parede para recuperar seu fôlego. Endireitou-se.

— Certo, estou bem.

Kayleigh riu enquanto levantava Eldric. Eldric gemeu também, mas conseguiu ficar de pé sozinho.

— Hora de nos mexer. — Kayleigh ordenou. — Engulam essa, garotos. Eu que deveria ser a princesa por aqui.

Dean revirou os olhos, Eldric ainda estava muito ocupado tentando se recuperar para dizer alguma coisa.

Kayleigh moveu-se pelo corredor em direção as escadas que Erasmus havia mencionado mais cedo e parou aos pés dela. Era isso, no alto das escadas seu irmão a esperava. Durante todo o tempo em que estivera sozinha, pensava ser a única sobrevivente de sua família. Era um sentimento estranho saber que a poucos metros

estava um ente querido que ela pensava estar morto há muito tempo. Estranho, mas ainda de um estranho conforto. Um flash de culpa percorreu-a enquanto outro pensamento cruzou sua mente. Encontrar Kalan também significava que ela já não precisava assumir a responsabilidade de herdar o trono, quando enfim o tomassem de volta de Kaldorn. Ela esmagou o pensamento quase tão depressa quanto ele havia surgido, substituindo-o com alegria pelo fato de que ela agora teria uma família de novo.

Ela sentiu um leve toque no ombro. Ela levantou os olhos para ver Dean atrás dela, sorrindo. Seus olhos verdes brilhavam com alegria infantil que sempre estavam ali.

— Você está bem? — Sua voz era pouco mais que um sussurro.

Ela assentiu.

— Então vamos, vamos pegar seu irmão.

A escada curvava-se para a direita ao subir. Quando eles enfim chegaram ao topo, encontraram uma porta de madeira comum com um simples trinco de ferro.

Dean franziu o cenho.

— É só isso mesmo? Pensei que teria uma fechadura maior.

— Bem, estamos em uma fortaleza. Para começar, a ideia é que não se chegue tão longe. — Eldric disse.

— Ah, bem, então isso se torna dez vezes mais fácil de fazer...

Dean recuou e lançou o pé na porta, atingindo o ponto onde a madeira encontrava o metal do trinco. A porta explodiu para trás, as dobradiças tornando-se uma chuva de estilhaços, então a porta bateu na parede com um estrondo alto.

Capítulo Vinte

Demônio

As paredes cinza do Praesidium pairavam no horizonte, fachos brilhantes de luz da lua iluminavam os muros de pedra lisa. O barulho de cascos galopando encheu a noite fria no instante em que Kaldorn e seus homens avançavam em direção à fortaleza. Kaldorn ia à frente, resplandecente em sua armadura e manto pretos. Ele encarrou a fortaleza a sua frente, um único objetivo em mente. Atrás dele, seus homens incitavam seus cavalos a seguir adiante.

Kaldorn mal podia ouvir os próprios pensamentos por sobre o som agressivo. Fraco, mas ainda estava lá. A vozinha na parte de trás de sua cabeça, gritando para que parasse. Ele balançou a cabeça tentando se livrar da praga.

— Por favor, não faça isso.

— Silêncio. — Kaldorn rosnou.

— Por favor, não é assim que eu queria. Eu só queria poder para ajudá-los. — Kaldorn tentou abafar a voz, concentrando-se nas batidas dos cascos de seu cavalo.

— Não vou deixá-lo fazer isso! — a voz gritou. — Pare!

As mãos de Kaldorn se agitaram, movendo-se como se possuíssem vontade própria. Puxaram as rédeas para trás, forçando o cavalo a levantar a cabeça. Seu cavalo refugou, jogando grama e sujeira no ar ao seu redor. Ele empinou-se sobre as patas traseiras, e seu grito dividiu o ar com o trovejar de cascos batendo no chão.

Agora não, essa era a pior hora para isso acontecer. Isso poderia estragar tudo. Ele lutou ao sentir-se escorregar na escuridão, o mundo mudando lentamente em torno dele, como se estivesse se afastando ainda mais. Ele tentou lutar, arrastar-se de volta, mas não adiantou. Ele perdera o controle.

Capítulo Vinte Um

A Substituição

O mundo de Kaldorn se modificou e tudo votou a ter foco. Ele sentiu os rufos distantes tornando-se mais altos até que reconheceu o som dos cascos de dezenas de cavalos. O choramingo agudo que ouviu antes foi se tornando mais claro até ele perceber ser o relincho de um cavalo aterrorizado. Seu cavalo. Ele sentiu o mundo inclinar quando o cavalo empinou. Lama e grama enchiam o ar ao seu redor, seus aromas invadiram seu nariz. As partículas de sujeira e a grama eram geladas contra sua pele. Ele não era mais um espectador. Ele estava no controle.

Seus homens vinham derrapando, os cavalos parando em torno dele, como se estivessem tentando evitar se aproximar de seu cavalo. Ele afrouxou um pouco o aperto nas rédeas, e seu cavalo desceu as patas, balançando a cabeça e bufando no processo. Ele olhou ao redor. Seus homens estavam à espera de ordens. Olhares confusos dizendo a eles que se perguntavam o motivo da interrupção.

Soltou um suspiro de alívio. Tudo ficaria bem. Ele voltou a ter controle. Agora ele poderia salvar a todos. Poderia ir até Erasmus e contar tudo o que havia acontecido. Ele acreditaria nele. Certamente entenderia. Entender que nunca quis que nada daquilo acontecesse, ainda mais o assassinato de seu irmão. Lágrimas brotaram no canto de seus olhos por conta das coisas que havia feito. Apesar disso, as coisas ficariam bem. Ele consertaria. Certificaria-se de que Kalan governaria Sitaria como deveria. Tudo ficaria bem.

De repente, houve uma explosão de dor em sua cabeça, uma dor que o cegava. Era como se algo tentasse se apoderar de sua mente.

— Não vá dizer que acreditou que retomaria o controle com tanta facilidade?

Kaldorn tentou gritar, mas seu corpo já não respondia.

— Não, por favor, pare. Eu só queria salvá-los, por favor.

— Você é meu, seu tolo de mente fraca. Você assegurou isso há muito tempo.

Kaldorn sentiu-se mais uma vez deslizar para a escuridão, o mundo perdendo o foco e seus sons sendo abafados, os aromas enfraquecidos, e as cores vibrantes e marcos deixaram de ter nitidez. Ele deslizava mais e mais para a escuridão até que outra vez ele se tornou um mero espectador em seu próprio corpo.

Capítulo Vinte e Dois

Retorno

Kaldorn endireitou-se em sua sela conforme sua vista clareava, os sons tornavam-se mais claros e os aromas mais nítidos. A noite estava silenciosa. O silêncio quebrado apenas pelos relinchos dos cavalos. Uma brisa fresca soprava no ar, dançando ao longo de sua pele. Ele olhou para os homens à sua volta, olhares confusos nos rostos. Seu rosto se transformou em um rosnado.

— Não fiquem aí parados, mexam-se!

Seus olhos brilharam vermelhos conforme se enchiam de raiva. Alguns dos cavalos mais próximos choramingaram com medo, e seus homens se encolhiam para longe dele.

Kaldorn esporeou seu cavalo e o animal retomou seu caminho, mais uma vez trotando para o Praesidium. Momentos mais tarde, a noite encheu-se mais uma vez o som constante de cavalos galopando.

Capítulo Vinte e Três

Ammon Immenand

Erasmus parou no centro do quarto mal iluminado tentando processar a informação que acabara de receber. Na frente dele, Rorschach estava sentado em uma mesa pequena de madeira. Em frente à Rorschach estava um homem grande, que se parecia demais com Dean. Hibernis, o Rei da Corte de Gelo dos Fae. Rorschach olhava com severidade para Hibernis, que estava sentado com a boca aberta, tentando fazer com que as palavras saíssem dali.

— Então me deixe ver se entendi. — Hibernis finalmente conseguiu falar — Eu tenho um filho, que tem vinte e quatro anos de idade e, que de alguma forma, eu nunca soube que existia?

— Sim. — Rorschach respondeu. — Ah, e mencionei que ele tem um meio-irmão que é filho de Ignis?

Erasmus não achava ser possível, mas a boca de Hibernis escancarou ainda mais. Ele observou enquanto Hibernis processava a nova informação. Erasmus conhecia a sensação. Ele não só acabara de descobrir que Kaldorn mantinha um dos Reis Fae refém em seu porão, mas também que o homem que o ajudou a resgatar Hibernis era também o Mago mais poderoso de toda a história.

Ele estava mesmo ao lado de Ammon Immenand, um homem que muitos consideravam uma lenda e que o mundo pensava ter sido morto há muito tempo. A última vez que se soube dele foi durante a guerra Fae, quase duzentos anos antes, após isso ele desapareceu. Ao que tudo indicava, ele havia se escondido em uma ilha, e criou os filhos dos dois Reis Fae para quem ele serviu na Guerra.

Hibernis enfim conseguiu colocar sua voz para funcionar.

— Quais são os nomes deles?

— Seu filho se chama Dean e o de Ignis, Eldric. — Rorschach respondeu.

— Ignis sabe?

Rorschach assentiu com a cabeça.

— Conte assim que encontrei os meninos. Eu tentei encontrá-lo e contar também, agora sabemos por que não consegui.

Hibernis sentou em sua cadeira.

— Quem era a mãe deles?

— Uma garota das ilhas ao norte de Geldarn, acredito que o nome dela era Sarah. Ela foi assassinada, aliás, acho que Aeris e Petram encontrou os três antes que eu conseguisse chegar a eles. Enviaram um dos Lordes Piratas para cuidar do serviço, mas de alguma forma, os rapazes conseguiram sobreviver.

Um olhar triste trespassou pelo rosto de Hibernis.

— Eu me lembro dela, ela era uma doce menina.

Erasmus assistia o intercâmbio, o número de perguntas que queria fazer crescendo a cada frase proferida. Até que ele decidiu intervir.

— Estou confuso, Dean tem vinte e quatro anos de idade, mas a rebelião de Kaldorn só aconteceu há sete anos. Onde você esteve antes disso?

Hibernis sorriu. Era o mesmo sorriso malandro de Dean.

— Essa é uma longa história, melhor ficar para outra hora. Já perdemos tempo o bastante neste lugar.

Rorschach concordou com a cabeça.

— Precisamos sair antes que Kaldorn seja alertado da nossa presença.

Com isso, ele e Hibernis levantaram-se da mesa e foram para a porta. Erasmus moveu-se para segui-los. Ao fazer isso, uma sensação estranha tomou conta dele. Um calafrio correu sua espinha conforme a sensação tornava-se mais clara como se uma nuvem negra estivesse sobre a sua cabeça. Ele estremeceu. Apenas um homem já fora capaz de fazê-lo sentir-se desta forma.

— Creio que pode ser tarde demais para isso. Ele já sabe. Kaldorn está aqui.

Rorschach parou e virou-se para Hibernis, ficaram trocando olhares por um momento. Nenhum deles proferindo uma única palavra. Depois de alguns minutos, Hibernis apenas assentiu para Rorschach.

Rorschach voltou-se para Erasmus.

— Nós não podemos ir com você. Se Kaldorn já está aqui, isso muda as coisas de maneira considerável.

— O quê? — Erasmus gaguejou. — Como pode simplesmente nos abandonar? Precisamos de você mais do que nunca.

Hibernis se adiantou.

— Não, Ammon está correto. Se Dean e Eldric são realmente descendência minha e de Ignis, enfrentarão muitos desafios pela frente. Há uma guerra à espreita, e eles terão um papel importante a desempenhar. Esta batalha será o primeiro de muitos testes a acontecer.

— Guerra? Que guerra? — Erasmus perguntou com cautela.

— Não é de importância neste momento. — Rorschach disse — Você é um mago muito talentoso, Erasmus. E pelos nossos padrões, você é ainda jovem. Ajude-os, treine-os para que possam controlar seus poderes. Eles precisarão de você.

Erasmus engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

— Bem, agora pegue isso e vá.

Rorschach mexeu em suas vestes e tirou um pequeno livro de couro. Ele entregou a Erasmus. Erasmus o pegou e folheou as páginas, seus olhos se arregalando enquanto isso. Ele olhou para Rorschach, o rosto cheio de espanto.

Rorschach sorriu para ele.

— Todos vocês são talentosos demais, mas têm um longo caminho a percorrer.

Rorschach sorriu

— Agora vá, eles precisam de você.

Erasmus assentiu e virou-se para a porta. Ele partiu em disparada. Rorschach estava certo, se Kaldorn estivesse aqui, então os garotos precisam dele.

Capítulo Vinte e Quatro

Segredos

Ammon observou Erasmus virar-se e partir. Hibernis estava ao seu lado.

— Suas anotações estavam naquele caderno?

Ammon assentiu.

— Onde o encontrou? — Hibernis riu.

— Eu não o encontrei. — Respondeu Ammon. — Apareceu com o seu filho.

Hibernis ergueu a sobrancelha, divertido.

— Bem, o dia de hoje continua a ser cheio de surpresas. Não é?

Ammon riu

— Estamos ficando velhos Hibernis, o mundo está se transformando.

— De fato. Acha que ele sabe?

Ammon virou-se para olhar para Hibernis, um olhar intrigado no rosto.

— Sabe o quê?

— Quer dizer, você não percebeu?

— Perceber o quê?

Hibernis começou a rir

— Espere, deixe-me aproveitar isso, pela primeira vez eu sei de algo e você não.

Ammon ficou impaciente.

— Bem, então, desembucha.

Hibernis riu.

— Ammon meu velho amigo, a poderosa presença que senti, a presença por quem chamei, não era você, se tivesse sido você eu não teria ficado tão surpreso quando entrou. Era o nosso jovem amigo Erasmus. Esse garoto é tão poderoso que consegue mascarar até a SUA presença.

Capítulo Vinte e Cinco

Reunião

A porta da torre caiu contra a parede depois que o pé de Dean a atingiu. O quarto era sombrio, a única luz vinha do fogo tímido na lareira. Kayleigh piscou algumas vezes até que seus olhos se ajustaram e então olhou para o cômodo. O único ocupante virou-se ao som da porta estilhaçando. Kayleigh olhou para ele. Havia tanto tempo, e ele cresceu tanto.

Por sete anos ela esteve sozinha. Claro, havia Erasmus, porém por mais que ela o amasse, por mais que ele tenha sido como um tio para ela, não era a mesma coisa. E, no fim, ele havia desaparecido por um tempo também. Durante sete longos anos, ela foi forçada a ser a líder, a ser a pessoa a ir na cara e na coragem quando mais ninguém poderia.

Tomar decisões difíceis e ser uma princesa guerreira que lutava por seu povo, ser quem os levava à batalha, quem sempre era justa e correta e não deixava as emoções transparecerem. Enquanto ela encarava o irmão que pensava ter morrido há muito tempo como o resto de sua família, suas emoções vieram à tona. Ela voou pelo quarto, enterrou o rosto em seu peito e começou a chorar.

Kalan olhou para ela, atordoado.

— Kayleigh? — ele sussurrou — É mesmo você?

Ela levantou a cabeça e, por detrás das lágrimas, sorriu e assentiu. Ele envolveu os braços em volta dela, um olhar de espanto no rosto.

— Como está você aqui? — ele murmurou — Pensei que estivesse morta. Pensei que estivessem todos mortos.

Kayleigh o soltou e deu um passo para trás. Balançou a cabeça enquanto enxugava lágrimas de seus olhos.

— Pensava o mesmo sobre você até algumas horas atrás.

Ele sorriu para ela, envolvendo-a em outro abraço.

— Como você sobreviveu? — ele perguntou. — Tio Kaldorn afirmou que você estava morta.

— Erasmus me salvou, ele voltou para pegar os demais, mas era tarde demais.

— E mamãe e papai...

Kayleigh recuou e balançou a cabeça. Nós dois somos tudo o que resta agora.

O rosto de Kalan endureceu e ele acenou com a cabeça. De algum lugar atrás de Kayleigh, Dean pigarreou. Kayleigh se assustou com o barulho como se houvesse esquecido que eles estavam lá.

— Kalan, estes são Dean e Eldric. Eles são meus amigos.

Dean deu uma saudação preguiçosa a Kalan com sua espada.

— Eu odeio acabar com a festa por mais tocante que seja, mas provavelmente deveríamos sair daqui.

Como se fosse a deixa em uma peça, eles ouviram passos e gritos vindos do corredor logo abaixo deles. Dean virou-se para Kalan.

— Sabe usar uma espada?

— Fiquei preso em uma fortaleza pelos últimos sete anos, não há muito a fazer senão praticar.

— Bom. — Dean disse enquanto jogava para Kalan sua espada.

— Você pode usar a minha.

Kalan pegou a espada pelo punho ainda no ar.

— É... O que você vai usar então?

Dean piscou para ele quando começou a formar uma espada de gelo.

— Não se preocupe comigo, vou ficar bem.

A boca de Kalan caiu com a visão. Kayleigh o cutucou

— Não se preocupe, com o tempo você se acostuma.

Capítulo Vinte e Seis

O Plano

Dean estava parado no fim da escada, espiando a esquina que dava para o corredor. Ele podia ver grupos de guardas correndo de um lado para o outro, vasculhando a fortaleza atrás deles. Puxou a cabeça de volta e se recostou contra a parede.

— Não temos muita escolha. Vamos ter que lutar para sair daqui.

Os outros assentiram.

— Então, qual é o plano? — perguntou Eldric.

Dean franziu o cenho para ele.

— Por que sempre sou eu que preciso bolar o plano?

— Bem, em suma porque se eu fizer isso, você não vai me escutar e vai apenas correr para a briga como um idiota.

Dean pensou por um segundo e então assentiu.

— Justo.

Kayleigh suspirou e deu um tapa na parte de trás da cabeça dos dois.

— Podemos ter foco por um segundo? — ela sibilou para eles — Como exatamente, vamos sair daqui?

O rosto de Dean se iluminou com um sorriso malicioso.

— Bem, na verdade... Eldric pode ter conseguido algo com essa ideia.

Eldric gemeu e enterrou o rosto nas mãos. Kayleigh revirou os olhos. Kalan olhava com perplexidade por toda a conversa.

— Me ouçam. — Dean disse. — Funcionou no passado, então não vejo por que não pode funcionar agora. Eldric e eu vamos à frente com todo o nosso lance Gelo e Fogo e vocês dois seguem atrás e cuidam dos retardatários.

Kayleigh pensou por um minuto.

— Tudo bem, certo. É provável que seja o melhor que conseguiremos pensar.

Capítulo Vinte e Sete

Nova Fuga

Eldric derrapou para o corredor e inclinou as costas contra a parede. No final do corredor, um grupo de guardas estava de pé como se esperassem por alguma coisa. Eldric estendeu a palma da mão e uma pequena chama surgiu dançando sobre seus dedos. Ele começou a assobiar. Depois de alguns segundos, um dos guardas se virou. Ele viu Eldric e ergueu as sobrancelhas de surpresa. Eles logo desceram e se amontoaram de raiva, todos juntos ao verem Eldric puxar a espada.

— Ei, você não deveria estar aí. Quem é você?

Eldric olhou para cima quando os outros guardas se viraram puxando suas próprias espadas.

— Quem sou eu? Não me reconhecem? Bem, devo dizer que é um pouco decepcionante. — ele fingiu uma expressão magoada. — Sou Eldric Whittaker, um pirata temível, um canalha ladrão e um sedutor diabólico. Na última, ele deu um sorriso. Os guardas o rodeavam agora.

— Bem, não me importa se você é a maldita rainha. Não deveria estar aqui, e acho que você é o desgraçado por quem Lorde Kaldorn nos fez procurar a essa hora injusta, o que significa que vem conosco.

Eldric fingiu surpresa.

— Tudo isso é por mim? Ah, não deveriam.

O guarda grunhiu para ele.

A voz de Eldric caiu para um tom mais sério.

— Não, verdade. Não devia ter feito isso.

Com isso, ele sacudiu o pulso e a pequena chama em sua mão voou para frente, crescendo durante esse tempo até que atingiu o guarda, prendendo-o no fogo. Com um movimento suave, Eldric puxou a espada e se dirigiu para o guarda mais próximo, antes mesmo que houvesse tempo para reação, Eldric deslizou a ponta de sua espada na garganta do guarda. O homem soltou um som gorgolejante quando caiu no chão, segurando o pescoço enquanto o sangue escorria da ferida.

Eldric sentiu uma explosão de ar gelado quando Dean fez um guarda voar em uma bola de gelo. Ele girou e movimentou-se para cima do próximo guarda, o homem se defendeu e recuou. Eldric

jogou a espada do homem para o lado e cortou sua garganta. Um rio de sangue esguichou para frente e pelo corpo do soldado enquanto ele soltava um choro truncado e caía no chão. Eldric virou a tempo de ver o próxima guarda cair, uma faca enterrada em seu peito, cortesia de Kayleigh.

Kalan estava logo atrás lutando com dois de uma vez. Movia-se ainda mais rápido que Dean. Os pés mal tocavam o chão e sua espada era quase um borrão. Ele investia, defendia e cortava. O que resultou em pouco trabalho com os dois guardas, ambos caindo no chão há poucos segundos um do outro. O sangue se espalhando pelo peito como uma rosa florescendo.

Em poucos segundos todos os guardas foram mortos. Eldric perscrutou a carnificina com uma expressão triste.

— Vamos, é melhor continuarmos antes que mais deles apareçam.

Capítulo Vinte e Oito

Os Irmãos e o Rei

Quando chegaram à sala da guarda por onde haviam entrado ao chegar, estavam todos cobertos de sangue e tripas. Kaldorn agora contava com bem menos homens do que quando a noite começou. Dean empurrou a porta para a sala da guarda e entrou.

— Ah, bem-vindos, gentil da parte de vocês enfim chegarem. — falou uma voz áspera.

Kayleigh ficou tensa ao ouvi-la.

— Kaldorn. — ela disse entredentes.

— Entrem, entrem. Não sejam tímidos agora.

Kaldorn acenou para eles.

Dean se moveu mais para dentro do cômodo até que conseguisse ver o homem bem. Kaldorn não era de forma alguma um homem alto. Cabelos ruivos como a sobrinha e o sobrinho, embora um pouco diferente, o seu era de um vermelho vivo. Os olhos tão escuros que eram quase negros, o que contrastava com a pele branca e pálida. Na mão direita, trazia um bastão de madeira adornado com símbolos gravados de maneira intrincada.

Kayleigh engasgou quando o viu.

— Tio, o que aconteceu com você?

O olhar de Kaldorn voltou-se para a sobrinha.

— Poder, minha querida menina. Este é o preço do poder, mas sempre vale a pena. Veja, me permite fazer coisas assim.

Kaldorn empurrou o bastão na direção de Eldric. Sem aviso, Eldric foi levantado do chão e voou até que estava preso contra a parede. Kayleigh soltou um grito nesse momento. Kaldorn riu.

— Viu, minha querida, o preço que paguei não é nada em comparação às recompensas que recebi.

Kaldorn virou-se para Dean.

— Não tenho problema algum com vocês dois. Deixem Kayleigh e Kalan aqui comigo e eu permitirei que ambos saiam vivos. No entanto, nunca voltem ao meu país, ou vou matá-los. Temos um acordo?

Dean parou por um momento como se considerasse a oferta. Seu sorriso malicioso se espalhou pelo rosto.

— Passo essa, valeu.

Ao dizer isso, ele agitou as mãos para cima, na direção de Kaldorn, uma corrente de gelo saindo delas. O gelo acertou Kaldorn no peito, derrubando-o. Kaldorn ofegou quando o ar foi expulso de seus pulmões. Atrás dele, Dean ouviu Eldric cair ao chão com um estrondo. Eldric estava de pé e ao lado de Dean dentro de segundos.

— Kayleigh, Kalan. Fiquem atrás de nós. — Dean avisou.

Ambos concordaram e recuaram.

Dean trocou um olhar com Eldric enquanto Kaldorn se levantava.

— Está pronto para isso? — Eldric apenas assentiu.

— Meninos tolos, fizeram a escolha errada.

— Tudo bem. Pode ficar com eles. — Dean disse — Por cima de nossos cadáveres.

Eldric olhou de lado para Dean.

— Sério? *Por cima de nossos cadáveres* é o melhor que consegue fazer?

Dean parecia abatido.

— Suponho que faça melhor então?

— Sim, na verdade, isso.

De repente, Eldric lançou o punho na direção de Kaldorn, lançando um jato de fogo. Kaldorn levantou as mãos. As chamas, que iam na direção de Kaldorn, pararam. Como se houvessem atingido uma parede. Quando as chamas começaram a se apagar, Dean saltou através delas, sua espada de gelo erguida bem para cima de sua cabeça.

Ele investiu em direção a Kaldorn. Kaldorn aparou o golpe com seu bastão, disparando faíscas no ar. Ele empurrou Dean para trás e o enviou voando pelo ar. Dean bateu no chão com um forte baque e ficou ali, inconsciente.

Eldric enviou outra coluna de fogo, direto para Kaldorn. Mais uma vez, parou antes de chegar a ele. No entanto, as duas bolas de fogo que Eldric enviou atrás da coluna passaram. Ambas atingiram Kaldorn no peito e o lançaram para trás. Suas vestes em chamas.

Kaldorn bateu a com o bastão no chão, e as chamas se extinguiram e Kaldorn começou a rir.

— Vocês, de fato, pensaram que os dois poderiam me derrotar com simples truques?

Eldric enviou outra coluna de chamas em direção a Kaldorn. Kaldorn riu e golpeou com o bastão em cima das chamas fazendo com que se dispersassem. Kaldorn empurrou o bastão na direção de Eldric. De repente, Eldric perdeu todo o controle de seu corpo. Ele não podia se mover. Não conseguia respirar. Ele começou a lutar por ar. Tudo começou a escurecer. Ele ouviu a Kayleigh gritar. Então, de algum lugar na escuridão, veio um vozeirão.

— Chega!

Houve um som forte como um trovão, e em seguida Eldric estava no chão, puxando com força, doces tomadas de ar.

Capítulo Vinte e Nove

O Mestre e o Aprendiz

Erasmus correu pelo Praesidium, voltando para o lugar combinado. Não era difícil atravessar a fortaleza sem atrair atenção. Os únicos guardas que via estavam mortos ou morrendo. Dean, Eldric e Kayleigh com certeza haviam passado por eles. Percorreu os corredores da fortaleza, passou por dezenas de celas e prisioneiros suplicantes.

Ele precisava se apressar antes que fosse tarde demais. Estava quase lá. Desembainhou a espada. Precisaria dela. Ele saiu em disparada na última esquina, saltando por sobre os corpos dos guardas mortos. Conseguia ver a porta agora. Podia sentir a energia das magias provindo do cômodo conforme feitiços eram lançados por um lado e pelo outro. Ouviu alguém gritar. Kayleigh.

Chegou à porta.

Demorou poucos segundos para entrar em cena. Dean estava no chão, inconsciente. Eldric estava de joelhos, lutando para respirar. Kayleigh estava de pé no fundo da sala, com a faca em mãos. Seu braço pronto para lançá-la. E Kalan. O tempo parou quando viu Kalan. Um olhar de raiva tomava o rosto do rapaz, ele desembainhou a espada e começou a correr em direção a última figura no local. Kaldorn. À vista de Kaldorn, Erasmus entrou em ação, trouxe sua espada para cima e apontou para Kaldorn, batendo as mãos juntas.

— Chega! — ele bravejou.

Raios amarelos começaram a dançar por sobre o comprimento da espada. O som de trovões desencadeando preencheram a sala. O raio disparou da ponta de sua lâmina em direção à Kaldorn. Houve um choque poderoso, quando o trovão atingiu Kaldorn no peito. Ele foi retirado do chão e saiu voando, colidindo com as estantes de armas atrás dele.

Kayleigh e Kalan se viraram para olhar para Erasmus. Eldric parou de sufocar e começou a respirar. Eles precisavam se mover depressa. Ele olhou para Kayleigh.

— Pegue-os que vamos embora. Temos de sair daqui agora.

Eles se esforçaram para fazer o que foi dito. Erasmus correu para a entrada da passagem e a abriu. Felizmente, Dean teve a ideia de deixá-lo aberta para que conseguissem passar vindo deste lado.

Ele conduziu os outros e estava prestes a segui-los. Virou-se para dar uma última olhada em Kaldorn. O homem começava a se mover, embora de forma débil. Quando Erasmus olhou para ele, os olhos de Kaldorn encontraram os seus. Não eram mais os olhos escuros que ele tinha visto há pouco, eram mais uma vez os penetrantes olhos azuis que Erasmus encarou muitas vezes no passado.

— Me ajude. — Kaldorn implorou.

Erasmus hesitou. Mas antes que pudesse se mover, os olhos de Kaldorn tornaram-se negros outra vez. Erasmus não perdeu tempo e entrou no túnel. Puxou a porta e a trancou.

Capítulo Trinta

Shaide

O vento fresco do oceano soprava através do convés conforme o navio gigante rolava suave através das ondas do mar. Darius Shaide estava ao leme de seu navio, olhando para o horizonte. Shaide era uma figura imponente quando estava ao leme. Sua longa capa preta esgueirava-se para trás e seu cabelo escuro movia-se com a brisa.

Era um dia claro incrível. O mar azul visível por quilômetros em todas as direções. Shaide, no entanto, não estava gostando. Ele estava sendo forçado a fazer algo que não queria fazer graças à incompetência de um de seus homens. Ele odiava ser forçado a fazer qualquer coisa, muito menos ter que lidar com questões que eram, em geral, bastante simples.

Há alguns dias ele recebeu a notícia de que a rebelião em Sitaria estava se tornando cada vez mais descarada. Ele disse a Kaldorn para lidar com ela de forma rápida. Kaldorn não o fez. Pouco depois, ele recebeu uma mensagem de Kaldorn avisando que haviam capturado um poderoso mago e Shaide ordenou que o mago fosse enviado para ele. Então Kaldorn o perdeu, o mago escapara. Quando Shaide recebeu aquela notícia, ficou furioso. Então, agora ia para Sitaria. Agora era forçado a lidar com isso em pessoa, e ele não estava feliz.

Shaide entregou o leme ao Primeiro-Marinheiro e desceu as escadas rumo à seus aposentos. Ser um dos Lordes Piratas vinha com certos luxos que não muitos outros possuíam. Seu navio, e seus aposentos em especial, eram um exemplo disso.

As paredes de seus aposentos eram revestidas com madeira de cerejeira polida, as extremidades esculpidas e incrustadas de ouro. No centro da sala havia uma grande e pesada mesa de carvalho e uma cadeira combinando. Uma porta ao lado levava a um quarto ornamentado com uma cama com cobertas felpudas e travesseiros de penas de ganso.

Dirigiu-se para a escrivaninha que estava coberta com uma variedade de papéis: de mapas a cartas de várias famílias reais.

Quando ele se acomodou na mesa, uma figura emergiu das sombras atrás dele. Shaide viu a figura pelo canto do olho. Ele ergueu-se, puxando a adaga ao fazê-lo. Ao ver quem era a figura, porém, soltou a adaga de imediato e caiu de joelhos.

— Lorde Aeris, minhas sinceras desculpas. Não o esperava.

O Lorde Fae apenas erguei uma sobrancelha para o pirata.

— Hmm. Evidente. — disse num tom seco e zombeteiro — Levante-se.

Shaide rapidamente fez como ordenado. Permaneceu ereto com as mãos nas costas.

— Como posso servi-lo, meu senhor?

Aeris fez uma pausa, considerando por um momento.

— Você tem a chance de corrigir um erro anterior. Espero que complete sua tarefa desta vez, sem erros.

Shaide parecia nervoso.

— Erro, meu senhor?

— Sim. Lembra-se de quando o mandei destruir aqueles filhotes? A prole de Ignis e Hibernis?

A cor sumiu do rosto de Shaide.

— Sim, meu senhor — proferiu em voz baixa —, eu me lembro.

— Bom — Aeris disse —, porque agora tem a chance de se redimir.

Shaide engoliu ruidosamente.

— Parece que depois que falhou em destruí-los, um velho os acolheu e os criou. E agora, eles são a causa de seus problemas em Sitaria.

Shaide pareceu surpreso com isso.

Um sorriso maníaco tomou conta do rosto de Aeris.

— Você está surpreso?

— Bem meu senhor, é só que relatórios indicaram que a causa da agitação em Sitaria eram dois magos poderosos que se juntaram aos rebeldes de lá.

O sorriso de Aeris tornou-se mais amplo, agora mostrando os dentes.

— Ah, sim, bem, claro que são. Você permitiu que eles crescessem. Eles são metade Fae e filhos de Reis Fae. Se permitir

que eles escapem de novo, se tornarão ainda mais poderosos do que você, Shaide.

A cor sumiu mais uma vez do rosto de Shaide e Aeris começou a rir.

— Não falhe comigo outra vez. — Com isso, ele se mesclou de volta com as sombras e partiu, mais uma vez deixando Shaide sozinho em seus aposentos.

Capítulo Trinta e Um

Falhas

O corpo de Dean parecia estar em chamas. Ele gemeu quando Erasmus o tirou de seu cavalo.

— Vamos garoto, estamos quase lá.

Ele sentiu os pés baterem no chão e conseguiu se equilibrar antes de cair.

Cambaleou por um momento. Erasmus jogou o braço de Dean sobre seu ombro e começou a arrastá-lo para a mansão.

Dean havia falhado. Ele queria ser capitão de sua própria tripulação, o que significava que precisava ser forte o suficiente para protegê-los. Mas ele não era. Ele foi muito arrogante, subestimou seu oponente e quase se matou. E a Eldric.

Isso era o pior. Eldric era seu irmão mais novo, deveria protegê-lo acima de tudo. Mas Eldric quase morreu. De novo por causa de suas próprias falhas, porque se tornou demasiado arrogante. Não voltaria a acontecer. Ele ficaria mais forte. Ele não permitiria que aqueles com quem ele se importava se machucassem por não poder protegê-los. Ele faria o que fosse necessário.

Dean olhou em volta enquanto Erasmus o puxava pela entrada e entrava na casa. Ele viu Eldric andando à sua frente. Bom, pelo menos ele podia andar sozinho. Espere, onde estava Kayleigh? Ele só conhecia Kayleigh há algumas semanas, mas havia algo nela. Toda vez que ele a via, sentia algo estranho em suas entranhas. Se algo acontecesse a ela por causa dele, ficaria devastado.

— Kayleigh? — ele murmurou para Erasmus.

— Ela está bem, está com Kalan. Os dois têm muito que conversar, imagino. — Dean resmungou, aliviado.

Ele sentiu Erasmo baixá-lo devagar em uma das camas. Ficou ali por alguns momentos, apenas olhando para o teto enquanto tentava bloquear a dor que sentia no corpo. Depois de um tempo, a dor começou a diminuir. Dean rolou de lado para poder observar Erasmus e Eldric onde estavam sentados, em duas poltronas. Eldric estava brincando com uma faca enquanto Erasmus apenas sentava, o queixo barbudo nas mãos, olhando para longe.

— Erasmus? — Dean chamou.

Erasmus assustou-se com o som da voz de Dean. Eldric se virou para olhar para ele também.

— Ah, sim, o que é?

— Bem, na verdade eu ia perguntar a mesma coisa. Você está aí olhando para o nada.

Erasmus hesitou por um momento e soltou um suspiro. A cadeira rangeu quando ele se mexeu.

— É Kaldorn, eu acredito que algo esteja errado com ele.

— Como assim? — perguntou Eldric.

— Quando estávamos saindo, me virei para ele e, quando o fiz, notei que ele parecia... diferente.

— Diferente como? — Dean perguntou com receio.

— Seus olhos haviam mudado, haviam voltado à cor que eram quando ele era mais novo. Ele olhou para mim e disse: "me ajude." E então seus olhos tornaram-se negros outra vez, e ele tentou nos matar de novo.

Dean e Eldric se entreolharam, confusos.

— Umm, tudo bem. — Eldric falou. — Então, que isso quer dizer?

— Eu não sei. — Erasmus respondeu, mais uma vez pensativo. — Mas eu tenho a sensação de que pode não ser Kaldorn de verdade com quem estamos lutando. Alguém pode estar no controle.

Dean suspirou.

— Às vezes odeio a magia.

Ele rolou para trás de costas e olhou para o teto novamente. A dor havia quase desaparecido agora. Ele ainda podia sentir, mas era

mais uma pressão chata na parte de trás de sua mente, em vez do fogo que tudo consome que antes cobria seu corpo.

Dean franziu o cenho e sentou-se. Ele havia esquecido alguma coisa na pressa de batalha e então na névoa de dor posterior, se esqueceu de algo importante. Voltou-se para Erasmus de novo.

— Onde está Rorschach?

As sobrancelhas de Erasmus se ergueram, Eldric também olhou. Era claro que também havia esquecido.

— É uma longa história. — Erasmus disse de maneira calma.

Dean caiu de volta na cama.

— Então que bom que não vamos a lugar nenhum.

Capítulo Trinta e Dois

Família

Kayleigh segurou o irmão perto dela. Ela ainda não conseguia acreditar que ele estava vivo. Lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto o abraçava. Kalan passou os últimos minutos contando a ela sobre os últimos sete anos. Como seus dias consistiam em nada além de ver Kaldorn e os guardas e os treinos de luta. Contou o inferno que fora a sua existência. Disse como sabia que tudo ficaria bem agora, porque estavam mais uma vez reunidos.

Kayleigh afastou-se dele e secou os olhos. Kalan sorriu para ela.

— Então, durante os últimos sete anos, estive por aí liderando uma rebelião contra tio Kaldorn?

Kayleigh assentiu com a cabeça.

— Ele sorriu, estou impressionada.

Kayleigh parecia envergonhada.

— Precisei, por nosso povo. Eu não poderia apenas deixá-los à mercê de Kaldorn. Ele destruiu nosso país. Desde que ele assumiu, reintroduziu a escravidão, e não houve nada além de fome, doença e crime. Eu não podia só observar e não fazer nada.

— Você sempre foi uma lutadora, nunca conseguiu ser a pequena e perfeita princesa que a mamãe queria. Lembro que ela costumava repreendê-la por isso.

Um sorriso triste cruzou o rosto de Kayleigh enquanto se lembrava de seus pais.

— Eles estariam orgulhosos de você. — Kalan disse enquanto colocava uma mão em seu ombro.

Kayleigh sorriu para ele novamente.

— Sabe o que precisamos fazer? — ela indagou — Precisamos celebrar. Venha, vamos encontrar Portas e Eros. Vamos dar uma festa.

Com isso, partiu em busca dos dois homens. Deixando Kalan a encarando.

Capítulo Trinta e Três

Chegada

Kaldorn estava parado nas docas, o vento frio soprando seus cabelos ruivos para trás dele. Ele olhou para a baía, observando as velas negras do navio de Darius Shaide se aproximarem devagar. Era a última coisa de que precisava. Shaide certamente o puniria quando soubesse da fuga de Kalan.

Pensou na batalha da noite anterior.

Ele subestimou por demais seu antigo mestre. Sabia que Erasmus foi seu superior em um momento, mas não podia supor de que ele possuía aquele tipo de poder. Estava certo de que o havia superado, mas o poder que ele exibiu na noite anterior era, talvez, maior do que o poder de Shaide.

E aqueles dois garotos, não possuíam treinamento e quase nada de controle, mas o poder bruto que demonstraram era fenomenal. A magia que usavam era estranha também, não parecia estar em conformidade com os domínios normais da magia humana. Ele precisaria descobrir mais sobre eles. Eles poderiam representar uma ameaça considerável se permitisse que continuassem a vagar livres.

Kaldorn voltou ao presente quando o grande navio deixou cair a âncora na baía. Ele viu vários barcos menores descerem em suas laterais, cheio de homens. Ele assistiu enquanto remaram na direção dele. Shaide podia ser visto com clareza, sentado na frente do primeiro barco. Isso não ia ser bom.

O barco bateu contra a doca e os homens mexeram-se para amarrá-lo ao ancoradouro. Shaide se levantou e entrou na doca, Kaldorn caiu depressa sobre um joelho, assim como os guardas ao redor.

— Meu senhor, bem-vindo a Sitaria.

Shaide olhou para ele com desdém.

— Levante-se. — ele latiu. — Temos muito que discutir para você ficar aí embaixo rastejando sobre os joelhos.

Kaldorn levantou-se num pulo. Isso, definitivamente, não seria bom.

Ele seguiu Shaide com pressa pela passarela até os cavalos que os esperavam. Shaide se lançou com facilidade sobre o grande

animal negro que o esperava. O cavalo relinchou enquanto o pirata o esporeou e virou em direção ao castelo. Kaldorn logo montou seu próprio cavalo e o colocou a galope, a fim de equiparar com Shaide.

Quando enfim emparelhou com Shaide, o homem virou-se para ele.

— Então me diga, por que agora? Por que os rebeldes estão tão ousados depois de tanto tempo?

Kaldorn engoliu em seco.

— Creio que é devido ao retorno do meu antigo mestre, Erasmus. Ele voltou para Sitaria depois de ter ficado longe por cerca de dois anos. Ele também trouxe dois outros com ele. Ambos poderosos usuários de magia.

O rosto de Shaide escureceu:

— Sim, fui avisado sobre eles.

Confusão transpassou o rosto de Kaldorn. Foi avisado? Talvez fossem mais perigosos do que pensava.

— Nada com que eu não possa lidar, meu senhor. Não havia real necessidade de vir.

— Não. — Shaide falou de modo arrastado — Você já fez o suficiente, ouvi dizer que também perdeu o príncipe herdeiro ontem à noite. Isso é verdade?

Kaldorn empalideceu. Como ele havia descoberto tão rápido?

— Sim, meu senhor Kaldorn murmurou.

Shaide o olhou com raiva.

— Você já fez o suficiente. Cuido deles a partir de agora.

Com isso, pôs seu cavalo em galope outra vez e correu em direção ao castelo.

Capítulo Trinta e Quatro

A Festa

A festa estava a pleno vapor poucas horas depois de Kayleigh sair para fazer os preparativos. Barris de vinho e cerveja estavam a postos, instrumentos foram afinados, e animais foram abatidos. A música enchia o ar toda em torno da mansão enquanto o grupo comemorava o retorno de Kalan, príncipe herdeiro de Sitaria. Cheiros deliciosos fluíam pelo ar enquanto um porco girava no espeto, pingando gordura no fogo embaixo. Homens e mulheres tropeçavam pelo lugar, bêbados devido à quantidade de bebida.

O convidado de honra, Príncipe Kalan, estava sentado em frente a um homem grande que enchia uma caneca de cerveja. Eldric tomou um gole de sua cerveja enquanto observava Kayleigh e Dean rodando e girando no ritmo das melodias. Dean, ao que parecia, havia esquecido a notícia que Erasmus dera a eles mais cedo sobre Rorschach e seu pai.

Eldric se levantou e saiu para tomar um pouco de ar. A noite estava fria, mas revigorante, perfeita para uma festa. Enquanto olhava para as estrelas, ouviu a porta se abrir atrás dele e viu Kayleigh e Dean tropeçarem para fora. Ele sorriu enquanto os dois se abraçavam, aos risos e tentando não cair no chão. Observou-os seguir tropeçando ao longo da parede até caírem em um amontoado.

Ele aproveitou a deixa e saiu antes que as coisas ficassem mais grosseiras. Eldric riu para si mesmo enquanto caminhava até o pátio em direção aos estábulos. Ele tomou outro gole de sua cerveja enquanto seguia, Dean e Kayleigh se conheciam há pouco mais de um mês, e já estavam apaixonados. Os dois pareciam pensar ter passado despercebido aos demais, mas era dolorosamente óbvio para todos menos para eles mesmos. Ele balançou a cabeça. Talvez fosse uma coisa boa para os dois.

Ele caminhou em direção aos estábulos e apoiou as costas contra a edificação. Os sons suaves dos cavalos relinchando um para o outro chegou até ele. Ele estendeu a mão e estalou os dedos,

observando como chamas surgiam nas pontas dos dedos e dançavam em sua palma. Era tão fácil agora, graças aos ensinamentos de Erasmus. Ele olhou para as chamas. Erasmus contou que ele herdara essas habilidades de seu pai. Um homem que ele ainda não conhecia.

Perguntou a si mesmo onde seu pai estaria. Rorschach sempre fora seu pai, criou Eldric e Dean desde muito novos e sempre esteve lá para eles. Mas agora ele também havia desaparecido.

Erasmus explicou o que havia acontecido nas masmorras do Praesidium mais cedo. Sobre como foi o pai de Dean que enviou o chamado e como Rorschach e Hibernis os haviam deixado para lutar contra Kaldorn como algum tipo de teste. Um que eles obviamente falharam.

Ele olhou mais fundo para as chamas tremulantes, encarando os tons profundos de laranja e vermelho que cintilavam diante de seus olhos. Quanto mais fascinado pela dança das chamas ele ficava, mais algo chamava sua atenção.

Havia algo a mais, movendo-se separadamente das chamas. Eldric saltou quando percebeu que era um olho, observando-o através do fogo. Desfez a magia que estava criando a chama que se extinguiu, levando o olho com ela.

Talvez ele tenha bebido muita cerveja. Derramou no chão o que restava em sua caneca. Estava prestes a voltar para casa, quando ouviu algo que chamou sua atenção. Era o ritmo constante de cascos galopando. Ele podia ouvir outra coisa também, logo abaixo do barulho. Parou para ouvir com mais clareza. Era alguém gritando. Correu para o portão.

— Abra o portão! — gritou o cavaleiro.

Eldric logo o reconheceu como um dos homens de Portas. Eldric correu para abrir o portão, ajudando o homem que estava de guarda lá. O cavaleiro galopou através do portão e derrapou até parar. Tanto cavalo como cavaleiro pareciam ter visto dias melhores.

Eldric correu e tomou as rédeas do homem, acalmando o cavalo. Eldric tentou ajudá-lo a descer.

— Não, sem tempo para isso. — O cavaleiro disse num tom cansado. — Tenho uma mensagem para a princesa. É urgente.

Eldric assentiu.

— Bem, venha, vou levá-lo até ela.

O homem parecia estar prestes a desabar de exaustão e não protestou mais quando Eldric o puxou para fora do cavalo e passou o braço sobre seus ombros.

— Qual é a mensagem? — perguntou Eldric enquanto voltavam para a casa principal.

Capítulo Trinta e Cinco

Momentos Roubados

Dean não pôde deixar de rir enquanto Kayleigh e ele tropeçavam para o pátio. Ambos haviam bebido muito e girar na pista de dança não os ajudou a melhorar. Cambalearam pela porta de braços dados, enquanto riam de suas próprias artimanhas. A doce melodia da música os seguiu até pátio.

Ele tropeçou e estendeu a mão livre para se firmar contra a parede. Percebeu depressa que não ia adiantar nada, então deslizou para o chão levando Kayleigh com ele. Ela soltou um gritinho quando deslizou ao lado dele.

Ambos caíram em gargalhadas e risadinhas enquanto se sentavam. Dean encostou a cabeça contra a parede de pedra fria e olhou para as estrelas. Kayleigh se apoiou contra ele. As estrelas estavam lindas, enchiam a escuridão do céu noturno com sua suave luz prateada. Como milhares de pequenas gemas brilhando acima deles. Ouviu Kayleigh soltar um suspiro de felicidade ao lado dele.

— Sabe que esse é o mais feliz que já te vi desde que cheguei aqui? — disse a ela. Ele virou para olhá-la. O cabelo vermelho escuro parecia brilhar ao luar e os olhos azuis brilhavam como as estrelas no céu. Ela era linda.

Ela sorriu para ele.

— Isso é porque é o mais feliz que já estive em... Bem, muito tempo. — ela respondeu.

Dean sorriu.

Ele continuou a fitá-la. Observou seu belo sorriso e a maneira que seus olhos cintilavam à luz do luar. Seus cabelos vermelhos que eram quase tão impetuosos como a personalidade dela, e o brilho de sua pele pálida e delicada. Ele sorriu após esse último pensamento. Kayleigh era tudo menos delicada.

— O quê? — ela perguntou com um leve sorriso.

— Nada. — ele respondeu.

Antes que soubesse o que estava fazendo, ele inclinou-se e encostou seus lábios nos dela. Eles eram macios. Os olhos de

Kayleigh se arregalaram, Dean sentiu sua hesitação, e então ela retribuiu. Empurrando os lábios contra os dele. Seu entusiasmo correspondia ao dele.

Depois de alguns momentos, eles se separaram e ficaram olhando um nos olhos do outro. Kayleigh começou a se inclinar outra vez para ele, mas Dean ergueu a mão.

— Espere. Ouviu isso?

Kayleigh torceu o nariz e os olhos se arregalaram. Ela o encarou com raiva.

— Não, é sério. — Dean disse. — Ouça.

Um ligeiro ruído chegou até eles.

— Dean, ajuda.

Eles se levantaram e olharam ao redor por um momento e então ele viu. Eldric tropeçava em direção a eles, meio carregando, meio arrastando alguém com ele. Dean e Kayleigh correram em direção a Eldric, a situação os deixando sóbrios com rapidez. A intimidade do momento anterior, esquecida.

Dean colocou seu braço sob o outro ombro do homem e ajudou Eldric levá-lo para a casa. Kayleigh abriu a porta e os dois irmãos levaram o homem para dentro. A música parou quando entraram e colocaram o homem em uma das cadeiras próximas.

— Onde o encontrou? — Kayleigh perguntou.

Erasmus veio correndo.

— Ele atravessou os portões principais, e ele e seu cavalo estavam meio mortos quando chegaram. Ele diz trazer uma mensagem para você, Kayleigh.

Kayleigh olhou para ele.

— Ele é um dos homens de Portas, não é?

Eldric assentiu. Kayleigh virou-se para os espectadores reunidos e apontou para o mais próximo.

— Corra e traga Portas, diga para vir depressa.

O homem assentiu e saiu correndo para cumprir a ordem.

O mensageiro começou a se mexer e murmurar algo. Kayleigh se inclinou para ouvir o que estava dizendo. Dean observou como seu rosto empalideceu.

— O que foi? — perguntou incerto.

— Shaide. — ela falou, sua voz pouco mais que um sussurro. —
O Lorde Pirata, Darius Shaide está aqui.

Capítulo Trinta e Seis

O Conselho de Guerra

O clima na mansão era pesado. A notícia entregue pelo cavaleiro logo acabou com os festejos. Em poucos minutos, o lugar ficou deserto. Dean olhou para os rostos sombrios que o cercavam. Poucos minutos depois de receber a notícia, convocaram um conselho de guerra de emergência. A chegada de Shaide mudava de forma considerável as coisas.

Kayleigh estava de pé na cabeceira da mesa onde todos estavam sentados. Dean olhou para ela enquanto ela batia as mãos na mesa.

— Precisamos preparar um plano de ataque. Digo que tiremos dois dias para preparar um ataque apropriado e reunir o máximo de informações possível e depois atacar.

Dean olhou em volta para os outros que estavam ali reunidos enquanto concordavam.

— Não. — ele negou — Precisamos reunir nossas forças e atacar agora. Não podemos dar tempo para que ele se prepare, ou então seremos destruídos.

— Isso é loucura. — Erasmus estourou levantando-se da cadeira. — Você não tem ideia de com quem está lidando Dean. Este homem é muito mais poderoso do que você pode até começar a imaginar. Ele vai nos destruir se aparecermos sem nenhum plano.

— Você teve sete anos para se preparar, deveria ter previsto que, em algum momento, ele interviria. Ele nunca se manteria afastado apenas observando seus generais mais valiosos sendo derrotados.

Erasmus mexeu-se em desconforto.

— Bem, sim. Sabíamos que ele viria. Só nunca achamos que fosse tão cedo. Não estamos preparados, precisamos de tempo para planejar um ataque coordenado.

Dean recostou-se e mordeu a língua. Não fazia sentido argumentar. Eles não queriam ouvir. Ele sabia exatamente com quem estava lidando. Este era o homem que assassinou sua mãe e destruiu completamente a aldeia em que ele morava. Sabia que era poderoso, e não cometeria os mesmos erros da luta contra Kaldorn.

Ele havia sido muito arrogante e quis se exhibir daquela vez. Agora, era pessoal.

Ele olhou para Eldric, mas Eldric não estava virado para ele, fitava Kayleigh em vez disso. Kalan estava sentado à cabeceira da mesa, olhando ora para Erasmus e ora Dean.

— Talvez não saiba muito sobre Shaide, mas conheço meu tio e sei que ele estará preparado para um ataque. Todos os dias nos últimos sete anos ele me ensinou a lutar, não apenas com uma espada, mas também nas condições e táticas da guerra. Kayleigh está certa, precisamos de um plano antes de meter os pés pelas mãos.

Dean recostou-se e cruzou os braços sobre o peito. Ele havia passado os últimos anos caçando esse homem, nem pensar o deixaria escapar de novo.

Kayleigh assentiu, concordando com o silêncio.

— Bom, estou feliz por estarmos de acordo, agora precisamos de um plano.

Capítulo Trinta e Sete

Cavalgada Noturna

A noite era calma e silenciosa e o ar puro e fresco. Dean fechou a porta atrás de si com cuidado, atentando-se para não fazer nenhum barulho. Quando ele puxou o último centímetro, um pequeno rangido. Dean congelou e esperou atento aos sons de que alguém o ouvira. Não havia nada. Ele puxou a porta os últimos milímetros e depois ouviu um ligeiro clique. Soltou um suspiro de alívio. Virou-se e saiu pelo pátio.

Fez uma pausa olhando para o local onde ele e Kayleigh sentaram-se horas antes e se beijado. Balançou a cabeça e seguiu em frente, lembrando-se de que estava fazendo isso para que nem ela nem ninguém se machucassem por causa dele. Atravessou o pátio e dirigiu-se para os estábulos, tomando cuidado para mover-se da maneira mais silenciosa possível.

Chegou aos estábulos e entrou, um dos cavalos olhou para cima e deixou escapar um gemido suave. Dean estendeu a mão para acalmá-lo, levando um dedo aos lábios. O cavalo se acalmou enquanto a mão de Dean o acariciava. Dean virou-se e pegou uma das selas da grade atrás dele e começou a prepará-lo.

Minutos depois, cavalgou pelo pátio, esfregando o pescoço do cavalo e pedindo que se movesse em silêncio. Ele o conduziu para o pátio em direção aos portões. Ao aproximar-se, assobiou para o guarda levantar.

— Um pouco tarde para um passeio, não é? — O guarda gritou de seu posto enquanto levantava sua lanterna para olhar para Dean.

— Tenho um assunto urgente para resolver. — Dean respondeu com um sorriso malicioso. — Volto amanhã.

O guarda retribuiu o sorriso e abriu o portão. Dean esporeou o cavalo para seguir o caminho iluminado pela lua e o forçou para um trote firme, desaparecendo na noite com rapidez.

Capítulo Trinta e Oito

Função de Guarda

Errol Flynt vinha sendo guarda da realeza havia vinte anos. Nunca se importou muito com quem estivesse no trono contanto que o pagassem. Se alguém viesse e fizesse uma oferta para desviar sua atenção, ele aceitaria o ouro feliz. Foi assim que sobreviveu por muito tempo, e era assim que pretendia permanecer vivo.

Ele recostou-se contra o muro de pedra que cercava o castelo. Gostava deste trabalho, era agradável e confortável. Fique aqui e proteja o portão, não é como se alguém fosse atacá-lo de qualquer maneira. Que idiota ataca um castelo passando pelo portão da frente? O portão era provavelmente uma das partes mais fortificadas do muro, era quase impossível de quebrar sem um exército de homens, e isso era o que os outros guardas eram de qualquer maneira. Sim, este era com certeza o melhor trabalho que você poderia ter. Fechou os olhos e relaxou, respirando o ar frio da noite.

Fazia poucos segundos que havia fechado os olhos quando a tranquilidade da noite foi interrompida por um som profano de destruição. Foi tirado de seu devaneio quando o muro tremeu debaixo dele. Ouviu gritos assustados vindo dos guardas acima dele.

Ele se virou e afastou-se devagar da parede.

— Que diabos foi isso? — ele gritou.

De repente, o barulho rasgou a noite novamente. Desta vez, viu as dobradiças do portão tremerem. Continuou afastando-se da parede, um olhar de puro horror crescendo em seu rosto conforme mais pedaços do portão caíam e tremiam com violência sob o ataque incessante. E então tudo parou.

Errol observou os homens correrem na parte de cima do muro tentando encontrar logo a fonte do ataque. Então, a noite ficou em silêncio, enquanto os homens no muro congelavam e olhavam para frente, para algo que Errol não podia ver.

— O quê? O que é? — gritou ele. Eles não responderam.

Errol ouviu com atenção por um momento e enfim escutou um ligeiro assobio.

Então sem aviso, o portão explodiu para dentro. O som que varreu a noite foi seguido por grandes pedaços de detritos. Errol abriu a boca para gritar enquanto restos voavam em sua direção. Estava morto antes que o som saísse da boca.

Capítulo Trinta e Nove

Amanhecer

Os primeiros raios de luz começavam a se mover no horizonte enquanto Dean olhava para o castelo que se erguia diante dele. Fortaleza Aldon, sede da família real e palácio que Darius Shaide ocupava agora. Ele olhou para o portão danificado da fortaleza que havia acabado de atacar com projéteis de gelo. Ele estava quase lá.

Dean concentrou sua energia nas magias que fluíam dentro dele, as concentrou como Erasmus havia ensinado, tecendo-as uma ao redor do outra. Concentrou sua mente no que queria criar, e sentiu o gelo se formar em suas mãos. Concentrou-se, aproveitando a magia em torno dele e a acumulou até que tivesse criado o que queria.

Ele segurou a bola gigante de gelo nas mãos, girou e depois a lançou pelo ar, usando sua magia para impulsioná-la como a uma bola de canhão. Ele observou o projétil ir em direção ao portão. Quando viu que estava quase lá, correu atrás. Esta seria o suficiente. Ele se moveu, observando o projétil colidir com o portão. Observou como o portão explodiu para dentro voando de suas dobradiças. Ouviu os gritos agonizantes dos homens atrás dele. Ele não se importava. Estavam entre ele e o homem que assassinou sua mãe.

Dean seguiu o portão em ruínas para o castelo. Enquanto corria pelo portão, ele se virou, disparando projéteis de gelo em cima dos homens que estavam no muro acima, matando-os antes que tivessem a chance de matá-lo. Mais guardas estavam correndo até ele, atraídos pelo barulho. Ele puxou a espada.

Chegaram até ele em segundos. Mas tudo bem. Deixe-os vir. Quanto mais cedo eles viessem, mais cedo enfrentariam suas mortes. A visão de Dean ficou vermelha quando uma raiva obscura cresceu dentro dele. Fervia ao pensar no homem que matara a mãe e ao pensar nas atrocidades cometidas por Shaide desde aquele dia.

Tornou-se mais profundo quando se voltou para si mesmo, para a sua incapacidade de manter aqueles que ele se importava em segurança, e com sua própria fraqueza. Ele retalhou os guardas sem

nem mesmo derramar uma gota de suor, a espada os cortando como um borrão. Cortando e retalhando. Rasgando em pedaços. O sangue voava pelo ar e a noite encheu-se de gritos enquanto cuidava dos guardas com rapidez. De repente, não havia ninguém que barrasse o seu caminho.

Dean parou, e sentiu a raiva começar a diminuir. Ele se virou e se moveu mais para dentro do edifício, sua mente se concentrando em apenas uma coisa. Matar Shaide.

Capítulo Quarenta

Invasão

Shaide estava sentado em uma escrivaninha escura de carvalho nos aposentos que haviam cedido a ele. Eram muito mais elaborados do que os aposentos em seus navios. Ele estava surpreso, não havia pensado que era possível, mas ao que parecia o governante de Sitaria possuía gostos caros.

Ele estudava os relatórios dos homens de Kaldorn sobre os recentes ataques rebeldes. No entanto, parecia que não havia nada de valor a ser tirado deles. Ele fez uma pausa e olhava para cima quando o chão vibrou debaixo dele. Isso foi estranho. Ele prestou atenção por um momento, mas não se repetiu. Voltou sua atenção para os relatórios.

Só faltava um, o relatório sobre o ataque ao Praesidium. Passou os olhos sem muita vontade até que algo chamou sua atenção. Estranho, haviam encontrado guardas mortos nos níveis inferiores do Praesidium, no fundo das masmorras. Mas, de acordo com o restante do relatório, os rebeldes entraram através de uma passagem secreta na sala da guarda central e a única pessoa que foi libertada foi Kalan. Eles também haviam assassinado o Minotauro de Shaide, o que não o deixou muito satisfeito, mas era algo que poderia ser substituído.

Estudou o relatório um pouco mais, atentando-se para os locais onde os guardas foram encontrados. Um pensamento cruzou sua cabeça. E se o encontraram? Não, não poderiam. Ninguém sabia que ele estava lá embaixo. Simplesmente não era possível. Estudou o relatório ainda mais, pavor crescendo dentro dele. Ele se virou para a página que continha uma descrição dos atacantes e começou a ler. Ele estava no meio da página quando seu estômago deu um nó. Ele releu a descrição para ter certeza.

O terceiro atacante era um mago de aparência mais velha. Cabelos grisalhos longos, em um rabo de cavalo, uma barba cinza cerrada e uma longa cicatriz no rosto que ia do meio de sua testa até abaixo do olho direito.

Não era possível. O homem que se encaixava nessa descrição havia desaparecido anos atrás. Ammon Immenan deveria estar morto. Mas se ele estivesse lá, então significava que, sem dúvidas, o encontraram. Isso significava que Hibernis, o Rei de Gelo dos Fae, estava livre.

Derrubou a cadeira e correu para a porta. Ele a abriu e deu de cara com um de seus guardas, prestes a bater à porta. O guarda congelou ante o olhar de raiva no rosto de Shaide. Ele logo se tornou atento.

— O que foi? — Shaide cuspiu.

— Meu senhor, o castelo está sendo invadido.

O rosto de Shaide ficou branco como papel enquanto pensava na vibração que sentira antes.

— Invadido por quem? — Shaide exigiu.

— É..., bem, aí que está meu senhor. É um homem só. Parece estar agindo sozinho. Acreditamos que é um dos rebeldes que invadiu o Praesidium. Aquele com a estranha magia do gelo.

Shaide parou por um momento enquanto processava a nova informação. Seus lábios começaram franzir quando um sorriso ameaçou se formar. Um plano começou a se formar em sua cabeça. Isso era perfeito.

— Não toque o alarme. — ele berrou — Lido com ele sozinho.

O guarda disparou uma saudação breve e saiu correndo para cumprir sua ordem. Isso era perfeito Shaide pensou consigo mesmo. A resposta a seu problema acabava de cair em seu colo. O filho de Hibernis veio até ele.

Capítulo Quarenta e Um

Ausente

A luz da manhã brilhava através das janelas da sala de jantar, dando cabo ao ar gelado da noite anterior. Quando Kayleigh desceu as escadas e entrou na sala, ela encontrou Eldric, Kalan e Erasmus já sentados, devorando o café da manhã com voracidade. Ela olhou em volta.

— Alguém viu Dean?

Os três homens levantaram os olhos da comida e olharam para ela. Todos balançaram a cabeça antes de voltarem a atenção para suas refeições. Kayleigh balançou a cabeça para eles e saiu para procurar Dean. Ela caminhou para o pátio e quando não conseguiu encontrá-lo lá, se dirigiu aos estábulos. Abriu a porta dos estábulos e entrou.

Os cavalos relincharam em saudação. Ela olhou para o estábulo onde, Geldan, o grande cavalo branco que Dean em geral escolhia era mantido. Não estava lá. Um sentimento de preocupação começou a corroer suas entranhas. Virou-se e voltou para a casa, enquanto cruzava o pátio, viu Dilan, o homem que estivera de guarda na noite anterior, dirigindo-se para a mansão.

Ela gritou para ele:

— Dilan, aguarde um momento!

Ele se virou para olhar e fez uma breve reverência quando ela correu até ele.

— Bom dia, milady. Como posso ajudá-la?

— Viu Dean sair ontem à noite?

Dilan acenou com a cabeça.

— Vi sim, ele falou que precisava resolver algumas coisas e estaria de volta esta manhã.

A preocupação dentro de Kayleigh começou a crescer. Ela correu para a casa. Atravessou a porta, a cozinha e entrou na sala de jantar. Os três rostos se viraram para olhá-la mais uma vez.

— O que foi? — perguntou Erasmus.

Ele foi embora. — Kayleigh ofegou. — Dean partiu, ele saiu de madrugada. Ele saiu para enfrentar Shaide sozinho.

Erasmus levantou-se da cadeira.

— O quê? — ele rugiu. — O idiota vai ser morto.

Kalan recostou-se, atordoado, enquanto Eldric apenas colocou a mão na cabeça e suspirou.

— E agora, o que vamos fazer?— perguntou Kalan.

Eldric se levantou e pegou a espada de onde a deixou pendurada, no encosto da cadeira.

— Vamos salvar aquele bundão, é o que faremos. — Kayleigh exprimiu entredentes.

Ela olhou para Eldric.

— Vá e chame Portas e Eros, peça que reúnam as tropas. Marchamos para Aldon em duas horas.

— Pode deixar. — ele respondeu com um aceno de mãos antes de sair pela porta.

Kayleigh virou-se para Erasmus.

— Quaisquer truques que tenha, precisamos deles. É agora ou nunca. — então, ela se virou para Kalan — Está pronto para retomar nossa pátria?

Ele assentiu com a cabeça.

— Bom. Parece que hoje é o dia em que batalharemos pelo futuro de Sitaria.

Capítulo Quarenta e Dois

O Lorde Pirata

Dean atravessou os longos corredores de pedra do castelo, uma trilha de corpos espalhados atrás dele. Sua espada pendia de sua mão direita, pingando sangue enquanto ele caminhava. Ele virou uma esquina, adentrando mais fundo no castelo. Shaide tinha que estar aqui em algum lugar. Ele fez uma pausa e olhou em volta, algo estava errado. Estava muito quieto aqui.

Um som de palmas começou a ecoar no corredor. Dean olhou em volta tentando descobrir de onde vinha quando viu um homem saindo de uma das portas. Um longo manto negro fluía ao redor dele enquanto caminhava, balançando em torno de sua figura alta. Seus olhos escuros focaram-se Dean enquanto caminhava em sua direção.

— Bem, você cresceu desde a última vez que o vi. Deve fazer quase 15 anos que matei sua mãe.

O aperto de Dean na espada intensificou-se. Então este era Darius Shaide. O homem riu. Um som profundo e gutural que arranhava os ouvidos de Dean.

— O quê? O gato comeu sua língua?

Dean não respondeu, apenas avançou em Shaide. Cada fibra de seu corpo tremia de ódio pelo homem que havia assassinado sua mãe. Nem tentou contê-lo, deixou o ódio fluir por ele, alimentando cada um de seus movimentos. Ele podia senti-lo por dentro percorrendo suas veias. Encurtou o espaço entre ele e Shaide em segundos. Trouxe sua espada para baixo e cortou o ar em direção ao pescoço de Shaide, mas o homem não estava mais lá.

Dean girou para encontrar Shaide de pé atrás dele balançando a cabeça.

— Você vai mesmo ter que fazer melhor do que isso se quiser me acertar.

Dean avançou de novo. Sentiu a magia crepitar através dele. Balançou a espada. Uma foice gelada emergiu da lâmina. Shaide fez um rápido movimento com a mão e a foice explodiu no ar. O chão

vibrou sob Dean. Ele olhou para baixo e viu pedras subindo sob seus pés. Foi jogado para trás.

O ar foi expelido dos pulmões de Dean quando ele caiu. Conseguiu se levantar, mas Shaide avançava sobre ele. Dean levantou a mão e uma parede de gelo subiu entre eles. Shaide a desfez com uma explosão de ar. Antes que Dean tivesse tempo para fazer qualquer outra coisa, Shaide estava sobre ele. Shaide virou a espada para Dean que parou.

Seus movimentos se tornaram mais rápidos. Seus pés tocavam o chão de maneira ágil enquanto dançavam. Suas espadas se tornaram um borrão de listras prateadas ao se movimentarem. O som do metal no metal encheu o ar conforme Shaide atacava e Dean defendia-se. Dean moveu-se para um lado enquanto Shaide se aproximava dele. Ganhou alguns momentos. Dean se contorceu ao redor de Shaide e o atacou por trás. Shaide virou-se e bloqueou. Sorriu para Dean que ofegava pelo esforço. Shaide, no entanto, não tinha sequer uma gota de suor escorrendo. Estava brincando com Dean.

Shaide avançou mais uma vez, investindo no estômago de Dean. Dean deteve o avanço. Shaide deu um passo para trás e cortou com a espada. Dean era muito lento e a espada rasgou seu peito. Dean gritou quando uma dor pungente alastrou-se pelo seu corpo. O sangue escorria da ferida, encharcando sua camisa.

Shaide começou a rir.

— Foi uma boa luta. De verdade que foi, mas estou ficando cansado de brincar com você.

Dean lutou para ficar de pé, a dor era insuportável. Um som alto e estridente ecoou pelo corredor quando a espada de Dean caiu no chão. Sua visão ficou turva e o mundo começou a girar diante dele. A última coisa que viu antes de tudo ficar negro, foi o sorriso de Darius Shaide.

Capítulo Quarenta e Três

É uma armadilha!

Kayleigh estava de pé, olhando para a carnificina diante dela. O sol do meio-dia castigava a Fortaleza de Aldon, permitindo que visse com clareza a extensão total dos danos. Dean deu um espetáculo no castelo, ela estava impressionada. Se o idiota ainda estivesse vivo, teria que dar os parabéns. Logo depois de gritar com ele, claro.

— Isso pode ser mais fácil do que pensávamos — afirmou ela, virando-se para olhar para Eldric e Kalan — Dean deixou a porta da frente aberta para nós.

Eldric não estava convencido. Franziu o cenho enquanto examinava a cena diante deles.

— Alguma coisa não está certa.

— Como assim? — perguntou Kayleigh.

— Prestem atenção. Digam-me o que escutam. Vocês dois.

— Não ouço nada. — Kalan disse, seu rosto confuso.

— Exato. — confirmou Eldric — Por que não há alarme? Onde estão os guardas? Ou alguém correndo tentando reparar o dano que foi feito?

Os olhos de Kayleigh se arregalaram de compreensão.

— Acha que pode ser uma armadilha?

Eldric assentiu.

— Bem, precisamos fazer alguma coisa — afirmou Kayleigh, frustrada — Não podemos ficar parados. Ele precisa da gente.

Kalan e Eldric grunhiram de acordo.

— Droga, por que ele partiu sozinho? — Kayleigh esbravejou.

Eldric virou-se para encará-la.

— Você realmente não sabe? — Eldric perguntou surpreso.

— O que você quer dizer?

A frustração de Kayleigh crescia a cada instante.

Eldric revirou os olhos.

— Fez isso para nos proteger. Não apenas você e eu, mas a todos nós. Dean não conseguiu salvar a nossa mãe quando éramos mais jovens, então agora ele tenta proteger todos os outros com

quem ele se preocupa. Quando perdeu a luta com Kaldorn no Praesidium, sentiu que falhou em nos proteger. É por isso que ele veio sem nós.

Kayleigh soltou um suspiro.

— Vocês são impossíveis às vezes — disse ela, exasperada.

Mesmo que sua reação não demonstrasse isso, por dentro, Kayleigh ficou tocada. Toda a sua vida teve a impressão de que as pessoas que se preocupavam com ela só o faziam porque ela era a princesa de Sitaria. Dean era diferente, porém, ele não se importava por ela ser uma princesa. Ele não devia lealdade a Sitaria, fazia isso porque ele gostava dela de verdade.

Ela soltou outro suspiro.

— Tudo bem, vamos salvar o nosso idiota.

Capítulo Quarenta e Quatro

Ataque

Erasmus liderou as forças rebeldes enquanto galopavam em direção aos portões da Fortaleza de Aldon. O chão tremia debaixo deles enquanto avançavam em velocidade. Erasmus fez sinal para que seus homens diminuíssem enquanto entravam na fortaleza. Examinou a área à procura de sinais de armadilha. A fortaleza estava repleta de detritos e os corpos de guardas estavam caídos. Ele se virou para Kayleigh, que apenas deu de ombros. Escolheram com cuidado o caminho por sobre os cadáveres, indo para o castelo.

À medida que avançavam, seguiam a trilha de destruição deixada por Dean. As portas do castelo estavam em condições semelhantes às dos portões. Detritos das pesadas portas de madeira estavam espalhados pela entrada. Erasmus e seus soldados ultrapassaram as portas e entraram nos corredores do castelo. Erasmus sinalizou mais uma vez, e seus homens pararam, olhando ao redor com cautela, para qualquer sinal de ataque. Foi quando o inferno se instaurou.

Capítulo Quarenta e Cinco

O Rei do Gelo

Dean estava cercado pela escuridão. Estava certo de que seus olhos estavam abertos, mas não conseguia enxergar nada. Duas pequenas luzes apareceram na frente dele. Aos poucos, cresceram tornando-se pequenas bolas de fogo, a da esquerda era azul enquanto a da direita era laranja. Estendeu a mão para a bola azul, desta vez sabendo que seria frio.

Uma risada profunda ecoou pelo vazio. Era diferente da última vez que ele estivera aqui. Agora, o riso era mais quente, e não havia malícia nele. Sentiu o riso envolvê-lo em calor. Deixou que tomasse conta dele. Seus dedos se conectaram com a bola azul e ele sentiu uma súbita onda de poder fluir através dele. Percorreu a ponta dos dedos, o braço e o corpo. O poder o encheu, seu corpo crepitou com a enorme quantidade de poder que agora retinha.

— Rá, Rá, Rá! Isso mesmo, meu garoto, abrace sua herança. Deixe o poder fluir através de você, tornem-se uma coisa só.

Dean olhou para os lados no vazio. Assim como o riso, essa voz também era diferente. Ele reconheceu. Rorschach?

Os olhos de Dean se abriram, e ele se viu olhando para um teto de pedra cinza. Sentou-se e olhou em volta, absorvendo as paredes e o chão sujos e a porta trancada. Ele estava em uma cela. Lembrando-se de como havia chegado lá, olhou para o peito. Seus olhos se arregalaram de espanto. Estava certo de que Shaide o havia cortado no peito, mas não havia nenhuma ferida lá nem mesmo uma cicatriz, na verdade, ele não sentia nenhuma dor sequer. No entanto, sua camisa ainda estava coberta de sangue.

— Incrível, não é? — uma voz ecoou.

Dean procurou pela fonte daquele som. Saltou quando viu dois homens olhando através das barras de sua cela. Eles não estavam lá há um momento. O primeiro tinha uma barba e cabelos brancos como a neve. Quando olhou mais de perto, Dean percebeu que o homem parecia uma versão mais velha de si mesmo. O segundo

rosto ele conhecia muito bem. Rorschach. Dean se pôs de pé e correu para as grades, os olhos arregalados de espanto.

— Olá, Dean — falou a figura de cabelo como a neve — Não acredito que já nos conhecemos. Sou Hibernis, seu pai.

Dean olhou para Rorschach e para Hibernis, uma e outra vez. Tentou mexer a boca, mas não conseguiu. Rorschach cutucou Hibernis.

— Certo. Talvez devêssemos tirá-lo daí. — Hibernis disse rindo.

Dean só ficou lá, com a boca aberta enquanto Hibernis segurava as barras. O gelo começou a espalhar de suas mãos, rastejando ao longo das barras de ferro. Hibernis então bateu nelas com a mão, e se partiram.

Dean enfim conseguiu falar.

— Esse truque é meu.

Hibernis riu, era o mesmo som que Dean ouviu em seu sonho, há alguns momentos.

— De fato, é meu filho. — Hibernis continuou a rir.

Dean atravessou as barras agora partidas. Ele ficou parado por um instante, olhando para o pai, sem saber como reagir. Depois de alguns segundos, simplesmente o abraçou. As sobrelhas de Hibernis subiram de surpresa. Ele hesitou por um momento antes de abraçar seu filho de volta. Rorschach recuou e observou o intercâmbio, um leve sorriso no rosto.

Quando se separaram, Dean olhou de um para o outro.

— Como estão aqui? Erasmus disse que haviam sumido quando Kaldorn apareceu.

Rorschach assentiu com a cabeça.

— Desculpe por isso, Dean, mas foi necessário. Precisávamos ver como você e Eldric se comportariam numa luta contra alguém como Kaldorn.

Hibernis colocou uma das mãos no ombro de Dean.

— Há uma guerra chegando, uma que será maior do que qualquer outra que o mundo já viu em centenas de anos. Você e seu irmão podem fugir dela se quiserem, mas não importa onde se escondam, não serão capazes de escapar.

— Que guerra? — perguntou Dean.

— A Guerra entre os Reis Fae. — respondeu Rorschach — Tudo o que aconteceu desde a última guerra Fae foi arquitetado por Aeris e Petram, os reis contra os quais lutamos na última guerra. Os Lordes Piratas têm sido sua maneira de controlar o mundo nos últimos duzentos anos sem se mostrarem. Mas agora que seu pai foi encontrado, podemos enfim pará-los.

Hibernis assentiu.

— Você e Eldric se tornarão alvos, optando por lutar na guerra ou não.

— Se isso significa acabar com os Lordes Piratas, então estamos dentro. Shaide pode ter matado a nossa mãe, mas ele fez sob as ordens de outra pessoa.

— Ótimo. — declarou Hibernis — Fico feliz em ouvir isso.

— Você deve ir agora, Dean — insistiu Rorschach — Lute com Shaide e o derrote. A primeira batalha da guerra será travada aqui, esta noite.

— Mas como devo derrotá-lo? Acabei de ser feito de brinquedo.

Um sorriso malicioso se abriu no rosto de Hibernis.

— Acho que vai descobrir que seus sonhos também têm consequências no mundo real. Tente usar seus poderes.

Dean fez o que o pai mandou e procurou sua magia, tentando criar sua espada de gelo. Quando a alcançou, sentiu que ondulava através dele. Era como uma crescente onda de poder. A mesma sensação que teve em seu sonho o tomou agora, seu corpo crepitava de poder. Ele sorriu para seu pai e Rorschach.

Outro pensamento veio à tona.

— Rorschach, quando falou sobre a Guerra dos Fae, você disse: "os reis com que LUTAMOS na última guerra". Essa guerra foi há mais de duzentos anos, como você poderia ter estado nela?

Rorschach sorriu.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, garoto. Mas agora não é o momento de contá-las. Seu irmão e seus amigos estão lá em cima, lutando para salvá-lo. Você deve ir ajudá-los, e deve destruir Shaide.

— Vão embora de novo?

— Devemos, você será capaz de cuidar disso. Temos outros assuntos a tratar.

Dean assentiu.

— Agora vá. Eles precisam de você.

Capítulo Quarenta e Seis

A Batalha

Os sons de luta enchiam os salões de Aldon. O som de espadas se aparando enchia o ar enquanto os homens duelavam, seus gritos agonizantes cortando o ar quando eram derrubados por seus adversários. Os alarmes soavam em todo o castelo, aumentando o ruído estridente.

Eldric moveu-se através da avalanche de metal, gíngando e girando enquanto duelava. Ele avançou, empurrando a espada em sua última vítima. O homem caiu ao chão com um grito e Eldric puxou a espada do estômago do homem. Dois guardas logo substituíram o que acabara de despachar. Eldric tirou a adaga do cinto. Os homens avançaram sobre ele, Eldric recuou.

Um dos homens se lançou e Eldric girou à sua esquerda, esquivando-se sob a espada do outro. Antes que soubessem o que estava acontecendo, Eldric já estava a um braço de distância. Ele enfiou a adaga no pescoço de seu primeiro oponente, sangue jorrou quando o fez. Antes que o outro tivesse a chance de se mover, Eldric passou a espada pelo seu pescoço. O homem balbuciou enquanto o sangue escorria da ferida, e formava um rio em seu peito.

Os guardas os atacaram assim que entraram no castelo mas como esperavam por isso se submeteram à emboscada com voracidade surpreendente. No entanto, ainda estavam em um número bem menor. Um som rasgante atravessou o ar seguido por mais gritos quando Erasmus convocou um raio.

Eldric olhou em volta procurando a fonte da magia. Ele logo identificou Erasmus e correu até ele. Erasmus estava na frente do salão, lançando feitiço atrás de feitiço aos seus inimigos. Kalan estava ao seu lado, despachando qualquer um que chegasse muito perto de Erasmus.

— Precisamos sair daqui. — ele gritou por causa do barulho.

Erasmus assentiu.

— Concordo, precisamos encontrar Kaldorn. É a única maneira de acabar com isso.

— Onde está Kayleigh?

Erasmus apontou o polegar por sobre o ombro de Eldric que se virou para encontrar Kayleigh abrindo seu caminho através dos guardas. Ela segurava uma faca em cada mão enquanto desviava de espadas e homens. Girou as lâminas sobre os dedos e lançou-as pelo ar em mais dois guardas. As facas encontraram seus alvos, enterradas nas gargantas dos homens.

— Vou pegá-la. Precisamos avançar agora.

Eldric forçou seu caminho no meio da batalha em direção a Kayleigh. Ele agarrou seu braço enquanto ela mandava mais facas girando pelo ar.

— Precisamos ir agora! — gritou para ela.

Ela assentiu e o seguiu de volta até Erasmus.

— Certo, então como vamos sair daqui? — perguntou Eldric.

Kalan olhou para eles.

— Erasmus, consegue criar um caminho?

— Consigo. — respondeu ele.

— Ótimo. Vá. Eu vou ficar aqui e segurar os guardas para não irem atrás de você. Já será complicado o bastante sem interrupções.

Kayleigh olhou para ele e abriu a boca para protestar.

— Não discuta Kayleigh. Alguém precisa ficar aqui e liderar nossas tropas. Eu sou o Príncipe da Coroa, esse é o meu trabalho. Além disso, você precisa encontrar Dean.

Kayleigh fechou a boca, percebendo que ele estava certo. Erasmus ergueu a espada para o ar. Um som retumbante e alto começou a ecoar pelo corredor. Ele baixou a espada. Um grande trovão dividiu o ar, abafando por completo o outro ruído. Houve uma luz forte quando um raio caiu na frente deles limpando o caminho por instantes.

Eldric, Kayleigh e Erasmus aproveitaram a oportunidade e atravessaram antes que pudessem ser interrompidos e logo adentraram nas profundezas do castelo.

Capítulo Quarenta e Sete

O Demônio Desperta

Erasmus levou Kayleigh e Eldric pelos corredores do castelo de Aldon. Fazia anos que não vinha aqui, mas estava como ele se lembrava. Kaldorn não parecia ter mudado muita coisa.

Ele virou outro corredor. Não precisava ser capaz de sentir Dean para saber onde ele estaria. Shaide o teria jogado nas masmorras, onde seria bem vigiado. Então é para lá que iam. Cada vez mais dentro do castelo.

Erasmus parou por um momento, algo não estava certo, sentiu o ar à sua volta começar a engrossar e ficar mais quente. Uma figura saiu da esquina. Kaldorn. Mas como? Ele não deveria ser capaz de senti-los. Erasmus olhou em volta.

É claro. Como pode ser tão estúpido? Eles passaram direto pela sala do trono. Por mais que escondesse sua presença, qualquer mago poderia senti-los de tão perto.

— Bem-vindo ao lar, Erasmus — disse Kaldorn. — Faz bastante tempo.

Erasmus rangeu os dentes.

— Kayleigh, Eldric, precisam encontrar Dean. Vou segurá-lo.

Eles hesitaram.

— Vão! Agora. — Erasmus rugiu.

— Tarde demais — riu Kaldorn enquanto empurrava as mãos na direção deles. As pedras sob elas se ergueram, tirando-os do chão.

— Não! — Erasmus gritou ao desembainhar a espada.

Ele cortou o ar e fogo saiu de sua lâmina. Kaldorn não teve tempo de reagir, e as chamas o acertaram no peito lançando-o ao chão. As pedras pararam de se mover e voltaram aos seus lugares.

Kayleigh e Eldric foram embora antes que Kaldorn voltasse a se levantar.

Kaldorn começou a rir.

— Bem, parece que é só você e eu agora, mestre.

— Eu sei o que você é Kaldorn, não pode esconder isso de mim. Posso ter treinado você, mas com certeza não o ensinei tudo o que

sei.

— Pode não ter me ensinado tudo Erasmus, mas se sabe o que eu sou então sabe que seus poderes não são nada se comparados aos meus.

O sorriso de Kaldorn se alargou e seus olhos começaram a ficar vermelhos como chamas. Sua voz se aprofundou, assumindo um tom mais sinistro quando avançou sobre Erasmus.

— Permita que eu lhe mostre, mestre.

Capítulo Quarenta e Oito

Ondas

Dean sentia-se diferente. Seu novo poder subia pelo seu corpo dando força e energia novas. Ele sentia o corpo todo vibrar de forma eletrizante conforme corria pelo castelo. O que quer tenha acontecido no sonho o proporcionou uma enorme quantidade de energia. Nunca havia sentido algo assim. Quando buscava seu poder antes, era como mergulhar uma piscina calma, agora era como mergulhar em um oceano em fúria. Quando o usava, o dominava, preenchendo-o com sua energia.

Ele atravessou os corredores do castelo como um borrão. Ele não sabia como, mas pressentia onde Shaide estaria. Era como se estivesse chamando por ele. Isso não importava, se Shaide estava pronto para ele, que seja. Desta vez, ele não seria tão fácil de derrotar. Virou uma esquina e parou de repente, quase dando um encontrão em seu irmão.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou olhando de um para o outro. — Você não deveria estar lutando com alguém?

Eldric pareceu surpreso.

— Você não deveria estar preso?

— Não sou sua maldita donzela em perigo, posso cuidar de mim mesmo.

— Então, quem o soltou? — Eldric perguntou.

— Rorschach e meu pai. — Dean murmurou, abatido.

Kayleigh riu dele.

— Espere. Eles estiveram aqui? — Eldric perguntou.

— Sim, mas foram embora de novo. Falarei sobre isso mais tarde. Precisamos encontrar Shaide agora e acabar com isso.

— Você também está diferente. Não posso dizer o que é, mas com certeza há algo mudado em você.

— Eu sei, tive esse sonho estranho, e quando acordei, do nada havia um poder dentro de mim. Eu posso senti-lo crescendo em mim, é incrível.

— Bem, pode me contar mais depois também, precisamos ir. Erasmus está mantendo Kaldorn ocupado, mas como você disse, precisamos encontrar Shaide.

Eles partiram em direção ao centro do castelo, onde Shaide os esperava.

Capítulo Quarenta e Nove

O Elemental e o Demônio

Erasmus virou a espada para Kaldorn mais uma vez, um ciclone em miniatura partiu rasgando em direção a Kaldorn que moveu as mãos para o lado e o ciclone deixou de existir. Lançou bolas flamejantes na direção de Erasmus que se esquivou e lançou um raio para Kaldorn. Kaldorn desviou dele. Passou por ele, acertando a parede lá atrás.

Kaldorn riu.

— Você pode fazer melhor do que isso, com certeza.

Erasmus não respondeu, apenas bateu a ponta de sua espada no chão. O chão ondulou, lançando Kaldorn para o ar. Erasmus o seguiu lançando um pilar de fogo no corpo ainda em queda de Kaldorn. Kaldorn gritou de dor ao atingir o chão. Teve problemas para ficar de pé. Seus olhos brilharam, as chamas aumentando pela raiva.

— Não pode me derrotar. — ele gritou.

Lançou as mãos na direção de Erasmus que foi derrubado por uma força invisível. O rosto de Kaldorn começou a se retorcer e contorcer com a raiva crescente. Seu corpo começou a mudar.

— Aí está você, seu desgraçado feio. Estava me perguntando quando apareceria. — Erasmus esbravejou pondo-se de pé. — Vamos, demônio! — ele gritou — Olhe para mim.

Kaldorn soltou um rugido de raiva e tentou jogar Erasmus outra vez. Mas Erasmus ergueu a espada e ficou em pé. Os dois feiticeiros ficaram de frente um para o outro em uma batalha de vontades. Erasmus estendeu a mão livre e uma bola de luz começou a se formar. A luz girava crescendo mais brilhante a cada segundo.

Erasmus lançou a bola que voou através do ar e bateu no peito de Kaldorn. Kaldorn gritou. Erasmus lançou-se contra ele. Sua espada começou a brilhar com a mesma luz verde que acabara de lançar. Kaldorn soltou outro rugido de pura raiva animal.

— Isto é o que acontece quando se faz negócios com demônios, Kaldorn. Você perde sua alma, sua humanidade.

Erasmus balançou a espada, cortando o peito de Kaldorn que rugiu e o golpeou. Erasmus saltou para trás. Ele girou para trás de Kaldorn.

— Você pediu minha ajuda. Agora é tarde demais, esta é a única coisa que posso fazer.

Com isso, empurrou a espada flamejante pelas costas de Kaldorn. Kaldorn soltou um grito sibilante quando caiu no chão tentando tirar a espada de suas costas.

— Me perdoe. — murmurou Erasmus — Não havia mais nada que eu pudesse fazer por você.

Kaldorn se contorcia no chão enquanto seu corpo voltava ao normal devagar.

— Um momento muito emocionante.

Erasmus ergueu os olhos para encontrar Shaide andando em sua direção. Tentou puxar a espada do corpo de Kaldorn.

— Ah, não se preocupe com isso, você não passa de um mosquito irritante. O prêmio de verdade está prestes a chegar.

Com isso, estendeu a mão para Erasmus e o mago foi jogado para trás. Seu corpo bateu contra a parede, um som de algo sendo triturado, e tudo ficou negro.

Capítulo Cinquenta

Salvador

Kalan olhou ao seu redor, foram superados, e muito, em número. Isso não era nada bom. Ele desviou para a esquerda e outro guarda o esperava. Deu um passo para trás do homem e o atravessou com a espada, na nuca. Ele retirou a espada e se lançou ao próximo guarda, girando enquanto isso. Sentiu a espada deslizar no estômago do homem, o abrindo. O homem gritou e caiu.

Parecia não haver fim para eles, cada vez que ele matava um, outros dois tomavam seu lugar. Ele olhou em volta e viu o número de seus homens diminuindo com rapidez. Talvez ele não vivesse para ser rei de Sitaria, afinal. Ele esperava que Kayleigh e os outros fizessem o que planejavam fazer logo. De outro modo, todos estariam mortos.

Kalan agora lutava contra três guardas ao mesmo tempo, a única coisa que o mantinha vivo eram seus intermináveis dias de treinamento. Mas mesmo ele estava começando a se cansar. De repente, uma espada apareceu na garganta de um de seus atacantes.

Já não tendo que lutar contra três de uma vez, Kalan moveu-se para a ofensiva e despachou depressa os outros dois guardas. Portas retirou sua espada do corpo do guarda que acabara de matar e foi para o lado de Kalan. Kalan não teve tempo de agradecer. Tão logo os guardas caíram, mais vieram substituí-los.

— Comigo. — Portas rugiu, sua voz cortando o barulho da batalha. — Comigo! — ele rugiu outra vez.

Aos poucos, os rebeldes restantes começaram a mover-se em direção a eles em meio ao caos. Dos quinhentos homens que atacaram o castelo, quase cem ainda estavam lutando até onde Kalan poderia dizer. Eles iam morrer aqui hoje.

Os rebeldes restantes formaram um círculo apertado. Estavam cercados por todos os lados, não havia escapatória. Cada homem lutava por sua vida e pela vida do homem ao seu lado.

— Nada menos que um milagre nos tirará dessa. — disse Kalan a Portas.

Portas apenas grunhiu.

O corpo de Kalan estava coberto de suor. Seus braços e membros queimavam, mas ele continuou a lutar. Avançando e esquivando. Empurrando e cortando. Ele olhou para o lado e observou como mais de seus homens caíam. Seu número diminuía ainda mais. Seu corpo gritava, implorando para desistir. Mas ele não podia.

Olhou mais uma vez para seus homens, observou como lutavam com tudo o que tinham. Ele não podia desistir, precisava continuar por eles. Ele era o Rei, e era por ele que lutavam. Precisava fazer alguma coisa. Então fez a única coisa em que conseguiu pensar.

Ele respirou fundo e de dentro dos pulmões, rugiu:

— Por Sitaria, pela liberdade!

Ele lançou-se para o combate, dando um empurrão final. Ao fazê-lo, ouviu um poderoso entusiasmo subir em resposta ao seu clamor. Muito mais alto do que o esperado para meros cem homens. Portas começou a rir e lançou-se para a luta. Seus homens falavam alto. Kalan virou a cabeça para olhar. Alívio atravessou seu corpo diante da visão à sua frente. Alívio e esperança. Eros havia chegado, e trouxe um exército com ele.

Kalan abrandou quando passaram por ele, com lágrimas de alívio se formando no canto dos olhos. E então parou, olhando mais de perto seus salvadores. Estes não eram soldados. Eram cozinheiros e construtores, pescadores e palheiros, carpinteiros e padeiros. O povo de Sitaria. Seu povo, eles vieram lutar por ele. Seu corpo tremeu com energia renovada, este era o seu povo e ele precisava liderá-los. Com um rugido, avançou mais uma vez para a batalha.

Capítulo Cinquenta e Um

Fogo e Gelo

Dean virou a esquina para o corredor, bem a tempo de ver Erasmus ser jogado contra a parede. Ouviu Eldric gritar atrás dele e Kayleigh ofegar. Ele cerrou os dentes. Ao som da voz Eldric, Shaide virou. Um sorriso perverso dividindo seu rosto. Quando viu Dean, seu sorriso transformou-se em surpresa.

— Você? Onde está seu pai?

— Foi embora.

— Como assim, foi embora? Consigo sentir o poder dele aqui.

Percepção tomou conta do rosto de Dean. Então era daí que veio seu novo poder, um presente de seu pai.

Dean sorriu.

— Não se preocupe, não será como da última vez que lutamos.

Shaide arregalou os olhos. Era Dean que ele estava sentindo, não Hibernis. O sorriso dele voltou.

— Não — ele falou ao puxar um tridente dourado das costas —, desta vez, a luta vai ser muito mais rápida.

Eldric e Kayleigh se aproximaram de Dean, com olhares desafiadores no rosto.

— Não conte com isso. — Dean falou enquanto buscava a magia que se enfurecia dentro dele. Ele seguiu e a tocou, e a onda preencheu seu corpo.

Shaide riu e pulou para eles, girando o tridente ao fazê-lo. O trio se espalhou. Shaide bateu o tridente no chão onde Dean estava há apenas alguns segundos antes. Dean saltou de volta para ele com a espada de gelo na mão. Ele se atirou em Shaide. Shaide balançou seu tridente num giro, aparando o golpe.

Eldric lançou uma coluna de fogo na direção de Shaide. Shaide saltou para trás e desviou para o lado outra vez quando Kayleigh jogou duas facas girando em direção a ele. Dean se aproximou de novo. Ele cortou com a espada em direção a Shaide. Shaide jogou a espada para o lado com o tridente e então bateu o cabo do tridente

no chão. O chão se abriu abaixo deles, movendo-se para além de Shaide. Dean, Eldric e Kayleigh foram jogados no chão.

Dean levantou-se cambaleando. Investiu com as mãos para Shaide, lançando um raio de gelo na direção dele. O fluxo explodiu com uma ferocidade que Dean nunca havia sido capaz de reunir antes. Shaide rodopiou o tridente, e uma explosão de ar arrastou tudo. Dean saltou em direção a ele mais uma vez, e eles travaram armas. Mais uma vez o tilintar do gelo com metal encheu o ar conforme os dois lutadores giravam um ao redor do outro.

Shaide agachou sob a lâmina de Dean e rolou para o lado quando Kayleigh lançou outra faca. Ele logo ficou de pé e investiu com o tridente para cima, para Dean. Dean desviou para o lado, evitando por pouco a arma de aparência perversa. Shaide saltou para trás quando Eldric atirou outra corrente de fogo para ele. Shaide impulsionou sua arma em direção a Eldric. Uma força invisível irrompeu diante dele o fazendo voar. Ele bateu na parede com um som retumbante.

— Não. — Dean gritou.

Ele se virou e correu para a Eldric.

Ao fazer isso, Dean viu de esguelha quando Kayleigh correu na direção de Shaide, adagas na mão. Estava a meio caminho de Eldric quando congelou ao ouvir um grito arrepiante rasgar o ar.

Capítulo Cinquenta e Dois

Tarde Demais

Kalan correu pelos longos corredores do castelo. Ele lembrou com facilidade o caminho através de sua velha casa. Seu corpo era preenchido com uma nova energia enquanto seu exército tomava o castelo de volta, corredor a corredor, cômodo a cômodo.

Assim que os reforços chegaram foram capazes de derrotar depressa as forças remanescentes de Kaldorn. Agora Kalan os levava através do castelo, procurando os outros. Portas e Eros haviam conduzido seus próprios grupos, cada um para uma parte diferente do castelo. Uma estranha euforia tomou conta de Kalan, quando ele começou a perceber que, por fim, hoje seria o dia em que teria de volta o que foi roubado deles há anos. Que havia sido tirado deles com sangue, fogo e morte. Agora, finalmente, eles a haviam recuperado.

Kalan foi tirado de seu devaneio esperançoso quando um grito de gelar o sangue encheu o ar. O som da batalha era cheio de gritos e súplicas de homens morrendo, mas havia algo diferente neste. Ele o cortou como uma faca fria, esfriando sua alma. Um sentimento de pavor o dominou enquanto corria para investigar a fonte. Veio de algum lugar à frente dele.

Correu pela esquina e entrou na sala de onde o som havia saído. Ele congelou, seu corpo se recusando a se mover quando seus olhos registraram a cena diante dele. Sua mente se esforçou para encontrar alguma explicação para o que via. Soltou um grito angustiado ao cair de joelhos.

Capítulo Cinquenta e Três

Último Suspiro

O Demônio estava no chão, morrendo. Conseguia sentir sua força aos poucos deixar seu corpo. Não podia se mover, no entanto, a morte não conseguia reclamá-lo. Ainda não. A voz no fundo de sua mente começou a rir. Os sons de batalha arrastavam-se ao seu redor, mas agora eram ruídos ao fundo. Distantes e desconexos.

— Está rindo? Vai morrer comigo.

— Eu sei. — Kaldorn respondeu — Mas, pelo menos você não estará livre para destruir tudo o que eu tentei proteger.

O Demônio deu uma risada divertida

— Não, mas voltarei um dia. Sempre volto. Sempre vai haver algum jovem tolo que anseia por poder e vai me libertar de minha prisão de fogo para consegui-lo.

A voz continuou a rir.

— Não desta vez demônio. Por que acha que ainda está aqui preso comigo?

O Demônio fez uma pausa, ele estava certo. Este corpo estava morrendo, sua forma espectral deveria ter retornado ao mundo do mortos já. Alguma coisa estava muito errada.

— O que você fez? — ele sibilou.

A voz riu.

De repente, um grito penetrante cortou através do ar, abafando todos os outros sons. O Demônio usou o que lhe restava de força para abrir os olhos. A visão diante dele o encheu de júbilo. Já que iria morrer, então, pelo menos esta era a última coisa que veria. Pelo menos, ele poderia torturar seu receptáculo uma última vez.

— Não! — gritou a voz.

O grito reverberou em sua mente com tanta força que começou a sentir-se escorregar, devagar, para o segundo plano enquanto seu hospedeiro forçava seu caminho de volta ao controle. Isto deveria ser impossível. Ele estava morrendo, o que estava acontecendo? Ele assistiu aterrorizado, indefeso enquanto o mundo começava a se distanciar cada vez mais. Sua visão turvou e a audição tornou-se

entorpecida conforme ele deslizava mais para baixo, tornando-se o espectador mais uma vez.

Capítulo Cinquenta e Quatro

O Príncipe de Gelo

O grito rasgou o ar. Atravessou Dean como uma lâmina quente. Um sentimento de pavor tomou conta dele ao se virar. Ele assimilou a cena diante dele, encarou horrorizado. Raiva e tristeza ferveram dentro dele, enquanto continuava a olhar a cena que se desenrolava.

Shaide estava parado diante dele, o tridente no ar, triunfante. Kayleigh estava pendurada em sua ponta. Seu corpo mole balançava acima do chão, sangue escorrendo com força pelos dentes da arma, que estava enterrada bem no peito da princesa.

Uma represa se rompeu dentro dele, e a magia que se enfurecia dentro dele agora explodiu ao deixar escapar um rugido de angústia. Sentiu a energia ser expulsa para o exterior, enchendo cada centímetro de seu corpo e além. Uma onda de ar gelado transbordou de seu corpo. A sala encheu-se de gelo, e neve e girava em torno de Dean. Shaide virou-se para encarar Dean, largando o corpo de Kayleigh no chão e puxando o tridente dele. O sangue dela escorria pela ponta, formando círculos congelados no chão.

O rosto de Dean era uma máscara de raiva. Ele levantou a espada. Estava diferente. Maior. Era uma lâmina mais maligna. Dean rugiu e investiu em direção a Shaide. Ele girou sua espada para ele com toda a força de sua raiva. Shaide bloqueou mas foi impulsionado para trás.

Dean começou a inundar Shaide de golpes. Sua espada, um borrão de gelo. Shaide bloqueou cada movimento, seu Tridente girando em torno dele conforme Dean o atacava por todos os lados. O chão abaixo dele tornou-se escorregadio conforme pedaços de gelo formavam-se sob os pés de Dean.

Um olhar de medo esgueirou-se no rosto de Shaide ao escorregar um pouco. Ele recuperou o equilíbrio. Mas foi tarde demais. Dean saltou por cima dele, girando no ar. Antes mesmo de

Shaide ter a oportunidade de se mover, Dean trouxe a espada atravessando suas costas, rasgando um corte através de seu corpo, saindo do ombro direito e correndo abaixo. Shaide tropeçou para frente pela força do golpe e gritou.

Dean se adiantou e investiu com sua espada. A espada trespassou o peito de Shaide, perfurando fundo seu coração. Dean assistiu com satisfação Shaide cair de joelhos, um olhar de choque no rosto. Dean tirou a espada do peito de Shaide, e o corpo sem vida do pirata caiu no chão gelado ao lado de Kayleigh. Dean observou como o corpo de Shaide estava delineado por um halo de sangue. A raiva diminuiu com lentidão, substituída por tristeza. Ele caiu de joelhos, a adrenalina deixando seu corpo. Ele rastejou para onde Kayleigh estava, segurou a mão dela e então, começou a chorar.

CONTINUA...

SOBRE O AUTOR

Stefan M. Nardi cresceu com uma dieta saudável de livros, livros e mais livros (com certeza havia alguns pirulitos e outras porcarias também). Ele leu seu primeiro romance de fantasia, Deltora Quest quando tinha seis anos de idade. Por coincidência, foi na mesma época que seu pai o sentava na frente da TV e colocava Star Wars no videocassete. A partir daí ele foi fisgado, devorou cada livro de fantasia e ficção científica, programa de televisão e filme em que conseguisse colocar as mãos. Ele agora é um nerd autoproclamado e pode ser encontrado na maioria dos dias com os olhos colados a uma televisão ou bem preso nas páginas de um livro.

Depois de escrever muitos primeiros capítulos horríveis de várias histórias que, em geral, acabaram na lata do lixo, em 2015, com a avançada idade de 21 anos, ele conseguiu chegar ao segundo capítulo de uma história (e depois terminar) e lançou sua primeira série de fantasia "Crossbones".

Ele vive atualmente em Brisbane, Austrália, com sua carinhosa namorada (Oi querida!) E seus pais e irmão maravilhosos. Ele agora também se sente como uma daquelas pessoas irritantes que falam sobre si mesmas na terceira pessoa o tempo todo e vai parar agora. Ele promete.

Agradecimentos

Muito obrigado por ler o meu livro!

Se você chegou até aqui, então já é uma das minhas pessoas favoritas no mundo, junto com quem diabo inventou bombons de manteiga de amendoim (se foi você me avise, vou colocá-lo direto no topo da lista).

Há só mais uma coisa que eu agradeceria caso tenha um minuto...

Se você gostou da história, ou mesmo se você meio que gostou, por favor, deixe um comentário!

Como um autor publicado de forma independente, resenhas significam o mundo para mim. Com tantos grandes escritores por aí tentando ser notados, resenhas são uma das melhores maneiras conseguirem isso.

Escrever é minha paixão e meu sonho e eu sempre vou fazer isso, mas quanto melhor meus livros se derem, melhor eu me saio e mais eu posso escrever. Então, se você gostaria de ler mais da minha escrita no futuro, por favor, tome um minuto para deixar seu comentário.

Muito Obrigado,
Stefan M. Nardi



empty

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

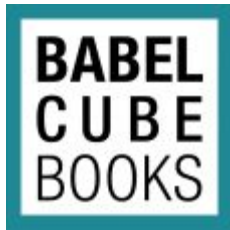
Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!



empty

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com